

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
POSGRAP – PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PPGS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ANGÉLICA FERREIRA DA SILVA

JUVENTUDES, HIP HOP E POLÍTICAS PÚBLICAS NA GRANDE ARACAJU

São Cristóvão – SE

2020

ANGÉLICA FERREIRA DA SILVA

JUVENTUDES, HIP HOP E POLÍTICAS PÚBLICAS NA GRANDE ARACAJU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

ORIENTADOR

Prof. Dr. Frank Nilton Marcon

2020

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Silva, Angélica Ferreira da

S586j Juventudes, hip hop e políticas públicas na grande Aracaju /
Angélica Ferreira da Silva ; orientador Frank Nilton Marcon. – São
Cristóvão, SE, 2020.

105 f. : il.

Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal
de Sergipe, 2020.

1. Sociologia. 2. Juventude - Aracaju(SE). 3. Jovens - Política
governamental. 4. Hip hop (Cultura popular). 5. Cultura popular -
Sergipe. I. Marcon, Frank Nilton, orient. II. Título.

CDU 316.346.32-053.6(813.7)

ANGÉLICA FERREIRA DA SILVA

JUVENTUDES, HIP HOP E POLÍTICAS PÚBLICAS NA GRANDE ARACAJU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Frank Nilton Marcon

Defendido em 24 de Julho de 2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Frank Nilton Marcon
PPGS – Universidade Federal de Sergipe
PRESIDENTE

Prof. Dr. Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia
PPGA – Universidade Federal de Sergipe
MEMBRO EXTERNO

Prof. Dr. Marco Aurélio Dias de Souza
PPGS – Universidade Federal de Sergipe
MEMBRO INTERNO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à FAPITEC e à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe pelo financiamento da presente pesquisa, como também a oportunidade de participação em eventos que me proporcionaram um olhar aprimorado ao meu objeto de estudo.

A toda a equipe do Programa de Pós-graduação em Sociologia - PPGS, especialmente a banca examinadora desta dissertação, composta por Marco Aurélio e Luís Gustavo, e, além destes, ao meu orientador Frank Marcon pelas orientações, conselhos e por acreditar em mim. Seus ensinamentos, elogios e até mesmo as críticas foram fundamentais para o meu desenvolvimento acadêmico.

Não posso deixar de citar todos os meus colegas de sala, em especial José Domingos, Marília, Xavier e Felipe, que estiveram comigo durante esta jornada. Além desses colegas de sala, agradeço a Raíssa Freitas, que também foi discente do PPGS, pelo incentivo no início do mestrado e pelas orientações recebidas durante todo o meu processo de pesquisa.

Agradeço ainda aos militantes e integrantes do Hip Hop, que permitiram que esta pesquisa fosse realizada. Sem a disponibilidade e aceitação desse público, o estudo aqui presente não ganharia vida e não teria a oportunidade de levar a diversas pessoas a realidade vivenciada por uma cultura encantadora.

Agradeço, por fim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a construção desta dissertação, entre eles, familiares, amigos e ao meu companheiro. Muito obrigada por acreditarem e apostarem em mim.

RESUMO

Partindo da percepção do aumento da atuação política das juventudes no Brasil na luta, elaboração e aplicação de políticas públicas, o presente trabalho consiste em analisar as formas pelas quais os jovens militantes do Hip Hop da grande Aracaju/SE buscam a inserção de suas práticas nas ações ofertadas pelo poder público. Tal fato se dá pelo importante papel de transformação social exercido pela cultura, sendo capaz de resgatar, educar e incluir socialmente jovens que passam por situações de vulnerabilidade e risco social. Estas considerações foram confirmadas por meio da observação direta e entrevistas com os integrantes e militantes do Hip Hop, de forma individual e coletiva, nas cidades de Aracaju, Barra dos Coqueiros e Nossa Senhora do Socorro. Além disso, foi possível conhecer ainda, por meio de entrevistas, como o Hip Hop é reconhecido e desenvolvido em seus territórios. Deste modo, para a compreensão do estudo proposto, foi necessária uma revisão literária sobre as juventudes através de autores relevantes como Boghossian e Minayo, Feixa, Abramo, Sposito e Carrano, Hall e Jefferson, Melluci, sobre o protagonismo juvenil entendido sob a ótica de Boghossian e Minayo, Gohn, Filho, entre outros; e também sobre o cenário passado e presente das políticas públicas de juventudes no Brasil, utilizando autores como Gohn, Sposito e Carrano. A metodologia aplicada durante a fase teórica e empírica foi de grande relevância para a análise do presente estudo, quando pude entender as dinâmicas da atuação política de jovens ligados ao Hip Hop na grande Aracaju por meio de revisões bibliográficas, observação direta e entrevistas.

PALAVRAS-CHAVE: Hip Hop. Atuação Política. Políticas Públicas para Juventudes.

ABSTRACT

Starting from the perception of the increase in the performance of youth politics in Brazil, the application and application of public policies, or the present work, is analyzed as the ways in which the young hip hop activists of the great hip hop group in Aracaju / SE exhibit their practices in the actions offered by the government. This fact gives the important role of social transformation played by culture, being able to rescue, educate and socially include young people who go through situations of vulnerability and social risk. These considerations were confirmed through direct observation and interview with members and members of Hip Hop, individually and collectively, in the cities of Aracaju, Barra de Coqueiros and Nossa Senhora do Socorro. In addition, it was possible to learn, through interviews, how Hip Hop is recognized and developed in their territories. This way, in order to understand the proposed study, a literary review of youths was carried out by relevant authors such as Boghossian and Minayo, Feixa, Abramo, Sposito and Carrano, Hall and Jefferson, Melluci, among others; on youth protagonism carried out from the perspective of Boghossian and Minayo, Gohn, Filho, among others; and also about the past and the present scenario on public policies of youth in Brazil, using authors such as Gohn, Sposito and Carrano, among others. The methodology applied during the theoretical and empirical phase was of great relevance for the analysis of this study, when it is understood as the dynamics of the youth policy applied to Hip Hop in Aracaju, through bibliographic analyzes, direct analyzes and interviews.

KEYWORDS: Hip Hop. Political Performance. Public Policies for Youth.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACESSUAS – Programa Nacional de Promoção ao Acesso ao Mundo do Trabalho

ALPV – Aliados pelo Verso

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social

CONJUVE – Conselho Nacional de Juventude

DJ – Disc Jockey

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EUA – Estados Unidos

SEJESP – Secretaria de Juventude e Esporte

MEC – Ministério da Educação

MC – Mestre de Cerimônia

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONG's – Organizações Não Governamentais

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PL – Projeto de Lei

PT – Partido dos Trabalhadores

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

SESI – Serviço Social da Indústria

SINAJUVE – Sistema Nacional de Juventude

SNJ – Secretaria Nacional de Juventude

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| Imagem 01: Apresentação do evento “Som de Quebrada” realizada pelo Presidente Estadual da Nação Hip Hop Brasil, Mc Hot Black..... | 80 |
| Imagem 02: Roda de conversa com militantes do Hip Hop sobre o “Movimento Hip Hop Preto de Sergipe” | 81 |
| Imagem 03: Batalha de Rima durante o evento realizado pelo BC movimento..... | 82 |
| Imagem 04: Roda de Conversa com mulheres do Hip Hop de Sergipe..... | 83 |
| Imagem 05: Mulheres do Hip Hop que fizeram parte de grupos de discussão no Fórum Nacional de Mulheres do Hip Hop | 85 |
| Imagem 06: Cartaz de divulgação da Semana Municipal de Hip Hop e Dia Municipal do Reggae..... | 87 |
| Imagem 07: Debate entre Mulheres no evento “Ocupe Mulher”, sendo uma das programações da Semana Municipal do Hip Hop e dia municipal do Reggae..... | 91 |

LISTA DE TABELA

| | |
|---|----|
| Tabela 01: Quadro demonstrativo de eventos realizados pelos militantes do Hip Hop da grande Aracaju..... | 79 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO I: HIP HOP, JUVENTUDE E PODER | 18 |
| 1.1 Revisando os estudos sobre juventudes..... | 19 |
| 1.2 O Protagonismo Juvenil e o Hip Hop..... | 23 |
| 1.3 O Hip Hop e suas diferentes facetas culturais e políticas..... | 27 |
| CAPÍTULO II – ATUAÇÃO POLÍTICA, POLÍTICA PÚBLICA E HIP HOP..... | 32 |
| 2.1 Políticas Públicas de Juventudes e o Hip Hop | 33 |
| 2.2 Políticas Públicas para Juventudes na Grande Aracaju..... | 44 |
| 2.3 Atuação Política dos militantes do Hip Hop Sergipano | 52 |
| CAPÍTULO III – DE QUEBRADA EM QUEBRADA: O CENÁRIO ATUAL DO ENGAJAMENTO POLÍTICO DOS JOVENS MILITANTES DO HIP HOP | 58 |
| 3.1 A face da atual militância do Hip Hop na grande Aracaju..... | 61 |
| 3.2 Empoderamento, Resistências e Política Pública..... | 69 |
| 3.3 Os bastidores dos eventos de Hip Hop na grande Aracaju..... | 79 |
| QUADRO DEMONSTRATIVO DE EVENTOS REALIZADOS PELOS MILITANTES DO HIP HOP NA GRANDE ARACAJU | 80 |
| CONCLUSÃO..... | 93 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 98 |
| APÊNDICES | 102 |
| TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA | 103 |
| ROTEIRO DE ENTREVISTA DESTINADO AOS JOVENS MILITANTES E INTEGRANTES DO HIP HOP NA GRANDE ARACAJU..... | 104 |
| ROTEIRO DE ENTREVISTA DESTINADO AOS REPRESENTANTES DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDES NA GRANDE ARACAJU | 106 |

INTRODUÇÃO

O interesse em analisar a atuação política de jovens militantes do Hip Hop em Aracaju, que buscam a inserção de suas práticas nas ações ofertadas pelo poder público, surgiu através do contato que tive com este público no ano de 2012 para a construção de minha monografia na área de Serviço Social. O estudo foi realizado no intuito de conhecer como se davam as manifestações do Hip Hop em Aracaju. Depois de concluída aquela pesquisa, foi evidenciado que o Hip Hop é constituído como um instrumento de inclusão social na capital do estado de Sergipe, destacando-se principalmente na periferia e destinado às juventudes do local.

Contudo, além da relevância social observada através das manifestações do Hip Hop, observou-se durante a pesquisa um discurso político por parte dos militantes. Um discurso de luta pelo reconhecimento, autonomia e valorização de suas práticas culturais. Além do discurso falado, também são utilizados os discursos visual, por meio do grafite, corporal, por meio do Break, e musicado, por meio do Rap, sendo este último elemento um dos grandes destaques do Hip Hop, em que os Mc's cobram verbalmente do poder público, além das garantias de seus direitos, a valorização e a inserção de sua cultura a partir de políticas públicas condizentes com suas práticas. Suas motivações são as dificuldades diárias vivenciadas em suas comunidades, incluindo deficiências nas áreas de educação, saúde, lazer, cultura, renda e segurança pública.

De acordo com o estudo que realizei no ano de 2012, como também leituras feitas nesse período, observei que o público militante do Hip Hop é composto em sua maioria, mas não apenas, por jovens do sexo masculino, negros, de classe baixa e residentes em periferias. Com isso, é importante dizer que essas categorias são relevantes para a compreensão dos modos e objetivos de participação social desses indivíduos pela busca por garantias de direitos.

As juventudes aparecem como os atores principais do presente estudo, destacadas pelo modo de vida e comportamento, em que proponho uma análise sobre a origem, as formas, os espaços e os demais indivíduos que interagem no campo da disputa. A partir disto, nota-se que atualmente vem crescendo a discussão voltada às juventudes, que passaram a ser o centro de debates em diversos ambientes, seja dentro do convívio familiar, na mídia, nas escolas e universidades, seja pelo poder público, entre outros espaços de discussão.

Nas periferias das cidades é possível encontrar um alto índice de violação de direitos dos cidadãos que ali habitam, destacando as juventudes. Sposati (1998) salienta que é o modo de produção capitalista, a partir de sua acumulação, que exclui os indivíduos que não se enquadram na visão produtiva do capital. Neste sentido, a fome, violência, desemprego, entre outras violações, estão sempre presentes na vida das famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco social.

Músicas oriundas da periferia, a exemplo do Rap, trazem narrativas das consequências sofridas pela globalização, mostrando as dificuldades de moradores das periferias. Desta forma, Moassab (2011) vem exemplificar através da letra de Rap, do Rapper GOG, a realidade diária de muitos indivíduos que sofrem com o descaso do governo. Com base nesta afirmação, abaixo trago uma das músicas do Rapper GOG que retrata as violações de direitos sofridas por muitos cidadãos periféricos.

Acionaram de novo o gatilho/ e o barulho ouvindo deixou um pai sem seu filho / ou um filho sem pai / a ordem dos fatores aqui tanto faz / matemática na prática / subtração feita de forma trágica / onde a divisão é o resultado / e a adição são os problemas multiplicados[...] todas as noites quando acordo olho o telhado do barraco/ e junto às orações que faço/ imagina se o futuro fosse hoje seria complicado / muito complicado / minha mulher na beira do fogão, só cansaço / meu filho um moleque sem espaço / eu a um passo do fracasso / com um salário que se coloca no papel, ladrão / mal daria a cesta básica e o aluguel [...] tudo isso é uma cadeia uma grande teia prepara a fuga / sou meu próprio carcereiro e a chave minha conduta [...] a matemática na prática é sádica / reduziu meu povo a um zero a esquerda, mais nada / uma equação complicada / onde a igualdade é desprezada. (GOG)¹.

A rima acima retrata uma realidade vivida por muitos, em que o Estado contemporâneo, como diz Dupas (2001), não valoriza políticas públicas de bem-estar social e de emprego, direcionando esta responsabilidade aos próprios indivíduos sociais que devem procurar caminhos de sobrevivência no mundo capitalista. Deste modo, com as grandes taxas de desemprego, que geram baixa renda e exclusão social, aumentam também as taxas de violência e outros riscos postos à população.

O Estado aparece como o principal interventor nas situações apresentadas acima, com o objetivo de favorecer melhores condições de vida à sociedade, destacando os indivíduos e famílias com pouca estrutura financeira. Essas ações dos governos deveriam ser

¹ Letra da música “Matemática na Prática” de autoria do Rapper GOG. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/gog/matematica-na-pratica.html>>.

desenvolvidas através de políticas públicas que estimulassem a prática da cidadania, oferecendo condições mais justas e favoráveis ao desenvolvimento pessoal e coletivo de todos, mas isto nem sempre acontece de forma adequada e abrangente.

Como as juventudes, o Hip Hop e as políticas públicas são os temas centrais do presente estudo, é importante direcionarmos o olhar para as ações em que o Estado possa propor formas de incentivo ao desenvolvimento social, cultural, econômico e profissional desses jovens. Com isto, o foco deste trabalho serão as políticas públicas voltadas para as juventudes na tentativa de conhecermos suas trajetórias, conquistas e desafios.

As políticas públicas de juventudes proporcionam o fortalecimento dos jovens no que diz respeito a sua atuação, suas escolhas, seus julgamentos e suas formas de relacionamentos. Do mesmo modo que os fortalecem para que saibam enfrentar e resistir às pressões advindas da sociedade, os empoderando e protegendo seus corpos físicos e mentais (GROPPO, 2016).

Há críticas sobre as falhas do Estado acerca da ineficiência ou até mesmo ausência de políticas públicas direcionadas às juventudes, principalmente periféricas. O fato é que se nota a tentativa de inserção de ações voltadas às juventudes nas políticas públicas. Mas o foco deste estudo é compreender de que modo tal inserção ocorre. A categoria “Juventudes” deve ser elemento integrante nas abordagens do Estado que se referem à construção e manutenção de políticas públicas, propondo ações, programas, projetos, entre outras atividades, em seu favorecimento, que promovam a valorização de costumes, estilos de vida, comportamentos, ambições, entre outros. Deste modo, é necessária uma intervenção do Estado de forma efetiva que, além do favorecimento de atividades culturais, crie propostas eficazes para a política. É a partir desse contexto que as juventudes, ao se sentirem prejudicadas pela ausência de ações governamentais, utilizam sua própria participação política como ferramenta de luta por melhorias.

Memmi (1985, apud OLIVEIRA, 2013) apresenta a participação política como fruto de uma produção cultural, geográfica e política que tenta colaborar ou controlar a gestão do Estado. Ela aparece como uma ferramenta utilizada pela sociedade na busca por democracia e demais formas de inserção no meio social. Contudo, a falta de participação política acarreta uma falha no exercício da cidadania, visto que, por diversos aspectos como os culturais, comportamentais, psicológicos, idade, escolaridade, entre outros; indivíduos sociais podem não ser favorecidos com o poder que possuem.

A participação política das juventudes tem sido alvo de grandes discussões e debates a nível nacional e mundial. Segundo Boghossian e Minayo (2009), a categoria possui um grande potencial produtivo na elaboração de políticas públicas, porém ainda é necessário fortalecer os canais de incentivo a este modo de reivindicação, pois ainda é notória a baixa participação social em canais ofertados pelo Estado, a exemplo dos Conselhos e Fóruns.

Boghossian e Minayo (2009) afirmam que os grupos de jovens que ganham mais destaque na busca por direitos são aqueles ligados ao meio artístico, ao lazer, à espiritualidade, à ação solidária, ao combate à discriminação e violência. Em tal contexto, os jovens ligados ao movimento Hip Hop realizam ações de grande importância para a periferia das cidades, visto que, de acordo com a concepção de Santos (2012, apud DURANS, 2014), trata-se de um movimento político-cultural que possibilita o fortalecimento da identidade social coletiva, como também uma consciência crítica relacionada à reflexão e intervenção na realidade vivenciada diariamente no intuito de transformá-la. As práticas culturais transmitidas por meio dos elementos do movimento (Rap, Grafite, Break, DJ) possibilitam resgatar e valorizar a essência e a resistência de uma população sofrida pelo descaso do Estado na busca por melhorias sociais.

Para Marcon e Filho (2013), por exemplo, um dos principais destaques da cena do Hip Hop em Sergipe é a inserção de jovens em atividades culturais e de consciência política, em que eles próprios buscam mudar suas realidades. É neste intuito que a problemática do estudo proposto parte inicialmente da compreensão do discurso de jovens militantes do Hip Hop que buscam reconhecimento de sua cultura como instrumento de transformação social, visto que eles, em seus discursos e práticas culturais, reivindicam a inserção da cultura Hip Hop nas ações ofertadas pelo poder público.

Para compreender o tema, foi necessária uma investigação sobre o que se passa por trás do cenário de luta por tal inserção, conhecendo os caminhos, as redes de relações, os desafios, como também as conquistas já alcançadas pelos jovens militantes do Hip Hop na grande Aracaju. Para tanto, procurei responder às seguintes questões: Quais os caminhos percorridos pelos jovens militantes do Hip Hop para a inserção de suas ações dentro das políticas públicas em Aracaju? De que modo o Hip Hop é visto pelos gestores das políticas públicas? Quais os desafios encontrados pelos jovens militantes do Hip Hop na construção e inserção nas políticas públicas? Quais as conquistas alcançadas pelos jovens militantes do Hip Hop?

A partir dos pontos citados no parágrafo acima, o objetivo da pesquisa consiste em compreender as formas de empoderamento dos jovens militantes do Hip Hop que buscam incentivo do poder público para o fortalecimento de sua cultura. Os objetivos específicos consistem em: 1) Identificar os integrantes/militantes e coletivos de Hip Hop situados na grande Aracaju que atuam para a construção de políticas públicas; 2) Conhecer a forma de inserção e interação dos jovens que se interessaram pelo Hip Hop na grande Aracaju; 3) Conhecer as propostas e objetivos do Hip Hop em seu processo de inserção na construção de políticas públicas na grande Aracaju; 4) Analisar a construção, o desenvolvimento e os reflexos dos eventos promovidos pelos militantes do Hip Hop na grande Aracaju; 5) Analisar as formas de trabalho dos gestores públicos no desenvolvimento de práticas voltadas às juventudes; 6) Conhecer as conquistas e desafios enfrentados pelos jovens militantes do Hip Hop quando buscam incentivos do poder público.

Com base nos objetivos acima, a metodologia que adotei para compreender o presente estudo ocorreu em 5 (cinco) etapas: Inicialmente, no intuito de conhecer a realidade do meu objeto de pesquisa, foi necessário realizar um estudo bibliográfico sobre juventudes, políticas públicas, protagonismo juvenil e Hip Hop, no qual utilizei autores como: Abramo, Sposito e Carrano, Pais, Boghossian e Minayo, Groppo, Feixa, Moreno e Almeida, Moassab, Marcon e Filho, Hall e Jefferson, Melluci, Feixa, entre outros.

Após a compreensão de como são tratados os assuntos acima, realizei uma pesquisa pré-campo entre os meses de abril e maio, através da rede social Instagram (rede social digital mais utilizada pelo público estudado), para identificar eventos de Hip Hop de cunho político na grande Aracaju que seriam lançados durante todo o ano de 2019. Após esta fase, entre os meses de maio e setembro, realizei observação direta nos eventos identificados como ações de cunho político com o objetivo de identificar integrantes do Hip Hop engajados politicamente na grande Aracaju, além de fazer um levantamento de ações voltadas ao empoderamento político do Hip Hop. A quarta etapa do estudo se deu após a identificação dos integrantes do Hip Hop que se destacavam na militância pela inserção de suas práticas dentro de políticas públicas. A partir disto, com base nos meus problemas de pesquisa, realizei entrevistas semiestruturadas com 8 (oito) integrantes e militantes do Hip Hop e, além disto, entrevistei 4 (quatro) representantes de políticas públicas de juventudes da grande Aracaju. Assim, a quinta e última etapa da metodologia aplicada neste estudo é a análise configurada a partir das minhas questões de pesquisa, que visam compreender a evolução do Hip Hop na grande

Aracaju dentro de um contexto político destinado à valorização da própria cultura como meio de propagar direitos a toda sociedade.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado de “Hip Hop, Juventude e Poder”, trago uma discussão sobre as faces do Hip Hop e suas representatividades, buscando compreendê-lo dentro de uma lógica voltada a manifestações culturais realizadas por um público predominantemente jovem. Contudo, para o entendimento de tal questão, é necessário primeiramente conhecer como as “juventudes” eram compreendidas no passado e como, ao longo do tempo, passaram a ser consideradas público prioritário, garantindo proteção, como também potencialidade de erguê-las como protagonistas de suas próprias histórias.

No segundo capítulo, intitulado “Atuação política, política pública e Hip Hop”, trato a partir do protagonismo exercido pelas juventudes, e especialmente pelos jovens militantes do Hip Hop, da maneira pela qual tal categoria encontra-se sendo potencializada através do poder público, visto que entre as pautas mais reivindicadas pelos militantes do Hip Hop estão as políticas públicas eficazes na prevenção e proteção de problemáticas, como também políticas que visualizem o desenvolvimento social, cultural, educacional, econômico e político. Assim, serão expostas as principais ações desempenhadas ao longo do tempo pelo Estado, voltadas às juventudes, por meio de programas e projetos, tanto em nível federal como estadual, a partir da construção de uma interlocução entre o passado e o presente, exposto por meio do campo empírico. Além disto, trago a discussão da atual gestão de políticas públicas da grande Aracaju com o intuito de compreender a visão que cada representante possui no desenvolvimento das juventudes, em especial as juventudes ligadas ao Hip Hop.

Por fim, o terceiro capítulo, “De quebrada em quebrada: Cenário atual do engajamento político dos jovens militantes do Hip Hop”, foi desenvolvido após a aproximação ao campo empírico. Após identificar e traçar o perfil de jovens, grupos e coletivos de Hip Hop engajados politicamente na grande Aracaju, busquei compreender as formas de inserção, permanência e interação dos jovens que militam a favor do Hip Hop na grande Aracaju. A partir disto, analiso os principais desafios e conquistas destes jovens que buscam reconhecimento do poder público por meio das ações desenvolvidas, principalmente a partir dos eventos que protagonizaram na grande Aracaju.

CAPÍTULO I: HIP HOP, JUVENTUDE E PODER

No presente capítulo tratarei do conceito de juventudes em sua forma individual e coletiva, buscando fazer uma análise de como esta categoria é vista, compreendida e potencializada pela sociedade. Com base nisso, será importante a discussão sobre as suas dinâmicas comportamentais, suas maiores demandas, anseios e seus discursos mais frequentes.

As juventudes se expressam, dialogam, interagem e se manifestam de diferentes formas, contudo, é importante ressaltar que no presente estudo busco focar na análise das ações desenvolvidas por jovens que visam empoderamento, autonomia e melhorias. Este diálogo se tornará um fator facilitador para a compreensão do meu objeto de estudo, o qual se trata da busca pela valorização de práticas culturais em políticas públicas com a participação de determinados jovens.

Exemplifico citando que a cultura, a música, o estilo de vida e o lazer são elementos de interesse cotidiano de alguns jovens, que podem utilizá-los de forma dinâmica, coesa e firme na busca por seus ideais, e também como instrumentos para visibilizar seus maiores anseios e violações de direitos. Essas expressões artísticas, além de fortalecer suas identidades, também se transformam, em diálogo com o público, em diferentes formas de luta por meio de elementos que antes eram utilizados apenas para o entretenimento e hoje são reformulados a fim de construir ações de melhorias.

Nesse contexto, o Hip Hop será trazido como um desses elementos de transformação social, especialmente para as juventudes que se apropriam das práticas culturais para se empoderar e proporcionar melhores condições de vida tanto para elas quanto para a sociedade em que vivem. Essa cultura pode ser considerada um novo movimento social, um estilo de vida ou um instrumento de participação social e política. Seja qual for sua dinâmica, sua maior relevância é o empoderamento, proporcionado pela música, pela arte ou pela dança, que oferece aos jovens força para lutar por uma sociedade mais igualitária e justa.

Assim, para o entendimento das questões apontadas acima, dividirei o capítulo em três partes, trazendo minha concepção diante dos estudos de importantes teóricos das Ciências Sociais que tratam dos conceitos postos às juventudes ao longo do tempo, suas formas de atuação e interação dentro da sociedade, além de manifestações (artísticas e culturais) desenvolvidas por jovens que adentram em um cenário político pela busca por direitos.

1.1 Revisando os estudos sobre juventudes

Atualmente há um grande número de discussões voltadas ao tema das juventudes, seja por meio de veículos midiáticos, nas escolas e universidades, no meio familiar e entre as instituições políticas, seja por meio de serviços, programas e projetos. No que diz respeito aos estudos acadêmicos, são várias as áreas de conhecimento que trabalham com o conceito de juventudes, contudo focarei nas contribuições a partir das Ciências Sociais, na qual diferentes autores já realizaram inúmeras revisões e entendimentos sobre este conceito.

Gostaria, então, de começar trazendo o entendimento de Boghossian e Minayo (2009), que sintetizam as diferentes facetas e aplicações do uso da expressão juventudes. Dizem:

Define-se a juventude como fase de transição da infância para a vida adulta (Ribeiro, 2004); por especificidades fisiológicas e psicológicas (Coimbra e Nascimento, 2003); pelas atividades às quais se dedicam os jovens, como educação e trabalho (Costa, 2000); por características e atitudes, tais como criatividade e rebeldia (Novaes, 2006); como período de exposição a condições de agravo à saúde – drogas, gravidez precoce, violência (Berquó, 1999) e, finalmente, por um duplo papel social: o de “motor” de mudanças na sociedade e o de desagregação de valores e estruturas tradicionais (Cardoso e Sampaio, 1995; Abramo, 1997). (BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009, p. 413).

Em uma perspectiva antropológica, as juventudes surgem como fruto de uma construção social relacionada a um determinado tempo e espaço, sendo elaborada de acordo com as condições postas pela sociedade e fortalecida através de processos identitários. Ou seja, a ênfase dada à noção de juventude, nesta perspectiva, leva em consideração que a ideia de transição da infância para a fase adulta é uma caracterização da juventude como etapa da vida, embora este seja um parâmetro implícito e presente como tal, a partir da sociedade moderna ocidental, quando ligado à ideia de que esta é uma fase da vida que está relacionada ao processo de busca por emancipação familiar e autonomia financeira e ideológica frente aos considerados adultos. Por outro lado, é uma forma de identificação pessoal e coletiva que se constrói nas relações cotidianas, levando em consideração a idade biológica, o comportamento e as sociabilidades (FEIXA, 1999).

De acordo com Pais (1990), as juventudes são compreendidas sociologicamente como integrantes de um mesmo grupo social pertencente à mesma fase da vida, nas quais existissem semelhanças em suas características e modos de exposição. Ainda segundo Pais (1990), as juventudes passaram a ser vistas pelas Ciências Sociais em geral como um grupo social

heterogêneo devido à diversidade de situações vivenciadas por elas, em relação às diferentes classes sociais e econômicas, diferentes interesses, diferentes ocupações, entre demais aspectos que as caracterizariam.

Concordando com uma das situações acima, Doutor (2016) explica que as juventudes expressam diversos tipos de demandas, passando a serem destacadas a sua pluralidade e heterogeneidade. Deste modo, entendo que não existe apenas uma juventude, mas, sim, diferentes juventudes, motivo este que pelo qual uso a palavra no plural. São múltiplas formas de se viver essa fase da vida, em função da diversidade social dos jovens, em termos econômicos, étnicos, de gênero, de classe e de estilos de vida.

Ao longo do tempo, no decorrer do século XX, o olhar dos estudos sobre as juventudes foi se modificando, e passaram a ser compreendidas mais por meio de suas ações, comportamentos e vontades. Isto pode ser melhor entendido a partir do estudo de Abramo (1997), no qual a autora analisa a cronologia dos estudos sobre juventudes e identifica que o tema passou por várias fases e ressignificações, passando, por um lado, por entendimentos estigmatizados do jovem como problema social, associado à criminalidade, à pobreza, à indisciplina e à rebeldia política; e, por outro lado, aos estudos mais conceituais do ser jovem como processo, associados à agência e ao protagonismo transformador destes sujeitos na sociedade, no âmbito geracional e da alteridade.

José Machado Pais (1990), a partir de uma ampla revisão bibliográfica dos estudos sobre jovens e juventudes, destaca que a partir de meados dos anos 1950, dois modelos analíticos ou perspectivas de análise sobre o tema se tornaram mais comuns nas Ciências Sociais e afins. O que ele passou a denominar de corrente geracional e corrente classista.

A *corrente geracional* relacionaria as juventudes a uma determinada fase da vida interligada a um processo de continuidade e descontinuidade que interfere no desenvolvimento deste determinado grupo. Para essa corrente, as juventudes fazem parte de uma “cultura” integrada a outras gerações, mas nem sempre em concordância, gerando assim descontinuidades intergeracionais. Em tal entendimento, as juventudes seriam socializadas por meio de instituições sociais específicas, a exemplo da escola, criando suas próprias crenças, valores, normas e símbolos distintos em cada época na qual se vive tal fase da vida (PAIS, 1990).

Para Pais (1990), a corrente *classista* entende que as juventudes se apresentam como classe social, por meio de uma cultura de resistência, enfrentando as problemáticas voltadas a

elas. “Por outras palavras, as culturas juvenis seriam sempre ‘soluções de classes’ a problemas compartilhados por jovens de determinadas classes sociais” (PAIS; 1990 p. 158). Desta maneira, o autor expõe ainda que essas “culturas” juvenis, pelo fato de assumirem uma postura de resistência às problemáticas postas a elas, adquirem um significado político diante de suas atitudes.

Alguns autores também tentaram demonstrar que seria possível a articulação entre as duas correntes. A partir da noção de subcultura, surgida das pesquisas realizadas no âmbito do Centre for Contemporary Cultural Studies, em Birmingham, no início dos anos 1970, os estudos sobre grupos de jovens que se comportavam e se apresentavam esteticamente diferentes com relação aos seus pais, mas também com relação a outros grupos de jovens, possibilitaram a articulação entre classe e geração. Os estudiosos passaram a observar também os rituais dos grupos, a relação entre consumo, comportamento e relações de poder entre os próprios jovens e entre eles com relação aos adultos.

Feixa (1999) e Pais (1990) dirão mais adiante que mais do que subculturas, no sentido de infraculturas ou no sentido de resistência, o comportamento, os rituais, o consumo e o modo de ser dos grupos de jovens, em tempos e espaços específicos, podem ser entendidos como culturas juvenis. E que os diferentes grupos de jovens criam e expressam seus estilos de vida conforme o tempo livre e o espaço que ocupam. Além disto, acreditam que as estratégias, a vida cotidiana, o ócio e a atuação social e política dos jovens também são compreendidos como fatores relevantes para a construção de identidades e modos de vida associados às juventudes.

Na obra *Rituais de Resistência*, de 1974, Hall e Jefferson (2014) diziam que a maior interação entre os jovens acaba por permitir um sentido de consciência coletiva, de estilo, poder, de classe e de ideologia política. Os autores ainda dizem que há jovens que mesmo apresentando realidades diferentes podem possuir identidades coletivas semelhantes, visto que, para além da maneira com a qual se vestem, falam, interagem e consomem, podem apresentar as mesmas críticas políticas e sociais geracionais.

É desta forma que ao longo do tempo vão surgindo grupos que se destacam através de novos conceitos, atitudes e expressões, quando já não partilham da mesma ideia de seus precursores. Tal fato ocorre quando novas demandas sociais, políticas, econômicas e culturais surgem, atraindo um novo público para a contestação ou apoio dos fatos que ocorrem na sociedade. Assim, surgem as “culturas juvenis”, com uma nova modalidade de resistência,

que pode ter conexões sociais de classe com seus predecessores, assim como com seus contemporâneos etários, ou pode ter neles a representação da alteridade.

Segundo Melluci (1997, p. 9): “Estilos de roupas, gêneros musicais, participação em grupos, funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para outros”. Ou seja, ao passar do tempo os interesses das juventudes vão se modificando e assemelhando-se a outros indivíduos que pensam, agem e sentem da mesma forma que eles. Além disto, de acordo com o autor, o sentido de coletividade vivenciado pelas juventudes é exercido em momentos divididos cada qual com suas regras, experiências e interações pré-definidas a partir do que é posto como certo para este público.

Melluci (1997) traz ainda a ideia de que as juventudes estão ligadas a distintos grupos sociais e de estilos de vida, fazendo com que introduzam e reproduzam aquilo que é adquirido por meio das relações interpessoais que vivenciam a partir de suas escolhas e afinidades sociais. Assim, ressalto mais uma vez que os meios de comunicação, a escola ou o trabalho, as relações, o lazer e o consumo são formas interligadas ao modo com o qual as juventudes experimentam o fortalecimento de suas identidades, visto que aderem a certos grupos de estilo de vida. Feixa (1999) ainda afirma que os jovens resistem melhor em grupo do que sozinhos, quando interagem com indivíduos semelhantes a eles, além de estabelecerem iguais condutas de acordo com o que acham correto.

Trago como exemplos, citados por Hall e Jefferson (2014), os Teddy Boys, Mods, Skinheads e os Rastas como partes de subculturas juvenis que discordavam e resistiam a situações diferentes das suas realidades. Suas posturas, vestimentas e linguagem eram compreendidas de maneira conflituosa e afrontosa, além de mostrar por meio de símbolos seus ideais políticos, sociais e culturais. Específico, portanto, os grupos de Teddy Boys, apontados por Hall e Jefferson (2014), para mostrar seu estilo de vida pós-guerra, quando aderiram uma postura conflituosa para reafirmar seus valores, lutando pela classe trabalhadora britânica residente em bairros pobres. Além destes, posso citar um grupo juvenil que vem se destacando ao longo do tempo, atribuindo aos seus participantes posturas artísticas, culturais e políticas pelas quais buscam o lazer, o entretenimento e a participação social e política.

Entendo, enfim, que ser jovem é possuir questionamentos, posicionamentos e atitudes junto a indivíduos que partilham da mesma vivência. Portanto, como conclusão deste subcapítulo, ressalto primeiramente que as juventudes, como categoria cultural e socialmente

construída, transformam suas atitudes, comportamentos e objetivos ao longo do tempo, a fim de buscar a valorização de seus princípios e modos de vida em uma época. Este fato faz com que tal público expresse, por vezes, comportamentos contrários ao que é estabelecido como convencional pela sociedade adulta em geral, o que as vezes pode ser rotulado, estigmatizado ou criminalizado. Contudo, compreendo enquanto pesquisadora que não devemos demarcá-las por suas atitudes a partir de nossos estranhamentos, mas, sim, buscar o entendimento de que suas ações podem ser provenientes dos desafios e privações vivenciadas diariamente em um tempo e em uma condição social distintos daqueles nos quais vivenciamos a etapa do ser jovem em nossas vidas.

1.2 O Protagonismo Juvenil e o Hip Hop

Tratando o protagonismo como um dos pontos mais relevantes do presente estudo, o significado desta palavra, de acordo com Gohn (2005), vem do grego e pode ser compreendido como “o lutador principal de um torneio”. Mais tarde, protagonismo se tornou uma palavra comum no mundo teatral e na trama literária. Já as Ciências Sociais se apropriaram da palavra direcionando-a para a compreensão das ações sociais. A autora coloca o protagonismo como ação que potencializa a transformação de cidadãos em sujeitos de poder, muitas vezes como sujeitos coletivos.

Como discussão central deste subcapítulo, entendo o protagonismo juvenil como sendo as ações de sujeitos que se reconhecem como jovens e atuam coletivamente como sujeitos de direitos e responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento. A noção de protagonismo juvenil surge com força maior em meio às organizações do terceiro setor que trabalhavam com jovens pobres na década de 1990. Essas organizações atribuíram ao público em questão a possibilidade de destaque sobre a construção de sua própria autonomia, visto que os jovens, diante de suas demandas, passavam a defender seus próprios interesses (SOUZA, 2009b). Assim, segundo Silva e Ximenes (2019), foi se tornando cada vez mais comum a apropriação da palavra protagonismo em discussões feitas por lideranças, gestores públicos, professores, educadores, entre outros agentes ligados ao desenvolvimento de ações para as juventudes.

A ideia de participação social, muitas vezes, encontra-se atrelada à noção de protagonismo, no entanto, Silva e Ximenes (2019) apontam que há uma dicotomia entre elas.

Há situações em que a participação nega tal atuação, como, por exemplo, quando o jovem é manipulado em suas ações por adultos ou quando jovens participam de maneira simbólica de ações governamentais devido ao não interesse em determinados assuntos compreendidos como “feitos para os jovens”. O fato é que protagonizar é atuar em um ambiente democrático, a partir da autonomia, autoconfiança e autodeterminação. Neste sentido é que se considera que as juventudes vivem uma condição de protagonismo quando participam efetivamente dos seus próprios processos de construção de identidade e projeto de vida.

A busca por participação e por autonomia é um dos pontos mais requisitados pelas juventudes quando se sentem reprimidas, desvalorizadas e excluídas de decisões relevantes para sua vida individual e comunitária. Vale ressaltar que, conforme Silva e Ximenes (2019), a conquista da autonomia é criada coletivamente, através do exercício do fortalecimento identitário, das ações do sujeito social e por meio das decisões e compromissos dos jovens. O que pode ser cultivado a partir da confiança oferecida por indivíduos que possuem o papel de orientação, a exemplo dos educadores ou professores, que ao ditarem tarefas, lançam o desafio dos jovens articularem ações por conta própria.

É diante da fusão entre participação social e autonomia que as juventudes compreendem e exercem seu poder em busca de direitos. Ou seja, entende-se que o protagonismo conquistado pelas juventudes remete a um método educativo para a cidadania, que induz as juventudes a compreenderem as violações que as atingem. Tal método educativo se refere ao jovem participante em negociações benéficas para si e para todos ao seu redor. Para tanto, “O indivíduo/voluntário/participante ativo/cidadão/ator social/protagonista é efeito do discurso, mas também é seu portador ativo, na medida em que incorpora, materializa e coloca em funcionamento esse mesmo discurso que o domina e controla” (SOUZA, 2009b, p. 23). Desta maneira, entendo que a ideia de protagonizar vai além da negociação e deve ser entendida articulada à compreensão do jovem como ator social, ou seja, agente formulador e transformador de realidades, sendo ele próprio, individual ou coletivamente, capaz de tal ato.

Ressalto, dessa forma, a importância das políticas públicas para as juventudes, principalmente aquelas que, como ponto de partida, viabilizem e estimulem o empoderamento dos jovens, no sentido de propor o desenvolvimento das juventudes através da criação de oportunidades para que possam exercer suas agências. De acordo com Boghossian e Minayo (2009), isso pode acontecer através da criação de espaços e canais de participação política e social das juventudes em escolas, espaços comunitários e sociais, onde se discutam formas de buscar melhorias a partir dos próprios sujeitos e de seus interesses.

Segundo Boghossian e Minayo (2009), para que o processo de construção de políticas públicas para as juventudes se concretize é necessário que haja a busca pelo fortalecimento de identidades, em que por meio da atuação dentro de determinados grupos ou movimentos sociais os jovens criem alianças com outros jovens que tenham objetivos em comum, unindo forças para o alcance de determinados fins. Ou seja, a construção de ações governamentais, apesar de ser um direito de todos, é construída a partir de debates, críticas e levantamento de propostas realizadas pela sociedade civil.

A base do fortalecimento de indivíduos pode ser compreendida através do processo exercido pela agência que conduz jovens (ou grupos) a protagonizar e traçar seus próprios caminhos. A noção de agência aqui citada, na concepção de Ortner (2007), pode ser atrelada à ideia de resistência, pelo condicionamento de atuações diante das desigualdades, ou seja, entendendo que o poder de ação que é construído culturalmente por indivíduos pode ser a ferramenta para o enfrentamento dos desafios encontrados por muitos.

A resistência demonstrada pelos jovens, em especial os da classe trabalhadora, segundo a concepção de Filho (2005), pode ser visualizada através de suas buscas constantes pela sobrevivência e disputa de espaços dentro de grupos, em instituições e na sociedade. A ideia de resistência aqui apresentada pode vir de um processo de subordinação que ocasionou problemáticas de cunho social, econômico e cultural e que por meio de signos os desafios eram enfrentados. Contudo, os jovens nem sempre possuem forças para continuar em um processo de resistência em uma sociedade excludente e injusta. Deste modo, muitos jovens passam a atuar por meio de formas alternativas, através de costumes culturais ou até mesmo pelas formas de consumo, fazendo reafirmar suas identidades, seus objetivos e sua força.

Cito, portanto, o Hip Hop, uma das bases centrais do presente estudo, como exemplo de uma forma de manifestação alternativa das juventudes em sua busca por protagonismo social. Mais adiante descrevo com maior particularidade como isto ocorre, mas por hora gostaria de destacar que é por meio das práticas deste movimento cultural e político que muitos jovens da periferia encontram meios de legitimar suas expressões artísticas e discursos de contestação, bem como falar das situações vividas, das suas emoções e desafios. Segundo Simões, Nunes e Campos (2005), é através do Hip Hop que muitos jovens se sentem parte de algo no sentido cultural e político.

A partir das expressões do Hip Hop, denominada de elementos, no campo da expressão do Grafitti, da Rap, do Break e do DJ, entre outras, jovens desprovidos de acessos

às tecnologias e aos espaços de produção formais e de mercado, encontraram técnicas e meios criativos para se expressar por eles mesmos e para eles mesmos, construindo um caminho de luta e fortalecimento que muitas vezes os conduzem a melhoria de vida econômica e social. Quando exercida sua atuação política, eles expressam críticas que denunciam situações de vulnerabilidades ocorridas em seu território de ação. Tal fato, ativa o modo protagonista desse público quando se posicionam diante de violação de direitos, fazendo com que exerçam seus papéis enquanto cidadãos em prol de uma sociedade mais justa e igualitária (BARBOSA, 2017). Eles vão do “faça você mesmo” no campo da arte para o “faça você mesmo” no campo da política. Esta é uma importante característica do Hip Hop, que seduz diferentes jovens de periferias pelo mundo, e possibilita a construção de uma expressão, uma crítica social e uma reivindicação social autônomas.

Diante da situação exposta no parágrafo acima, entendo que atos de resistência são praticados por jovens do Hip Hop na cobrança da valorização de sua cultura por meio de suas manifestações simbólicas que buscam inserir pautas em canais ofertados pelo poder público. Tal conquista pode ser concretizada quando esses jovens ganham autonomia e conseguem inserir a cultura juvenil dentro de políticas públicas que se tornam benéficas não apenas para o eles, como também para toda a sociedade.

Portanto, finalizo este subcapítulo expondo que diante do que foi tratado neste estudo, se torna importante incentivar que os jovens discutam, proponham e participem de decisões postas à sociedade. Tal fato oferece aos jovens autonomia para intervir em situações que ocorrem diariamente em seus territórios, visto que eles de fato conhecem caminhos e estratégias para o enfrentamento de violações.

Além do que foi apresentado no parágrafo acima, determinados jovens possuem ferramentas simbólicas, a exemplo do Hip Hop, de propagação educativa que facilita a comunicação com os demais indivíduos, corroborando, desta forma, com a resolução de problemáticas devido a aproximação de realidades. Assim, no decorrer desta dissertação, tentarei demonstrar de maneira ampla como os jovens envolvidos com o Hip Hop na grande Aracaju constroem seu próprio protagonismo, ao tempo que buscam junto ao Estado garantias de atenção, reconhecimento, visibilidade, participação e recursos.

1.3 O Hip Hop e suas diferentes facetas culturais e políticas

O Hip Hop é um fenômeno sociocultural dos mais importantes surgidos nas últimas décadas. Ora classificado como um movimento social, ora como uma cultura de rua, o fato é que o Hip Hop hoje mobiliza milhares de jovens das periferias das grandes cidades brasileiras. Suas formas de expressão – a batida do rap, os movimentos do break e as cores fortes do grafite – são apenas os signos visíveis de uma enorme discussão que ferve entre esses filhos das várias e imersas desigualdades da sociedade brasileira a respeito da identidade racial, de possibilidades de inserção social, de alternativas à violência e à marginalidade. Em menos palavras, o Hip Hop é a resposta política e cultural da juventude excluída. (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001, p. 3).

O Hip Hop surgiu em meio a profundas situações de vulnerabilidade social, na cidade de Nova Iorque, no bairro de South Bronx, onde viviam várias famílias negras e hispânicas no final dos anos 1960 e início da década de 1970. Devido às disputas imobiliárias na região e as sucessivas desapropriações, o Bronx se tornou um local de grandes revoltas e riscos sociais, crescendo o tráfico de drogas, os assassinatos e os assaltos. Posteriormente, no Bronx foram construídas grandes avenidas, shoppings centers, um vasto comércio, entre outros. Com isto, os indivíduos que ainda restavam na localidade estavam sendo cada vez mais excluídos, dando espaço para novas estruturas. Porém, alternativas surgiam na tentativa de constituir possibilidades de autoafirmação e lazer, oferecendo assim uma oportunidade de melhorias para aquela população. O Hip Hop, portanto, foi uma das alternativas através da qual se buscava o progresso para aquela comunidade, visto que por meio de suas práticas denunciavam a privação de direitos naquele local, como também buscavam por lazer, já que no Bronx foi desconstruída toda a essência de uma comunidade (DURANS, 2014).

No Brasil, as primeiras manifestações do Hip Hop apareceram em São Paulo, na década de 1980, por meio de expressões de jovens da periferia, que lutavam por igualdade, ocorridas no metrô de São Bento e na Praça Roosevelt. Ali, eles se manifestavam artisticamente alertando sobre as violações que passavam, a exemplo de: políticas de educação, segurança, saneamento básico e lazer ineficazes (MOASSAB, 2011).

Moassab (2011) traz que na época apontada acima já se notava o descontentamento e revolta de alguns integrantes do Hip Hop, os quais começavam a militar também pela valorização de sua cultura. Já no ano de 1988, notou-se um maior avanço e valorização do Hip Hop no País, sendo inserido em atividades educacionais nas periferias, incentivando assim o surgimento de vários grupos de Hip Hop. Em 1992, foi lançada a primeira revista em âmbito nacional voltada a tal cultura, chamada “Pode Crê!”, que se tornou uma referência

positiva junto à juventude da periferia, pois propagava para toda a sociedade o Hip Hop como sendo uma ferramenta rica em informação, cultura, lazer e estilo de vida. Esse fato ocasionou um maior conhecimento sobre a cultura, ganhando simpatizantes, fazendo com que o Hip Hop fosse se fortalecendo e se desenvolvendo.

Para tanto, apesar dos avanços do Hip Hop no Brasil, Souza (2009) retrata que em 1990 os grupos ainda se apresentavam, na maioria das vezes, em locais fechados, como em clubes, ONG's, escolas e centro comunitários, já que ocupar o espaço público para dançar, cantar e se divertir era sinônimo de perturbar a ordem pública, podendo assim serem autuados pela polícia. Com isso, ao ocuparem tais ambientes, os grupos de Hip Hop aliavam-se às causas que ali eram desempenhadas, passando a participar de campanhas, palestras e ações de cunho social e político, destinados ao público que, em sua grande maioria, residiam nas periferias.

Em São Paulo, foi através de campanhas, palestras e ações realizadas nos espaços abordados acima que o Hip Hop começou a aparecer como uma ferramenta de protagonismo social para os jovens da periferia. Moassab (2011) diz que essa é uma das características reconhecidas pelos adeptos do Hip Hop, citando uma entrevista em que Afrika Bambaataa² fala dos objetivos de seus criadores:

[...] quando nós criamos o hip-hop, o fizemos esperando que seria em função da paz, do amor, união e diversão e que as pessoas se afastariam da negatividade que estava contaminando nossas ruas [...]. Embora essa negatividade ainda aconteça aqui e ali, à medida que a cultura cresce, nós desempenhamos um grande papel na resolução de conflitos e no cumprimento da positividade. (Entrevista com Afrika Bambaataa citada por MOASSAB 2011, p. 53).

Nota-se que a prática da cultura Hip Hop no Brasil está presente em diferentes cidades e é dentro de suas periferias que ganha maior destaque. Essas práticas são desenvolvidas por meio da formação de pequenos ou grandes grupos, organizados em coletivos, sendo alguns deles denominados de “posses”, que desenvolvem estudos, eventos, arte, educação, resistência e luta por direitos. Especificamente sobre as posses, dizem Marcon e Filho (2013) que estas são “um movimento formado por várias pessoas e grupos envolvidos com a cultura Hip Hop, articulados por uma associação formal ou informal, marcadas por princípios comuns, por

2 Segundo Moassab (2011), Afrika Bambaataa é considerado o criador do Hip Hop.

realização de reuniões, eventos e atividades coordenadas e coletivas” (MARCON, FILHO, 2013, p. 1-2).

Dentro das periferias, o Hip Hop se destaca como estilo de vida habitual entre os jovens, a partir de práticas culturais associadas às expressões artísticas de rua, mas também é entendido como ação política. Rocha, Domenich e Casseano (2001), concordando com isto, definem o Hip Hop como um movimento social que segue uma ideologia que valoriza a juventude, dando-se ênfase à juventude negra, que sofre inúmeras situações de exclusão econômica, educacional e racial, encontrando-se em vulnerabilidade e risco social.

Martins (2012) nos traz outro entendimento, visualizando o Hip Hop como uma ferramenta educativa, através da qual se exercem funções políticas capazes de transformar a vida de muitos cidadãos. Neste sentido, o Hip Hop passou a ser um estilo de vida, carregado de referências simbólicas que enfatizam histórias de resistência à opressão através das experiências das culturas de rua, pela arte da poesia, da música, da expressão corporal e do grafite, se tornando uma forma de ser dos indivíduos para protagonizar a transformação de suas próprias vidas.

Por meio do estilo de vida, o Hip Hop consegue expor sua expressividade política, cultural e artística. Filho (2003) explica que o estilo de vida é uma escolha feita de forma individual, possuindo influências coletivas através do interesse por atitudes, comportamentos, padrões de consumo ou mercadorias.

Em primeiro lugar, o estilo de vida tende a indicar um modelo puramente “cultural”: é constituído por imagens, representações e signos disponíveis no ambiente midiático e, em seguida, amalgamados em performances associadas a grupos específicos. Em segundo lugar, qualquer pessoa pode, em tese, trocar de estilo de vida, ao mudar de uma vitrine, um canal de televisão, uma prateleira de supermercado para outra. (FILHO, 2003, p. 74).

Nesse contexto, a partir do estilo de vida escolhido pelos jovens do Hip Hop, destaco um de seus elementos para exemplificar como tal cultura aborda de maneira simbólica questões do cotidiano das periferias. Trata-se de expressões artísticas utilizadas pelo público como ferramentas de denúncia de violações de direitos sofridas. Com isto, trago o Rap como o elemento de maior destaque devido a composição de letras marcantes e fortes, para tanto, é válido ressaltar que os demais elementos (Break, Grafite e DJ) também possuem expressões de suma importância.

O Rap é a forma em que são expressas a sonoridade e a melodia das músicas e de letras que tratam do cotidiano em que vivem os autores, muitas vezes fazendo forte crítica social ao poder público e as desigualdades sociais. Na concepção de Silva (1991, apud Hinkel e Prim, 2009), o elemento Rap não é apenas um estilo musical, mas, sim, parte integrante de um movimento político, sendo que, por meio das letras das músicas, os Mc's propagam seus anseios e angústias vivenciados no dia a dia.

O rap, como se sabe, não é neutro. Tem a sua origem na insatisfação, é um grito de revolta, uma fala de denúncia, um som que fere ouvidos eruditos, mas que, como se diz de vez em quando, precisa ser ouvido. Não é ouvido, claro, porque em geral a fala que vem da periferia é ignorada por quem mora fora dela. Ou é ignorada até onde isso for possível. De qualquer forma, o “discurso” da periferia tem chegado ao centro, e de forma às vezes muito gritante e incisiva. Assim, apesar de toda a situação difícil, (há) um clima de bom astral, uma certa felicidade intrínseca das pessoas, que não pode ser confundida com a palavra “alienação”. (OROCCHIO, 2004, apud SANTOS, 2008, p. 28).

Entendo, portanto, que desde o início de suas manifestações até os dias atuais, o Rap continua apresentando um discurso de combate às desigualdades e, por meio do contexto exposto nas letras de suas músicas, os Mc's (mestres de cerimônias) mostram a realidade vivenciada por eles e reivindicam melhores condições de vida. Com isto, o protesto é visto como o corpo da música, que veste o cotidiano das periferias. A música é mantida como porta-voz da classe trabalhadora, que clama por melhorias para o seu povo.

Apenas com essa pequena introdução das dinâmicas ocorridas por um dos elementos do Hip Hop, nota-se o quão importante pode se tornar uma esfera artística no fortalecimento de classes. Toda essa articulação de forças e atuações pode ser definida como um “quinto elemento” do Hip Hop, devido a transformação de práticas culturais em consciência política, denúncias, reivindicações e, por fim, conquistas de direitos (MOASSAB, 2011).

Assim, seja qual for o elemento expresso por esse fenômeno, percebo que é através do discurso emitido pelo Hip Hop que seus praticantes entram em um processo de ressignificação de suas identidades, em que os estigmas são transformados na valorização da cultura e se tornam capazes de propor melhorias de vida. Ou seja, entendo que por meio da prática do Hip Hop fatores como idade, etnia e classe social passam a ser mais bem avaliados, pois revelam as potencialidades existentes em jovens negros e militantes do Hip Hop como agentes transformadores de realidades.

Com isso, o Hip Hop passa a ser um instrumento de transformação de realidades, levando aos jovens vulneráveis uma maior visibilidade e oportunidade de construir uma sociedade melhor. Isso ocorre quando o fenômeno demonstra a sua capacidade em intervir e enriquecer políticas públicas, pois se insere em um contexto educativo que oferece aos jovens das periferias lazer, entretenimento, informação e consciência política acerca de seus direitos (ROCHA, DOMENICH; CASSEANO, 2001).

Contudo, quando se há a escassez de oportunidades na inserção do Hip Hop em espaços públicos, sendo tais espaços relevantes para o desenvolvimento humano, os jovens que militam através do fenômeno aqui estudado procuram alternativas e caminhos para lutar e defender seus valores culturais. Diante disto, torna-se cada vez mais comum que jovens do movimento se interessem e até mesmo disputem espaços políticos partidários, com o objetivo de construir condições favoráveis para definir a sua cultura como um instrumento de garantia de direitos. Essa aproximação com a política partidária lança aos jovens a oportunidade de abranger suas redes de relacionamentos, construindo alianças com demais indivíduos e/ou grupos que estejam sincronizados com seus objetivos de vida (MORENO; ALMEIDA, 2017).

Trazendo a minha percepção enquanto pesquisadora, a ideia expressada por este estudo nos remete a analisar o Hip Hop como um verdadeiro fenômeno sociocultural, devido aos seus ricos atributos cultural, social e político. Com isto, através de práticas culturais, o Hip Hop vem se apresentando como uma ponte transformadora de realidades vivenciadas dentro das periferias das cidades, locais de inúmeras situações de violação de direitos. O Hip Hop, além de denunciar desigualdades, provoca embates com o poder público na busca pela aplicação de suas intervenções na sociedade.

Nesse sentido, o Hip Hop vem ocupando espaços e se apresentando como protagonista de intervenções sociais capazes de oferecer informação, educação e, conseqüentemente, direitos. Este fato será melhor compreendido no capítulo seguinte, quando realizo uma análise das atuações políticas exercidas por jovens militantes do Hip Hop na grande Aracaju.

CAPÍTULO II – ATUAÇÃO POLÍTICA, POLÍTICA PÚBLICA E HIP HOP

O presente capítulo busca traçar uma análise de como as políticas públicas para juventudes foram construídas com base nas principais demandas advindas dos jovens, principalmente jovens vulneráveis, os quais necessitam da intervenção do poder público para de fato estarem inseridos socialmente.

Compreender a construção de ações ofertadas por meio de políticas públicas é de suma importância para se estabelecer uma análise de sua evolução ou até mesmo de seu retrocesso, de acordo com o pensamento de cada leitor. Além disso, tal análise permitirá visualizar como o Hip Hop, sendo este uma das principais bases do presente estudo, encontra-se sendo desenvolvido ou não pelos representantes de políticas públicas.

Assim, trago nesse capítulo a trajetória das políticas públicas de juventudes no Brasil, em Sergipe e especificamente na grande Aracaju, com base em bibliografias, como também por meio da pesquisa de campo que me deu a oportunidade de, *in loco*, conhecer a realidade de três municípios “Aracaju, Barra dos Coqueiros e Nossa Senhora do Socorro”. Assim, entrevistei Francisco Albuquerque, diretor de juventudes de Aracaju; Francisco Carlos, secretário de juventudes, lazer, esporte e turismo de Nossa Senhora do Socorro; e Thiago Ferreira, Secretário adjunto de Assistência Social de Barra dos Coqueiros.

Ressalto que além destes representantes do poder público, tive a oportunidade de entrevistar Nélio Miguel, conselheiro estadual e nacional de juventudes, compreendendo melhor o seu papel como agente fiscalizador e fornecedor de melhorias na área das juventudes em Sergipe.

Além disso, trago uma discussão de como os jovens militantes do Hip Hop em Sergipe, em especial na grande Aracaju, vem buscando sua autonomia e destaque na execução de suas propostas para com outros jovens que desejam agregar valor, sabedoria e fortalecimento de sua cultura. Logo, como parte deste estudo, faço um resgate de estudos passados sobre a forma em que o público atua politicamente na grande Aracaju, na busca pela inserção de suas práticas dentro de políticas públicas.

2.1 Políticas Públicas de Juventudes e o Hip Hop

No Brasil, especialmente nas últimas duas décadas, temas voltados às problemáticas urbanas tornaram-se alvos de grandes discussões, devido aos grandes índices de desemprego, violência, drogas, má qualidade de serviços ofertados pelo poder público, o que gera números elevados de cidadãos em situação de pobreza e em condições precárias de sobrevivência, superlotando cada vez mais as margens da sociedade situadas nas periferias das cidades. (GOHN, 2005).

Gohn (2005) aponta que grandes alvos do cenário apresentado no parágrafo anterior são frutos da questão social no Brasil, sendo que uns dos principais afetados são os jovens, os quais iniciam as jornadas de suas vidas sem direitos necessários para um bom desenvolvimento humano, o que pode gerar cada vez mais situações de vulnerabilidades. Grande parte dessas causas são ocasionadas devido as qualidade das políticas públicas que são ofertadas pelo poder público, que “(...) priorizam os ajustes fiscais, os superávits financeiros, o acúmulo de reserva para pagamento de juros da dívida externa, as exigências dos acordos e empréstimos internacionais etc.” (GOHN, 2005, p. 11), abandonando questões sociais que envolvem diretamente os jovens:

Tudo isso pode ser observado por meio de escolhas e dos projetos que os gestores públicos têm feito ao administrarem as cidades, resultando em políticas públicas excludentes, que promovem uma modernização conservadora na qual a inclusão deixou de ser um direito de todos, e a pobreza perdeu o caráter universal e subdividiu-se entre pobres e miseráveis. (GOHN, 2005, p. 11).

Para a implantação de políticas públicas de juventudes necessita-se de uma maior interação entre o Estado e a sociedade civil. Segundo a concepção de Sposito e Carrano (2003) “se a política é para os jovens, com os jovens, por meio dos jovens e com base neles”, se faz necessária um maior interesse dos mesmos nas formulações de estratégias que desenvolverão melhorias para a categoria. (SPOSITO; CARRANO, 2003, p. 20). Porém, os autores alertam que a participação na implantação de políticas de juventudes poderá haver empecilhos que ocasionem o distanciamento desta realidade, por poderem estar subordinados aos comandos do Estado.

Abad (2002 apud SPOSITO; CARRANO, 2003) alerta para o desenvolvimento de políticas públicas destinadas às juventudes na América Latina, que teve início a partir da alarmante exclusão de jovens, o que os faziam passar por desafios no processo de amadurecimento para a vida adulta. O autor sintetiza, que inicialmente as políticas públicas destinadas às juventudes eram voltadas às seguintes questões: Entre os anos de 1950 e 1980 priorizava-se o desenvolvimento de ações voltadas à educação e melhor aproveitamento do tempo livre; Entre 1970 e 1985 ajustavam-se as formas do controle social de setores voltados às juventudes; Entre 1985 e 2000 buscavam-se estratégias para o enfrentamento da pobreza e a prevenção de atos infracionais, entre 1990 e 2000 buscava-se inserir jovens excluídos ao mundo do trabalho.

Através da Constituição Federal de 88, que trazia os sujeitos sociais como sujeitos de direitos, é possível notar uma maior ampliação dos canais de participação social que poderão ser utilizados pelos cidadãos na formulação e gestão de políticas públicas, revertendo-se em benefícios para os mesmos. Sposito e Carrano (2003) afirmam que através desse ganho, observou-se ainda um direcionamento para ações que fortaleciam a garantia de direitos de crianças e adolescentes, focando também nas juventudes, visto que estas ações não focavam o menor em situação irregular, mas sim dava a proteção necessária para garantir melhores condições de vida a adolescentes em conflito com a lei.

Foi identificado por Sposito e Carrano (2003) que as primeiras políticas públicas direcionadas às juventudes manifestaram-se no final do primeiro mandato do governo de Fernando Henrique Cardoso (1994 – 1998). No período entre 1995 e 2000, 30 programas/projetos foram implantados voltados às juventudes, como também três ações sociais não governamentais em todo o Brasil, sendo delimitada a faixa etária entre 15 a 19 anos como adolescentes e 20 a 25 anos como jovens. Porém, em algumas situações determinadas nas regras destes programas/projetos, a faixa etária poderá diminuir ou alargar-se, em que haverá programas/projetos voltados a crianças que permitirão sua inserção até os 14 anos, como também destinados aos jovens, permitindo sua entrada a partir dos 10 anos.

Havia ações sendo desenvolvidas através de Ministérios como: Ministério da Educação, do Esporte e Turismo, da Justiça, da Saúde, da Assistência e da Previdência Social, do Trabalho e Emprego, da Ciência e Tecnologia (CNPq), do Planejamento, Orçamento e Gestão e de programas como: Agente Jovem e Desenvolvimento Social e Humano e Presidência da República Comunidade Solidária. (SPOSITO; CARRANO, 2003). Entretanto, um alerta feito pelos autores é que a quantidade de boas propostas apresentadas por todas

estas ações voltadas às categorias, não significava total eficácia em sua execução e que ainda havia muitas falhas em seus desenvolvimentos.

O ano de 1995 foi de grande importância para a iniciação da discussão sobre a Política Nacional de Juventudes, através do I Encontro Nacional de Técnicos em Juventude, em que notou-se uma maior manifestação de jovens participando politicamente em busca do desenvolvimento de ações em prol de sua categoria. Já em 1997 foi criada a Assessoria de Juventudes a nível federal que era vinculada ao Gabinete do Ministério da Educação, como também foi criado o departamento de pesquisa para a categoria em questão. E em 1998 aconteceu em Brasília o I Festival Nacional de Juventude. (MESSINA, 2014).

Durante todo o período citado acima, foi observado que o governo entre os anos de 2003 e 2010, administrado por Luiz Inácio Lula da Silva, teve grande atuação na implantação e desenvolvimento de ações de políticas públicas voltadas às juventudes. Rocha (2014) aborda também que em 2002, ano de campanha para a presidência, foram os movimentos sociais, ONG's e as juventudes partidárias que impulsionaram a pauta e a relevância do tema proposto.

O governo apresentado acima aplicava em suas ações a teoria de Kingdon, o qual fazia um estudo do fluxo da política para uma melhor direção das ações, analisando o cumprimento de ações que eram postas nas agendas governamentais, trabalhando os pontos estabelecidos na agenda, como também a especificação de alternativas. Com isso, as formas de construção de políticas públicas surgiam através de três dinâmicas: “a dos problemas, a das políticas públicas e a da política.” (ROCHA, 2014, p. 2).

Foi observada ainda nesse período, uma maior participação de movimentos sociais na busca pela consolidação de políticas públicas de juventudes e que inclusive a agenda governamental do período teve um grande papel na abertura de espaço para tal atuação. Diante desse fato, a partir de 2004 outras grandes conquistas foram surgindo através do processo de participação que vinha sendo construído, como Messina (2014) aponta:

(...) através de iniciativas importantes que foram traduzidas em dois projetos de lei; o PL nº 4529/07, referente à criação do Estatuto de Direitos da Juventude e o PL nº 4530/04 que versava sobre a criação do Plano Nacional de Juventude. Ainda nesse período, foi criado o Grupo Interministerial ligado à Secretaria-Geral da Presidência da República que foi responsável pelo diagnóstico das condições de vida dos jovens do país e dos principais programas e ações do governo voltadas para esse público. (MESSINA, 2014, p. 241).

Messina (2014) aponta ainda que no ano de 2005, as consolidações de grandes lutas ocorreram, surgindo assim, através da lei nº 11.129/05 a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ)³, ficando responsável por promover ações que integrem os direitos das juventudes, e também a criação do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve)⁴ e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem)⁵. A criação desta lei intensificou mais ainda o poder de participação das juventudes, dando-as mais oportunidades na aquisição de seus direitos, ofertando-lhes canais de debates, formulações e fiscalizações de políticas públicas destinadas a elas.

Ações voltadas às juventudes continuaram ocorrendo, surgindo ainda dois grandes acontecimentos que levaram ao empoderamento da categoria, ou seja, foram ações que resultaram em demais formas de garantias de direitos. “Em 2010, a emenda constitucional 65 modificou o artigo 227 da Constituição Federal incluindo o jovem como sujeito de direito; já em 2013, foi aprovado o Estatuto da Juventude através da lei nº 12.852/13.”. (MESSINA, 2014, p. 241).

No ano de 2011 surge um novo governo, agora sob a gestão de Dilma Rousseff, que iniciou sua tarefa junto às juventudes, colocando-as sob o comando da Secretaria Nacional da Juventude uma jovem, em que segundo a concepção de Almeida e Nascimento (2011), diante do olhar do Ministro da Secretaria Geral da Presidência da República, comentam que esse fato é de grande relevância para a construção de uma sociedade justa e fraterna.

Contudo, modificações relevantes ocorreram. Inicialmente foi extinto o Programa Projovem Integrado; posteriormente ao fato, a modalidade ProJovem Campo passou a ser trabalhado junto ao Ministério da Educação (MEC); uniram ações do ProJovem Urbano com

3Formula, executa, supervisiona, coordena, integra e articula políticas públicas para a juventude no âmbito do Governo Federal, como também desenvolvem ações voltadas ao público em demais setores públicos e privados. (ALMEIDA; NASCIMENTO, 2011).

4 Refere-se a um órgão colegiado inserido à Secretaria Geral da Presidência da República, tenho como componentes de sua estrutura representantes de órgãos governamentais, organizações juvenis, ONG's e outros representantes que atue junto às juventudes. Este órgão tem a finalidade prestar assessoria à Secretaria Nacional de Juventude – SNJ analisa as situações socioeconômicas da categoria e garante o reconhecimento dos direitos das juventudes como também o estímulo da participação social dos mesmos a partir da Política Nacional de Juventude. (ALMEIDA; NASCIMENTO, 2011).

5 O ProJovem visualizava as juventudes como sujeitos de direitos, onde potencializava diferentes atributos da categoria, como por exemplo, a qualificação profissional de jovens com baixo poder aquisitivo, tendo o objetivo de lhes proporcionar autonomia. Em 2007 o programa foi reformulado e passou a expandir suas ações, voltando-se também para o público: trabalhador, adolescente, urbano e campo. (ROCHA 2014).

ações do ProJovem adolescente e por fim integraram o Projovem Trabalhador às ações do PRONATEC⁶ (Programa Nacional de Acesso a Ensino Técnico e Emprego). (ALMEIDA; NASCIMENTO, 2011).

Almeida e Nascimento (2011) comentam que a Secretaria Nacional de Juventude também foi alvo de modificações, passando a promover a articulação entre políticas de juventudes trabalhadas em diversos ministérios, como também trabalhar o diálogo com as juventudes em nível nacional. Estes fatos irão retirar a responsabilidade da implementação de ações voltadas diretamente às juventudes. Outro setor a passar por modificações foi o Conselho Nacional de Juventude - CONJUV, passando a coordenar a Secretaria Nacional da Juventude e expõe o ProJovem Urbano, executado pela SNJ, como um programa capaz de expor suas ações integrado a demais ministérios.

Diante dos fatos acima mencionados, é possível analisar que a partir das modificações encontradas no governo concebido no ano de 2011, conflitos passaram a existir dentro do desenvolvimento de ações voltas às políticas de juventudes. É necessário analisar se a junção de programas pôde beneficiar ou prejudicar a categoria, colocando-os em situações de vulnerabilidades e/ou riscos sociais.

Entre os anos de 2015 e 2016, Caetano e Azevedo (2017) abordam que o Brasil passou por uma difícil crise política e econômica, afetando assim o desenvolvimento de ações de determinadas políticas públicas. Em 2016, a partir do impeachment sofrido pela presidente Dilma, o país passa a ser governado por Michel Temer, assim, de acordo com a situação em que o país se encontrava, a política de juventudes também foi afetada e mudanças foram inevitáveis de acontecer.

Ainda no governo de Dilma, houve uma proposta de que a Secretaria Nacional de Juventude fosse vinculada ao Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, gerando assim discórdias e resistência por parte de interessados pelas ações voltadas as juventudes, como por exemplo: os Movimentos Social, as ONG's, partidos políticos e pastorais. Contudo, no ano de 2016, sob a gestão do Presidente Michel Temer, a Secretaria Nacional da Juventude foi ligada à Secretaria de Governo da Presidência da República, ordenada pela Medida Provisória de número 726/2016. (CAETANO; AZEVEDO,

6 PRONATEC foi lançado em 28 de Abril de 2011 sendo o Ministério da Educação responsável por sua execução. Tem o intuito de oferecer vagas para jovens do ensino médio e jovens trabalhadores que almejem qualificação profissional, tendo a parceria de demais órgãos. (ALMEIDA; NASCIMENTO, 2011).

2017.). Este fato modificou os benefícios para a categoria, sendo os impactos sentidos ainda no mesmo ano, em que o Conselho Nacional de Juventude identificou fatos como:

(...) as alterações na Secretaria Nacional de Juventude, inclusive com a escolha de seu secretário; a ruptura da democracia brasileira – já tão contraditória; os esforços com vistas a impedir maior participação social da população, como ainda, o acesso às políticas públicas – cada vez mais focalizadas e seletivas. (CAETANO; AZEVEDO, 2017, p. 53).

Caetano e Azevedo (2017) ressaltam que foram tempos difíceis não apenas para as juventudes, mas para demais categorias sociais. O governo aqui citado passa a pensar as juventudes como em tempos passados, não como sujeitos de direitos, mas como juventudes vulneráveis às problemáticas e que nesse sentido, necessitam da intervenção do Estado.

Trazendo a discussão para próximo da nossa realidade territorial, uma pesquisa realizada em nível de mestrado por Cavalcante (2010) sobre a política pública de juventude em Sergipe mostra importantes manifestações acerca do desenvolvimento e da luta constante da categoria em questão. A análise foi realizada entre os anos de 2007 e 2010, podendo identificar as principais demandas solicitadas ao Estado pelas juventudes naquele período, sendo elas: redução da tarifa de ônibus, como também a gratuidade do passe de transporte público para estudantes; facilidade no acesso ao ensino superior; criação de universidade estadual pública, criação de empregos para o público jovem, entre outras. Tais reivindicações eram realizadas por meio de passeatas, greves, ocupações do espaço público que induziram a necessidade de comunicação com gestores de nível municipal e estadual. Como fruto das reivindicações destes jovens, foram criados: a CEJU – Coordenadoria Estadual da Juventude; a I conferência Estadual de Juventude e a concretização de programas voltados às juventudes em nível nacional e estadual.

A Coordenadoria Estadual de Juventude foi implantada em julho de 2007 e composta por militantes da juventude do PT. Porém, a autora informa que alguns desafios foram encontrados pelo fato da não assinatura do termo de criação, já que a coordenadoria apenas existia como setor que era legitimado pelos governantes e pela população. O seu papel era dirigir as políticas públicas direcionadas às juventudes de Sergipe. No período, este setor foi responsável pela elaboração e aplicação de ações, como: I Seminário de Políticas Públicas de Juventude realizado em agosto de 2007; I Conferência Estadual de Juventude realizada em março de 2008; Parceria com secretarias da comunicação, educação e saúde na elaboração do

programa Mídia Jovem; Construção da campanha do Pacto Nacional da Juventude e participação na implantação do ProJovem. (CAVALCANTE, 2010).

A I Conferência Estadual das Juventude teve sua iniciação em setembro de 2007, sendo regulamentada a comissão organizadora estadual – COE e criado um acordo de convivência desta comissão. Contudo, ocorreram impasses que dificultaram a ascensão da conferência, como a falta de órgãos voltados às juventudes em municípios de Sergipe; a falta de incentivo da participação política ativa de jovens e de movimentos sociais juvenis para o debate e busca por seus direitos e até mesmo o espaço de tempo em que ocorria a conferência, sendo de maneira rápida, o que dificultava a negociação entre a sociedade civil e o Estado. (CAVALCANTE, 2010).

A conferência revelou-se como um espaço de luta e negociação dos jovens, tanto na esfera institucional como no âmbito da sociedade de reivindicar do Estado a construção das conferências; de transformar suas necessidades em demandas; de publicizá-las, ou seja; os jovens emergem na sociedade civil trazendo suas pautas, lutando por reconhecimento social da sociedade e do Estado. (CAVALCANTE, 2010, p. 106).

Com isso, é a partir dos resultados alcançados por meio das conferências que surgem os programas e projetos destinados à sociedade. Desta maneira, conforme Cavalcante (2010), nesses ambientes de discussão em busca por melhorias as juventudes perceberam a necessidade de ações voltadas à cultura, ao lazer e ao esporte, focando especialmente no interior do Estado, em que as carências dessas políticas públicas são mais abrangentes. Contudo, demais programas foram lançados, antes mesmo da I Conferência Estadual da Juventude em setores como: Educação, Assistência Social, Saúde, agricultura, trabalho, entre outros.

Outro marco importante que ocorreu em 26 de Setembro de 2013, sob o decreto de nº 29.493 foi a criação do Comitê Intersetorial de Políticas Públicas de Juventudes no Estado de Sergipe, o qual induzia que fossem desenvolvidas ações que fomentem aspectos relevantes na vida dos jovens de acordo com suas necessidades. Trata-se de um avanço significativo para as juventudes, já que em seu artigo 1º determina que o Comitê Intersetorial de Políticas Públicas de Juventudes sob o domínio do Poder Executivo Estadual, subsidie e contribua com a elaboração e desenvolvimento do Plano Integral de Juventude do Estado de Sergipe. Uma das

principais atribuições do comitê é a realização de diagnósticos das ações exercidas pelos setores que trabalhem as juventudes, no qual permitirá uma melhor análise da sua eficácia.⁷

No mesmo ano, em Aracaju, capital Sergipana, sob a criação da Lei 4.371 de 02 de Maio de 2013, foi criada a Secretaria de Municipal de Juventude e Esporte – SEJESP, sendo um órgão de grande relevância para as juventudes, as quais encontram nesses setores amparo e força para continuar lutando por seus ideais. Em seu artigo 3º fomenta sobre seus objetivos, tendo por finalidade “programar, organizar, executar, acompanhar e controlar as ações do Governo Municipal relativas a políticas públicas nas áreas de juventudes e esporte, e das demais relacionadas com os assuntos que constituem as suas áreas de competência.”. (BRASIL, 2013).

Tratando-se de um órgão importante na condução, gerenciamento e fiscalização de estratégias para o melhoramento de ações voltadas às juventudes, o Conselho Estadual de Políticas Públicas de Juventudes se coloca como órgão de princípios relevantes para o desenvolvimento da categoria. Tal conselho foi criado sob a lei 7.815 de 10 de janeiro de 2014 trazendo em seu artigo 1º que tal conselho é um órgão autônomo, colegiado de caráter consultivo da Política Estadual de Juventude, que tem por finalidade: I – Promover o controle social das políticas públicas de juventude; II – Assegurar os direitos da juventude; III – Formular e propor diretrizes da ação governamental, voltadas a promoção de políticas públicas de juventude; IV – fomentar estudos e pesquisas acerca da realidade socioeconômica juvenil.⁸.

No ano de 2017, de acordo com o relatório de gestão elaborado pela prefeitura de Aracaju, foi possível notar que a SEJESP realizou diversas parcerias no intuito de potencializar o protagonismo, enriquecimento e proteção das juventudes da capital Aracajuana. Podemos citar o projeto “Família na praça” que teve a parceria das secretarias de saúde, educação, assistência social e cultura, as quais juntas puderam desenvolver atividades que favorecessem a valorização das práticas esportivas e de lazer nos espaços públicos oferecidos pela prefeitura. (ARACAJU, 2017).

Em 2017, a criação de um projeto do Governo do Estado de Sergipe, cujo nome é “Casa da Juventude”, vem com o propósito de promover o desenvolvimento de maneira

⁷Decreto nº 29.493 de 26 de Setembro de 2013 o qual instituiu o Comitê Intersetorial de Políticas Públicas de Juventudes no Estado de Sergipe.

⁸Lei 7.815 de 10 de janeiro de 2014 que institui o conselho Estadual de Políticas Públicas de Juventude que teve a iniciativa da Deputada Conceição Vieira.

integral aos jovens entre 15 e 29 anos que estejam em situação de vulnerabilidade social, no intuito de desenvolver políticas públicas que fortaleçam sua autonomia. O local tem a proposta de unir ações que já são trabalhadas em diversas políticas públicas oferecidas pelo o Estado, como também criar novas propostas de atividades que possam gerar empregos, lazer, fortalecimento da cultura, rendimento escolar, saúde, direitos humanos, através de palestras e oficinas que fortaleçam o desenvolvimento social, político, cultural e profissional das juventudes. Assim, através do projeto, os municípios que aderiram à ideia em 2017 foram: Aquidabã, Cristinápolis, Indiaroba, Itabaianinha, Itaporanga D´Ajuda, Japaratuba, Lagarto, Malhador, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora do Socorro, Riachuelo, Rosário do Catete, Santa Luzia do Itanhi, Santa Rosa de Lima, Tomar do Geru, Umbaúba e Carmópolis. (SERGIPE, 2018).

Atualmente as propostas voltadas às juventudes no Estado de Sergipe continuam em ênfase na busca de seu aperfeiçoamento. As eleições de 2018, alvo de atenções a nível nacional e estadual, trouxeram propostas que pretendiam amplificar projetos, programas e serviços em benefícios da categoria.

Tratando-se de Sergipe, o candidato Belivaldo Chagas, governador eleito, trouxe o eixo das juventudes junto à cultura e esporte. Sua proposta era lançar políticas públicas que desenvolvessem uma cultura esportiva, de lazer e de juventudes, promovendo a inclusão, acessibilidade, multidisciplinaridade e descentralização da prática esportiva. Tais ações possuem público prioritário, jovens entre 15 e 29 anos que estejam em situação de vulnerabilidade social. É importante lembrar que nas propostas apresentadas pelo candidato há uma junção entre juventudes, esporte e lazer. Para tanto as principais ações ligadas totalmente às juventudes dizem respeito à criação de um plano integrado de Políticas Públicas de Juventude; Monitoramento de empresas que possuem isenção de impostos e que estejam ligadas às juventudes; Criação de um “Cadastro Único do jovem empreendedor” possuindo parceria com instituições, como: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas SEBRAE, Federação SERJUNIOR, Conselho de Jovens Empreendedores – CJE, as quais visem proporcionar autonomia financeira disponibilizando linhas de crédito com o intuito do desenvolvimento empreendedor da categoria.⁹.

⁹Plano de Governo do Governador Belivaldo Chagas, enquanto candidato ao governo de Sergipe, disponível em: http://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/SE/2022802018/260000623573//proposta_1534345022625.pdf. Acesso em 27.01.2019.

É no contexto acima, o qual traça a trajetória das políticas públicas de juventudes no âmbito nacional e estadual, que proponho a pensar como o Hip Hop encontra-se inserido dentro das políticas públicas ligadas às juventudes em Sergipe, mais especificamente na grande Aracaju.

Como já tratado no capítulo anterior, o Hip Hop é considerado um instrumento de transformação social que preconiza potencializar os direitos sociais dos sujeitos sociais, principalmente os sujeitos que habitam na periferia. Isso se dá por meio de suas práticas culturais, em que por meio da música, da dança e da pintura é possível resgatar sujeitos da situação de vulnerabilidade e do risco espalhado por toda a sociedade.

Fazendo uma pesquisa pelos veículos midiáticos foi possível observar por meio de noticiários que, no Brasil, a existência de Fóruns do Hip Hop é um dos principais meios de criação de propostas voltadas a políticas públicas, como também da inserção do Hip Hop neste contexto. Cito a existência de dois fóruns de grande repercussão no país: O Fórum de Mulheres do Hip Hop e o Fórum “Hip Hop e o Poder Público Municipal” (Fórum HipHopmsp)¹⁰. Vale ressaltar que este último fórum é realizado em São Paulo, local de grande incentivo e desenvolvimento do Hip Hop, desde sua chegada ao Brasil.

É possível percebemos a eficácia entre a articulação desses instrumentos de participação da sociedade civil junto ao poder público, em que é possível debater, criar e fiscalizar políticas públicas. Sendo frutos desses fóruns, cito a “Casa do Hip Hop” localizada no Estado de São Paulo, onde o município que teve a primeira iniciativa foi Diadema/SP¹¹, porém podemos encontrar outras casas em demais municípios de São Paulo, como também no restante do Brasil, a exemplo do Imperatriz/MA, Porto Alegre/RS e Rio de Janeiro/RJ. Esses centros culturais desenvolvem junto às comunidades e em parceria com diversas políticas públicas, atividades voltadas ao Hip Hop, criando oficinas de grafite, dança, música, como também outras culturas.

Todos esses canais que impulsionam e fortalecem a cena do Hip Hop dentro das políticas públicas foram de grande relevância para a criação de fontes que garantam tal prática por meio de leis. São Paulo e Porto Alegre, conforme Silva, Fonseca e Pereira (2013), foram as primeiras cidades no Brasil a criarem uma Lei que instituiu a semana do Hip Hop nessas

10 Informações disponíveis em: <https://www.forumhiphopmsp.com.br/2011/11/forum-hip-hop-e-o-poder-publico.html>

11 Informações disponíveis em: <http://acasadohiphop.blogspot.com/>. Acesso em 19/01/2019.

cidades. Esse fato gerou grande incentivo para demais regiões do país, a exemplo de Aracaju/SE.

Em 2012 foi aprovada e iniciada a execução da Lei Municipal de Aracaju nº 4.064 de 22 de agosto de 2011, sendo instituída a Semana Municipal de Hip Hop, a ser realizada anualmente, na segunda semana do mês de maio, sendo inserida como evento oficial no calendário municipal de Aracaju. A lei rege que seu objetivo central é de servir como ferramenta de inclusão social para os integrantes do Hip Hop, proporcionando melhores condições de vida aos mesmos.

A lei foi aprovada pela Câmara de Vereadores de Aracaju, sendo apresentada como projeto pela vereadora Karla Trindade, que teve influência das reivindicações do coordenador da Nação Hip Hop Brasil de Aracaju, Hot Black. (SILVA, FONSECA; PEREIRA, 2013).

Desde então, a semana recebe o apoio e a contribuição do executivo municipal, das secretarias municipais de educação, assistência social, cultura, turismo e esporte e lazer, assim como, de fundamental importância, os próprios representantes do Hip Hop. Os mesmos são responsáveis pela elaboração, execução e até mesmo a participação das atividades a serem implantadas na semana. (SILVA, FONSECA; PEREIRA, 2013).

O artigo 3º da lei 4.064 estabelece que durante a semana sejam desenvolvidas atividades e oficinas que envolvam todos os elementos do Hip Hop, ou seja, atividades que envolvam a música através do Rap, a arte através do grafite e a dança através do Break. Além disso, mostra a importância da integração social que proporcionam aos jovens a sabedoria de como conviver em coletivo, respeitando diferentes crenças, culturas, comportamentos e opiniões. (SILVA, FONSECA; PEREIRA, 2013).

De acordo com a fala do rapper e escritor Genival Oliveira Gonçalves, conhecido como GOG, que fez participação na semana em Aracaju: “a adoção de uma política perene para tratar do Hip Hop é um grande diferencial que coloca a capital sergipana à frente das demais iniciativas aplicadas em todo o país.”¹² Um dos importantes participantes da semana municipal de hip hop em Aracaju foi Nelson Triunfo, um dos primeiros e principais B-boys do Brasil, o qual comenta que “A disseminação do Hip Hop também pode ser um instrumento

¹² Informações colhidas em: <https://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=50716>. Acesso em: 19/01/2019.

de abertura da escola, no sentido de despertar no aluno a vontade do saber e do aprender através de culturas que ele conhece.”.¹³ Portanto, é perceptível a importância da cultura na vida social de cada indivíduo, pois é através dela que se podem abrir novos espaços e oportunidades sejam no âmbito escolar, profissional, pessoal ou social. (SILVA, FONSECA; PEREIRA, 2013).

Portanto, a partir das questões apresentadas neste subcapítulo, foi possível conhecer os caminhos percorridos pelas gestões que cumpriram com o desenvolvimento de políticas públicas para as juventudes em âmbito nacional e estadual. Além disso, após o debate que incluiu o Hip Hop como um instrumento de intervenção destinado ao público jovem, foi demonstrado como estas ações vem sendo desenvolvidas pela gestão pública, como também acolhida pela sociedade. Tais pontuações são relevantes para uma reflexão que ajudará a compreender, ao longo desta pesquisa, como as juventudes vêm aderindo (ou não) as propostas ofertadas pelo poder público.

2.2 Políticas Públicas para Juventudes na Grande Aracaju

Com o intuito de compreender como estão sendo realizadas as ações do poder público voltadas às juventudes, em especial àquelas que integram e militam a favor do Hip Hop, se fez necessário a realização de entrevistas com representantes de políticas públicas para juventudes de Aracaju, Barra dos Coqueiros e Nossa Senhora do Socorro.

Ressalto que durante a discussão irei me referir aos três municípios como grande Aracaju, visto que essa junção é fruto da criação da Lei Complementar Nº 25, de 29 de Dezembro de 1995, agregando ainda um quarto município, que é São Cristóvão, o qual não fez parte de minha pesquisa, pela não identificação e acompanhamento de ações de cunho político, como também por não ser realizada entrevista de participantes do Hip Hop naquela região.

É válido ressaltar ainda que apenas no município de Aracaju e de Nossa Senhora do Socorro existe secretaria específica de Juventudes, contudo tal secretaria é agregada a outras pastas, como turismo, esporte e lazer. No município de Barra dos Coqueiros foi realizada uma

13Informações colhidas em: <https://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=50716>. Acesso em: 19/01/2019.

entrevista com um representante da Política de Assistência Social, setor onde também são desenvolvidas programas e projetos voltados ao público estudado.

O primeiro entrevistado foi o Srº Francisco Albuquerque, diretor do Departamento de Juventudes ligado à Secretaria Municipal da Juventude e do Esporte – SEJESP em Aracaju, formado em educação física e também é integrante do PSD Juventude Aracaju militando a favor das juventudes há 10 anos. O Segundo entrevistado trata-se de Francisco Carlos, secretário de juventudes, turismo, esporte e lazer do Município de Nossa Senhora do Socorro, estudante de direito e que se diz militante pelas causas juvenis há cerca de 10 anos, realizando ações de solidariedade e empatia com a comunidade através de projetos desenvolvidos por jovens como o “galera sangue bom”, em que são realizadas doações de sangue periódicas. Vale ressaltar que além de Francisco Carlos, encontrava-se presente durante a entrevista, a secretária adjunta da mesma secretaria, Tuane Noêmia, a qual coordena exclusivamente ações voltadas às juventudes no município. O terceiro entrevistado trata-se de Thiago Ferreira, Secretário Adjunto de Assistência Social do Município de Barra dos Coqueiros, graduado em filosofia, história, teologia e atualmente encontra-se cursando Direito. O secretário adjunto também já foi presidente do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente no mesmo município, como também secretário de Cultura.

Além destes representantes da Política para as juventudes, realizei entrevista com Nélio Miguel, atual conselheiro estadual e nacional de juventude, em que pude compreender sua percepção de como as políticas de juventudes estão sendo trabalhadas pelos municípios e como o entrevistado, como representante de um órgão que, como conselho, também é fiscalizador, pode contribuir para a efetivação de direitos para as juventudes.

Inicialmente almejei compreender como as juventudes são visualizadas pelos representantes de políticas para juventudes no intuito de compreender de que modo os mesmos poderiam estar potencializando-as. É importante ressaltar que na gestão pública há hierarquias, sendo o representante de maior poder no âmbito municipal o prefeito. Dessa forma, em muitas entrevistas percebi angústias e anseios nas falas dos representantes do poder público ao relatarem que muitas ações necessitam de permissão do gestor maior, ou seja, compreendi que determinadas ações podem representar maior significância para uma das partes, diferente do outro.

As juventudes são percebidas de forma semelhante entre os representantes das políticas para as juventudes os quais entrevistei, tratando a categoria como indivíduos em um

constante processo de mudança, contudo nem sempre de uma forma positiva. Em todas as entrevistas, os gestores públicos compararam as juventudes do presente com as do passado, abordando que atualmente há um desinteresse na ascensão individual, que definem como ligadas principalmente a educação e a profissão. Segundo os entrevistados, diferente do presente, as juventudes do passado possuíam mais perspectiva de vida e coragem em enfrentar com mais força e seriedade as dificuldades encontradas no decorrer de suas trajetórias.

Apesar de as juventudes do presente serem visualizadas como uma categoria estagnada, os entrevistados apontam que a exclusão social sofrida pelas mesmas é um dos maiores fatores que as tiram da zona de conforto em busca de melhorias.

A busca por direitos pelas juventudes é comparada conjunturalmente pelos representantes de políticas públicas da grande Aracaju, que apontam mudanças entre o presente e o passado, relatando que as formas de reivindicação por direitos mudaram, utilizando diferentes ferramentas para a contestação de suas causas. Citam que a internet é uma ferramenta aliada em tais reivindicações, diferente do passado, quando se visualizavam mais jovens em espaços públicos.

O uso da internet é visto pelo secretário Francisco Carlos e pelo Conselheiro Nélio Miguel de maneira positiva, agregando valor a diferentes formas de manifestação. Contudo, Francisco Albuquerque fala também dos malefícios que a internet pode proporcionar aos jovens, alertando sobre a importância de saber manuseá-la, pois trata-se de uma ferramenta vasta por diversos conteúdos que podem favorecer ou desfavorecer o cotidiano da sociedade, tornando indivíduos informados, educados, contestadores ou presos a vícios ou busca desenfreada pela realidade diferente do seu histórico.

Sejam quais forem às contestações, ferramentas ou períodos, a força omitida pelas juventudes, segundo a percepção dos entrevistados, intimida os governos, seja na forma de se empoderar, de manifestar e até mesmo de argumentar, pois se tratam de uma massa forte e que busca cada vez mais fortalecimento.

Para tanto, a Secretária Adjunta da Secretaria de Juventudes de Nossa Senhora do Socorro, Tuane Noêmia, acredita que os comportamentos emitidos pelos jovens, seja ele de comodismo ou de luta, são frutos de ciclos gerados pela sociedade, pois, por determinadas épocas ou territórios, passam por conflitos e repressões, impulsionando indivíduos buscarem por melhorias quando há situações desordenadas e por comodismo quando se está em uma fase de calmaria.

O secretário adjunto Thiago Ferreira, da cidade de Barra dos Coqueiros, relatou que é posto em determinados governos o não incentivo das juventudes como forma de aniquilar seu poder, tirando desse público a oportunidade de desenvolvimento social, político, cultural, profissional e econômico. Essa falta de incentivo exige, de uma forma indireta, a construção de outras ações de acompanhamento, visto que sem o desenvolvimento das juventudes, empoderando-se por meio da educação, cultura e profissionalização, as mesmas podem ser direcionadas a inúmeras situações de violações, como o tráfico de drogas, prostituição ou trabalho infantil, por exemplo.

Para tanto, com a visão de desenvolvimento da sociedade e em especial às juventudes, os representantes do poder público relatam que a estratégia inicial seria o investimento qualificado na educação, visto que quando há falhas neste âmbito, percebe-se um grande número de indivíduos excluídos socialmente, culturalmente e politicamente.

A primeira coisa que deve fazer para o desenvolvimento das juventudes é se investir na educação. A educação empodera por si só. Ela provoca no jovem o desejo de mudança, de crescer, porque ele sai daquele habitat que eles vivem e conhecem os horizontes dos livros e da história. (ENTREVISTA COM O SECRETÁRIO ADJUNTO THIAGO FERREIRA).

Outra proposta conjunta à educação são os serviços levados às comunidades ou espaços ocupados por jovens, voltados ao incentivo do emprego e renda. É importante ressaltar desde já que essas foram as propostas mais citadas ao desenvolvimento do público, deixando em segundo plano a cultura e o lazer.

Em todos os três municípios são desenvolvidos e mantidos como prioridades as ações que envolvam retorno financeiro aos jovens. Em Nossa Senhora do Socorro, o secretário Francisco Carlos relatou que possui uma secretaria específica para isso, sendo ela a secretaria de trabalho, contudo é enfatizado pelo prefeito a importância do diálogo entre todas as secretarias, melhorando a comunicação e assim a qualidade de atendimento aos usuários que fazem uso de tal serviço.

Já o diretor de juventudes Francisco Albuquerque, de Aracaju, diz desenvolver suas ações com ênfase sobre o tema emprego e renda por meio da parceria com outro setor (Fundação Municipal de Formação para o Trabalho – FUNDAT), levando, segundo ele, aos jovens do município, a oportunidade de qualificação e até mesmo inserção no mercado de trabalho.

No município de Barra dos Coqueiros, o secretário adjunto Thiago Ferreira incentiva a geração de renda aos jovens com idade média de 20 a 30 anos por meio do Programa Nacional de Promoção ao Acesso ao Mundo do Trabalho (Acessuas). Segundo o mesmo, este programa possui a capacidade de proporcionar uma melhor expectativa de vida e, como consequência disso, os jovens saem da situação de vulnerabilidade inicialmente apresentada.

Além destas percepções sobre as políticas públicas para juventude nos municípios da grande Aracaju, pude notar que há também um grande foco destas políticas sobre a área de esportes. Tal percepção surge da relevância dada à cultura dentro das secretarias pesquisadas, pois especialmente a cultura Hip Hop, é sempre comparada ao esporte como um instrumento educativo, de resgate e transformador.

Vale ressaltar que dentro de todas as secretarias pesquisadas o esporte é inserido como forma de tirar o jovem da ociosidade, dando-o lazer e entretenimento. Existem municípios, a exemplo de Nossa Senhora do Socorro, que há um grande quantitativo de modalidades esportivas ofertadas em uma só secretaria, como: Futebol, futsal, vôlei, basquete, box, muaythai, tiro esportivo, entre outros.

A cultura pareceu-me estar em última instância, no grau de prioridades. Este fato pôde ser percebido durante as falas dos representantes da cidade de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro, quando citam inicialmente o esporte como o principal meio de resgate de jovens das situações consideradas de vulnerabilidade, para posteriormente citarem a cultura. Contudo, isso não significa que não tenham sido ações ligadas a tal cultura, porém percebi uma maior relevância nas outras ações.

O secretário adjunto de Assistência Social da Barra dos Coqueiros, Thiago Ferreira, inicialmente citou a cultura como um meio de regaste social dos jovens, apontando que: “Nossos jovens são criados olhando para o chão, são criados olhando para uma cultura rasteira. Nós não temos cinema, teatro, temos uma cultura pobre.”. Deste modo sinaliza a importância da inserção de jovens no âmbito cultural, levando aos mesmos, novas perspectivas de vida, embora não tenha mencionado as expressões culturais autônomas que já existem no universo das expressões estéticas dos jovens, como é o caso do Hip Hop.

Chegando ao foco central do presente estudo, ao ser questionado sobre o conhecimento do Hip Hop, como também a sua inserção dentro das políticas públicas dos municípios pesquisados, todos os entrevistados afirmaram conhecer e valorizar tal cultura e

que inclusive possuem ou já possuíram atividades correlatas às expressões do hip-hop, como parte do perfil de suas políticas voltados às juventudes.

Para Francisco Albuquerque, toda manifestação artística, cultural ou esportiva oferece à sociedade o acesso aos direitos postos pela Constituição Federal e, desta maneira, é dever do poder público incentivá-las de maneira que possa engrandecer as propostas apresentadas por estas manifestações, que denotam riquezas e também dificuldades sofridas. Para isso, o Hip Hop, segundo o diretor, “não trata apenas de uma arte, ela possui uma conotação cultural porque é a voz da comunidade. É a maneira de os jovens expressarem suas angústias, suas perspectivas, é a voz dele através da arte, então o Hip Hop possui um peso forte. Assim, é nosso papel enquanto poder público incentivar.” A inclusão social também foi outro ponto citado por Francisco Albuquerque, abordando que o Hip Hop consegue inserir muitos jovens que vivem às margens de uma sociedade escassa de oportunidades, de emprego, de uma educação desqualificada, entre demais direitos que são excluídos de muitos cidadãos.

Para tanto, nota-se que o agente público entende que há a necessidade de políticas públicas eficazes, efetivas e contínuas, embora perceba que muitos planejamentos são bloqueados e até mesmo excluídos por uma corrente que não valoriza e não enxerga a importância de ações que trazem benefícios à sociedade.

Assim, acrescenta Francisco Albuquerque que o Hip Hop, aliado a diversas políticas públicas que visam incluir a sociedade, especialmente os jovens, pode agregar valor às demais atividades geridas por órgãos do poder público, visto que trata-se de uma cultura que conquista e que sabe transmitir para a sociedade uma mensagem de efeito positivo por meio da arte, da música e da pintura.

Uma atividade que você pega o jovem a partir de algo que ele gosta para tentar levá-lo a outro objetivo, é extremamente válido, porque a música, a dança, a arte é atrativa ao jovem. Se perguntarmos se o jovem quer assistir uma palestra de 2 horas de relógio ou passar 2h dançando, ou fazendo música, claro que ele vai escolher essa segunda opção. Então é um instrumento que traz ele para outra realidade. O Hip Hop é o caminho. (ENTREVISTA COM FRANCISCO ALBUQUERQUE).

Thiago Ferreira afirma a ideia de que o Hip Hop como uma cultura necessita ser mais incentivado, pois muitos não sabem a riqueza que ele possui. Assim, aborda ainda que toda cultura que não seja erudita, como tal, ainda é visualizada de forma discriminatória como investimento político. O secretário diz acreditar que, ao contrário, o Hip Hop possui

potencialidades, sendo o lazer e a arte importantes ferramentas de mudança para a sociedade, contudo que, tal cultura ainda não encontrou apoio para seu crescimento, sendo ainda visto por muitos setores sociais de maneira preconceituosa.

Francisco Carlos cita que a situação econômica da grande maioria dos jovens atendidos e acompanhados por sua secretaria encontra-se associada à linha de pobreza. Deste modo, o Hip Hop, por ser oriundo da periferia, local de inúmeras vulnerabilidades sociais, incluindo a pobreza, deve ser inserido nas ações do poder público, uma vez que é papel do Estado intervir na garantia da igualdade, justiça e inclusão por meio de diversas ações. Assim, acrescenta a secretária adjunta, Tuane Noêmia, que “O Hip Hop serve para incluir, transformar e educar. Não podemos impor outra cultura para esses jovens. Ele é historicamente inserido em um contexto periférico. Então não adianta impor outra cultura se os jovens não se identificam.”.

Para além do objetivo de conhecer a visão dos representantes de políticas públicas para juventudes da grande Aracaju, busquei verificar se existem ações ativas do Hip Hop em suas atividades cotidianas. Para isso, busquei conhecer os programas, projetos e ações desenvolvidas pelos setores que incluem os jovens de cada município, a fim de visualizar se há a inclusão de tal cultura.

No município de Aracaju, o público atendido pela SEJESP encontra-se na faixa etária entre 15 e 29 anos, em sua grande maioria mulheres de classe baixa e havendo um equilíbrio quando tratamos de cor da pele. Atualmente a ênfase maior das atividades, percebida por mim durante a entrevista com o Francisco Albuquerque, são os programas voltados à inserção do jovem no mundo do trabalho, levando a profissionalização por meio de cursos e, além disso, a inserção do público no mercado de trabalho.

Como já disse anteriormente, a secretaria conta com a parceria da Fundação Municipal de Formação para o Trabalho – FUNDAT, que capacita jovens acompanhados por outros órgãos da rede intersetorial, a exemplo da Assistência Social, com o intuito de enriquecer seus currículos. Para além do trabalho conjunto com os órgãos citados acima, seja ele na forma de aplicar ou construir a política pública, outro órgão citado foi a Fundação Cultural Cidade de Aracaju – FUNCAJU, a qual contribui constantemente com atividades que valorizam a cultura. Tal órgão foi mencionado por Francisco Albuquerque, quando este abordou sobre as dificuldades enfrentadas em seu setor, pois, segundo ele, suas atividades necessitam do apoio institucional de outros órgãos da prefeitura para desenvolverem e consolidar suas ações. Para

tanto, o diretor relatou que há propostas exclusivas da SEJESP para o desenvolvimento de atividades ligadas ao Hip Hop, a exemplo de um projeto chamado “Break Dance” que inclui socialmente jovens em situação de vulnerabilidade do município por meio da dança, contudo ainda não conseguiu concretizá-la. A espera pela aprovação se dá, pela minha análise realizada durante a fala do entrevistado, por conta da falta de prioridade a estas ações voltadas a cultura, talvez porque sejam priorizadas a profissionalização, o emprego e o esporte.

No município de Barra dos Coqueiros, o secretário adjunto Thiago Ferreira aborda que a Política de Assistência Social é exclusiva para quem dela necessita, ou seja, trata-se de uma política voltada apenas para a garantia de direitos aos indivíduos e famílias em situação de pobreza e extrema pobreza que encontram-se em situação de vulnerabilidade, risco ou rompimento de vínculos familiares. As juventudes no município são acompanhadas por uma equipe psicossocial que acompanha o público por meio do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, o qual possui o objetivo de incluir socialmente jovens entre 15 e 18 anos (além de criança de 06 a 14 anos e pessoas com mais de 60 anos) por meio de oficinas de dança, esportes, lutas e palestras socioeducativas. Dentre tais atividades, o Break, um dos elementos do Hip Hop, é destacado como uma das modalidades realizadas dentro das aulas de danças ofertadas pelo serviço, contudo não é a única, sendo trabalhado ainda o balé, o fitdance e a zumba. Além do SCFV, há a inclusão de jovens no ACESSUAS (Programa Nacional de Promoção ao Acesso ao Mundo do Trabalho), como citado anteriormente, o qual possui o objetivo de aprimorar as potencialidades dos jovens em situação de vulnerabilidade, a fim de prepará-los para o mercado de trabalho.

Já no município de Nossa Senhora do Socorro, Francisco Carlos e Tuane Noêmia, relatam que as ações fixas desempenhadas pela secretaria de juventudes, esporte e lazer, são voltadas ao futebol, futsal, vôlei, box, muaythai e tiro esportivo, sendo tais atividades as principais responsáveis por tirar os jovens da ociosidade e protegendo-os das situações de risco. Além disso, os jovens que procuram a secretaria e aqueles que são encaminhados ou resgatados por outros órgãos do município têm a oportunidade de possuírem melhor desempenho educativo, visto que são encaminhados a cursos de inglês e matemática. Esta ação é fruto da parceria da prefeitura de Nossa Senhora do Socorro com empresas privadas, a exemplo da Universidade Tiradentes. Em relação ao Hip Hop, comentam que não possuem ações fixas, porém já integraram diversas atividades no município e que inclusive o Prefeito, o Padre Inaldo, apoia causas voltadas a tal cultura. Portanto, durante a realização de fóruns, encontros ou qualquer outra atividade, a secretaria de juventudes, turismo e lazer deste

município, segundo relatos dos entrevistados, procura inserir o Hip Hop em contexto idealizador de inclusão e educação, levando aos jovens mensagem de crescimento por meio da música, da dança ou da arte.

Tive a oportunidade ainda de conversar com o Conselheiro Estadual e Nacional de Juventudes, Nélio Miguel, que diz que o Hip Hop necessita de mais intensidade em suas práticas e, além disso, é necessária uma maior provocação ao Poder Público, a fim de colher benefícios aos mesmos, para que assim todos conheçam suas necessidades, anseios e desejos, e também conheçam a grandeza de sua cultura.

Tal argumentação do conselheiro é vista por mim de forma contrária em relação aos inúmeros acontecimentos e reivindicações que pude presenciar ao longo do meu tempo de pesquisa, desde a minha graduação em Serviço Social, quando realizei meu primeiro estudo sobre Hip Hop em Aracaju.

Muitos são os diálogos com o poder público, muitos são os eventos desenvolvidos sem auxílio do poder público, muitos são os desafios e, na grande maioria das vezes, as ações e eventos são realizados por eles e elas sem qualquer apoio do poder público, a partir da auto-organização, da força de vontade, dos sacrifícios para encontrar recursos e da atuação coletiva entre os jovens envolvidos com a cultura hip-hop.

2.3 Atuação Política dos militantes do Hip Hop Sergipano

É possível encontrar manifestações artísticas e políticas do Hip Hop em todos os locais da capital sergipana, contudo se torna mais incisiva na zona norte da capital, em especial embaixo da ponte “Construtor João Alves” conhecida como ponte Aracaju – Barra, localizada no Bairro Industrial. Pereira (2016) afirma em sua pesquisa que os integrantes e militantes do Hip Hop encontraram naquele espaço um local oportuno para ocupação do espaço público não aproveitado, levando à comunidade interação, cultura e política. A pesquisadora relata ainda que os integrantes e militantes do Hip Hop sentiram a necessidade da criação de atividades destinadas aos moradores daquele local, visto que os índices de violência e criminalidade eram altas e a intervenção estatal é baixa. Assim, visualizavam que a cultura em questão possuía um grande potencial em suprir a falta de políticas públicas daquele local, passando a levar atividades de entretenimento, lazer, arte e discussão política.

Com base nos argumentos sobre estratégias aderidas pelos militantes do Hip Hop na tentativa de enaltecer sua cultura, os mesmos se utilizam desse meio para expor suas angustias, suas dificuldades, seus anseios, sua vida e não obstante utilizam-no na forma de potencializar sua maneira de reivindicar, por meio da cultura, por direitos. É nesse contexto que o Hip Hop também é considerado uma ferramenta de protesto, sendo afirmado em uma entrevista realizada por Silva, Costa e Fonseca (2012), com uma Mc residente em Aracaju, cujo nome é Mariáh, que não sabe o que seria da periferia sem o Rap, visto que é por meio das letras deste estilo musical que são explicitadas toda a realidade vivenciada diariamente por quem tem seus direitos violados, sendo o rap utilizado dessa forma, como forma de protesto na busca por atrair os olhares do Estado, trazendo para o local melhores condições de vida.

O público feminino envolvido coma cultura Hip Hop em Aracaju também foi estudado por Freitas (2018). A autora apresenta o perfil destas mulheres, com idade média de vinte e nove anos de idade, residentes em bairros periféricos e que em sua grande maioria tiveram acesso ao ensino superior, nos cursos de administração, dança, publicidade e letras. Tal público se destaca ainda por ações de protesto na busca por reconhecimento e de direitos igualitários. Freitas (2018), em sua pesquisa sobre atuação política de jovens mulheres militantes do Hip Hop em Sergipe, cita um grupo de mulheres, o “Flor Marias”, que nas letras de Rap procuram abordar questões voltadas ao cotidiano do público feminino nas periferias, desigualdade e discriminação de gênero.

Ao longo do tempo, com a percepção da potencialidade que possui o Hip Hop, seus integrantes começam a visualizá-lo de forma valorosa no que diz respeito ao diálogo com o poder público. Nos últimos anos, cada vez mais tem ocorrido uma maior participação de integrantes e militantes do Hip Hop em discussões políticas.

Na grande Aracaju, notei enquanto pesquisadora um maior domínio, predominância e atuação de alguns indivíduos que estiveram sempre na linha de frente das ações ligadas ao Hip Hop, desenvolvidas pelo poder público. Estes indivíduos são referências para os demais integrantes e militantes do Hip Hop, de acordo com pesquisas bibliográficas, midiáticas ou de campo. Irei tratar, dessa forma, de protagonistas do Hip Hop em Sergipe, como Hot Black, Mano Sinho e Negratcha, devido suas repetidas aparições e autorias de projetos, abordagens e lutas em relação ao Hip Hop neste território. Ressalto que as informações advém de pesquisas passadas, tanto minhas como de outros autores, mas também foram colhidas por mim para esta atual pesquisa.

No ano de 2013, em uma pesquisa realizada por Marcon e Filho (2013), dois dos coletivos se destacaram como grupos de grande atuação política, social e cultural no estado de Sergipe, sendo elas a ALPV - Aliado pelo Verso e a Nação Hip Hop. Estes atuavam nos elementos do Hip Hop voltados à música, à dança e à arte de rua, na maioria das vezes nas zonas norte e oeste de Aracaju, locais em que percebiam uma maior concentração de jovens seduzidos pela cultura. Tais locais, citam os autores em uma entrevista realizada com um dos componentes dos coletivos, são marcados pela negligência do Estado, em que a segurança, saúde, educação, lazer não suprem a necessidade da população, entrando em cena o Hip Hop como forma de transformação das vidas dos jovens por meio da cultura do break, do rap, do DJ e do grafite.

Hot Black, presidente da Nação Hip Hop, é exemplo de perseverança e dedicação à cultura local, tendo o Hip Hop como fonte de inclusão social de jovens sergipanos. O militante encontra-se inserido no Hip Hop desde a sua adolescência e nele encontrou ensinamentos relevantes para seu desenvolvimento profissional, artístico e cidadão. Passou por grupos de rap como AR15 (Significado: Anderson Rapper, 15 anos de idade), Mensagem Negra e pela posse/coletivo Família Ativista e Nação Hip Hop. Além da semana municipal do Hip Hop, o militante ajudou na elaboração e execução de várias atividades no estado de Sergipe, algumas com o apoio do poder público, outras não. Hot Black relata que encontrou e encontra muitas dificuldades na execução de atividades voltadas ao Hip Hop, mas o desejo de transformar a cultura em um fenômeno reconhecido positivamente por toda a sociedade e pelo poder público é maior. (Informações obtidas em entrevista que realizei para esta pesquisa).

Através da iniciativa do coletivo Nação Hip Hop, a Semana Municipal do Hip Hop, que foi instituída através da Lei nº 4.064 de 22 de Agosto de 2011, é exemplo de uma ação valiosa na multiplicação da cultura de rua por toda a capital Sergipana, fruto do engajamento político depositado pelas juventudes que a integram. Foi originada a partir da militância de alguns integrantes que lutam pela justiça, igualdade e inclusão, fomentando que sua cultura pode ser instrumento para a obtenção destas causas. (SILVA; FONSECA; PEREIRA, 2013).

Para Negratcha, a lei municipal do Hip Hop é uma conquista relevante socialmente, culturalmente e politicamente, sendo dever do poder público estabelecer normativas para seu funcionamento, pois segundo a mesma, os integrantes e militantes do Hip Hop, por muitas vezes deixaram de “pagar uma conta de água, ter alimentação para poder fortalecer o Hip Hop na forma de realizar evento”. Mano Sinho, concorda com a visão de Negratcha sobre a importância de uma lei que efetive ações de Hip Hop em Aracaju, embora ambos não tenham

participado de sua construção (Negratcha devido à privação de liberdade naquele período e Sinho por falta de espaço, segundo o mesmo). Devido a este fato, Mano Sinho faz uma crítica falando da necessidade da união dos indivíduos e grupos/coletivos que compactuam com o mesmo objetivo, para que assim possam empoderar-se e agregarem força em prol melhorias para suas comunidades.

Dano continuidade nos protagonismos geridos por indivíduos atuantes politicamente na grande Aracaju, destaco Mano Sinho, presidente do coletivo ALPV - Aliados pelo Verso. Segundo Marcon e Filho (2013), em uma entrevista realizada com Mano Sinho, o coletivo ALPV nasceu após a percepção de alguns grupos de Rap da capital em poder levar melhorias à comunidade em que vivem. Além disso, a união de tais grupos serviu como base para a criação de programas e projetos dentro das comunidades periféricas, levando às juventudes destes locais uma melhor perspectiva de vida. No estatuto do coletivo ALPV, os participantes afirmam que “(...) nos tornamos atores políticos anônimos em busca de mudança, somos jovens que queremos uma participação mais direta dos jovens nas decisões políticas, sociais e comunitárias, somos ativistas sociais, somos jovens que tentamos dar sentido às nossas vidas através do movimento e da cultura hip-hop”. (MARCON; FILHO, 2013).

De acordo com a minha atual pesquisa, Mano Sinho mostrou que, unido aos demais militantes do Hip Hop, o conjunto de atores destas manifestações realizam grande contribuição no desenvolvimento desta cultura no estado, levando as comunidades, além da arte, a informação e a força para lutar por direitos que consideram violados.

Outro coletivo atuante politicamente no exercício da cidadania que almeja, que debate e luta por melhorias para o coletivo é a “Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop - FNMH², cuja presidência é ocupada pela militante Negratcha. Esta foi pioneira no hip-hop feminino no Estado de Sergipe. Além de enfrentar o preconceito e desvalorização da figura feminina em espaços dominados até então por homens, encontrou ainda grandes desafios na obtenção da valorização de sua cultura e de seu território periférico. Negratcha atua na elaboração e execução de projetos no estado, além de encontrar-se inserida em planos com a carreira política partidária, na busca pela garantia de direitos daqueles com quem milita. (Informações obtidas de entrevistas realizadas para esta pesquisa.).

É fácil notar semelhança na maioria dos indivíduos, grupos e coletivos voltados ao Hip Hop, visto que por meio de suas práticas culturais, os mesmos utilizam essas práticas de maneira que possam ressaltar sua cultura para bens próprios e coletivos. Em Aracaju não é

diferente. Marcon e Filho (2013) disseram há 7 anos atrás, que ambos os coletivos citados nos parágrafos acima (Nação Hip Hop e ALPV), encontram-se articulados em um processo de militância política, fazendo parte de movimentos sociais e partidos políticos, com alguma continuidade nos dias de hoje. Os coletivos também abarcam espaços midiáticos, propagam sua cultura por meio de eventos realizados pelos mesmos, entre outras maneiras de reconhecimento.

Diante de pesquisas anteriores como atuais, visualizo ainda que os indivíduos que começam a se interessar pelo Hip Hop nos últimos anos, iniciaram sua trajetória dentro de algum dos coletivos citados acima. Percebo ainda que há momentos da cena do Hip Hop em Sergipe, que os três, como demais coletivos, cruzam-se em prol de uma única causa, unindo forças e acalmando possíveis conflitos e discórdias que podem existir entre eles.

O fato é que, diante da minha percepção enquanto pesquisadora, os coletivos: Nação Hip Hop, ALPV e Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop, se mostram até os dias atuais como protagonistas da cena do Hip Hop no Estado, quando estão à frente das lutas pela igualdade e justiça social no que diz respeito às juventudes das periferias. Tal fato pode ser visualizado em entrevistas midiáticas, em redes sociais, ou até mesmo diante de estudos acadêmicos.

Ressalto que muitos são os grupos voltados ao Hip Hop em Sergipe, porém nem todos possuem um discurso político e de ascensão social. Apesar disso, há momentos e situações, como por exemplo, durante a realização de eventos e ações, que os demais grupos aliam-se a coletivos mais atuantes, como é o caso dos citados neste subcapítulo. Dentro de tais coletivos há uma gama de outros grupos e indivíduos em prol de causas em comum.

É perceptível ainda que a grande maioria dos integrantes do Hip Hop em Aracaju/SE que estudei possuem encantamento pela cultura e que muitos não idealizam e nem possuem retorno financeiro, visto que cantam, dançam, grafitam e praticam militância como um estilo de vida, baseando-se na solidariedade, humildade, sociabilidade e integração. (SILVA; FONSECA; PEREIRA, 2013). Para tanto, por se tratar de uma cultura empoderada, podendo ser resgatada pelo poder público para a inserção de suas práticas em políticas públicas, visualizo que seus integrantes solicitam apoio e contribuição financeira, por se tratar de atividades que demandam a utilização de artefatos de custo alto, como aparelhagens de som e tintas especiais, por exemplo.

A falta de incentivo pelo poder público, de acordo com a minha visão enquanto pesquisadora, fizeram com que integrantes do Hip Hop se interessassem pela disputa política partidária, visto que, segundo a fala dos próprios entrevistados, as demandas advindas de sua comunidade ou de seus grupos/coletivos não são acolhidas pelos atuais executores de políticas públicas.

Esse fato já havia ocorrido em tempos passados, com foi o caso de Hot Black, quando no ano de 2016 se candidatou a vereador no município de Aracaju, porém não venceu a disputa. Atualmente, pude identificar que Mano Sinho deseja pleitear uma vaga na câmara de vereadores do município de Aracaju nas eleições deste presente ano, com propostas de levar a inclusão social a crianças e jovens de periferias através do esporte, da música, da dança e da arte.

Sofro pressão para me candidatar há muito tempo. Já tem uns 3 pleitos. Nesse último eu tive chance sair como federal ou estadual, pelo Frente Favela Brasil que foi alojado no partido Rede, mas avaliamos a conjuntura não era interessante pra gente e fomos acumulando a nossa narrativa. Esse próximo período, a minha base tem me pressionado, as pessoas também, e o time do Hip Hop também tem me pressionado. A gente acha que é interessante que o movimento pelo o que acumulou ocupe outros espaços e patamar de discussão. (Entrevista realizada com Mano Sinho).

Negratcha, que é afiliada ao PT, também demonstra interesse em concorrer ao cargo de vereadora no município de Nossa Senhora do Socorro, dizendo que deseja uma melhor aproximação com a política partidária para garantir direitos a toda a sociedade, em especial às mulheres, às juventudes e ao sistema carcerário feminino. Afirma que estas categorias requerem uma melhor atuação do poder público, pois muitas são as violações de direitos ocorridas a elas.

Identifico, portanto, que são as demandas sociais que movem o desejo de mudança destes indivíduos que integram o Hip Hop. Na falta de políticas públicas capazes de sanar suas dificuldades, os mesmos se engajam, lutam e resistem em busca de melhoria, seja se aliando a partidos políticos ou até mesmo disputado cargos que possuam força de execução.

CAPÍTULO III – DE QUEBRADA EM QUEBRADA: O CENÁRIO ATUAL DO ENGAJAMENTO POLÍTICO DOS JOVENS MILITANTES DO HIP HOP

O ano de 2019 foi marcado por uma vasta diversidade de ações culturais, sociais e políticas desenvolvidas pelos integrantes do Hip Hop nos diferentes tipos de espaços da grande Aracaju. O ano ganha destaque pelo retorno da aplicação da Lei nº 4.064/11, que determina que atividades voltadas ao Hip Hop sejam desenvolvidas por meio de políticas públicas no mês de maio. Assim, uma série de eventos, discussões e ações voltadas à cultura em questão encontram, em tal aparato legislativo, força para continuar resistindo e existindo. Tal lei foi criada em 2011 e entrou em vigor no ano seguinte, sendo importante lembrar que após o ano de 2012 os militantes, integrantes, grupos, coletivos e admiradores do Hip Hop foram silenciados pela não execução de atividades como previsto em lei. Tal problematização faz parte dos meus desejos em compreender as ambiguidades da ação do poder público quando trata-se de uma cultura juvenil, periférica, de origem negra e excluída socialmente. Isto porque se de um lado se criam as leis pela atuação articulação e atuação dos militantes do hip-hop junto aos políticos, de outro não se garantem a execução das políticas, que ficam a depender da sazonalidade e da boa vontade dos governos.

Neste capítulo, procuro entender a participação e o engajamento de alguns desses jovens na cena do hip-hop na grande Aracaju, entorno da realização de eventos autônomos de rap, grafitti, break e conscientização política, entre outros, bem em torno da disputa por políticas públicas que viabilizem, visibilizem e legitimem a cena hip-hop. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com jovens militantes do Hip Hop, como também através da observação de ações realizadas pelos mesmos no ano de 2019, em que obtive contato com 08 militantes e observei 06 ações, entre elas reuniões, eventos e roda de conversas.

O primeiro entrevistado foi Luiz Cláudio dos Santos, conhecido como Bidu, 33 anos, negro, morador do Bairro Industrial, Zona Norte de Aracaju. O mesmo faz parte do elemento Rap, mas também possui demais atividades que podem estar ligadas ao Hip Hop, como sua marca de vestuários com o nome DMPM - do mangue pro mundo e de produtora com o nome Selo Mangue.

A Mc Manu foi a segunda entrevistada. Emanuelle Caiane Dantas Vieira, seu nome de nascimento, possui 19 anos, negra, estudante de artes visuais, moradora do Bairro América, Zona Norte de Aracaju e cantora de um grupo de rap feminino chamado “Artigo 163”. A

jovem possui influências artísticas de sua mãe, Gigi poetisa, como também influências de militância, a qual sempre abraçou causas de gênero e raça.

Daniel Santos da Silva, conhecido como D’Rap, foi o terceiro entrevistado, tem 21 anos de idade, considera-se pardo, é recepcionista, possui o ensino médio e é morador do Conjunto Bugio, Zona Norte de Aracaju. O jovem sempre foi envolvido com música e fazia parte de um grupo musical dentro de sua igreja. Assim, por gostar de Rap, tentou levar o estilo para dentro daquele meio. Causou-lhe sofrimento, inicialmente, os grandes desafios pelo preconceito com as letras de outros músicos que também cantavam Rap. Atualmente, Daniel é bem aceito em sua igreja, e utiliza o Rap como aconselhamento e bom incentivo para demais jovens que ali frequentam.

A jovem Yala Thamires Souza Santos foi a quarta entrevistada. Estudante de Ciências Sociais, negra, 25 anos e moradora da Matinha/Bairro Industrial, Zona Norte de Aracaju. Suas principais causas são em favor da igualdade de gênero, de raça e de classe. Tais causas são abordadas constantemente em suas falas e em suas músicas.

Gefferson Santos Santana, conhecido como Mano Sinho é presidente do coletivo Aliados pelo Verso – ALPV e atualmente presidente da Sociedade Esportiva e Cultural Aliados. Este quinto entrevistado é considerado um dos pioneiros relevantes da militância pelo Hip Hop em Sergipe, o qual pode compartilhar uma grande história de luta pela ascensão da cultura pelo Estado. O mesmo possui 36 anos, é negro, orientador social, possui o médio completo e reside no Bairro Porto Dantas, Zona Norte de Aracaju.

A sexta entrevistada foi Kátia Cristina Silva Couto. A presidente do BC movimento tem 61 anos de idade, se considera parda, possui o ensino médio e também desenvolve trabalhos como Mc e como grafiteira. A mesma é considerada a “mãe” do Hip Hop em Sergipe e desenvolve um trabalho educativo, juntamente com seus filhos, com os jovens do município em que reside, sendo ele a Barra dos Coqueiros. Seu sonho é criar um espaço cultural voltado ao Hip Hop e outras modalidades que envolvam Skate e Basquete, no intuito de resgatar jovens do mundo da criminalidade e das drogas.

A presidente Estadual da Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop, negra, 35 anos, cabeleireira, residente no Bairro Marcos Freire I, município de Nossa Senhora do Socorro, estudante de Direito, é a sétima entrevistada. IzaJakeline Barros da Silva, conhecida como Mc Negratcha, é militante dos direitos das mulheres e dos negros, e luta por tais causas por meio do Hip Hop. A mesma já participou de muitos projetos sociais e é bem reconhecida pelo seu

trabalho. Sua filha, Ana, é a reprodução de suas ideias, a qual desde criança compõe músicas e poesias, além de acompanhar sua mãe em eventos e caminhos que buscam por justiça e igualdade.

O último entrevistado é considerado uma das grandes referências para o Hip Hop no Estado, na concepção de demais integrantes e militantes do Hip Hop. É o Anderson Clayton Passos, mais conhecido como Mc Hot Black, tem 40 anos de idade, preto, assim denominado pelo mesmo, morador do Bairro Porto Dantas, Zona Norte de Aracaju, apresentador na TV e Rádio Aperipê de matérias ligadas ao Hip Hop. O mesmo é Presidente Estadual da Nação Hip Hop Brasil e é autor de muitos eventos no Estado. Atualmente desenvolve o Som de Quebrada, evento que visa a ocupação do espaço público para o desenvolvimento da cultura e da arte na periferia. Foi a Nação Hip Hop que teve a iniciativa, juntamente com a ex vereadora Karla Trindade do PCdoB, de criar a importante lei 4.064, que estabelece a necessidade da aplicação de atividades voltadas ao Hip Hop em Aracaju por meio de Políticas Públicas como forma de inclusão social.¹⁴

O roteiro de entrevistas seguiu uma linha de pensamento que permitia também ao entrevistado desviar da pergunta proposta, sendo uma maneira de obter mais informações e compreensão de suas concepções acerca do Hip Hop e Políticas Públicas. Assim, procurei observar comportamentos, interação com demais participantes do Hip Hop e comigo enquanto pesquisadora.

Divido este capítulo em três, o que permitirá ao leitor compreender como os integrantes e militantes do Hip Hop na grande Aracaju encontram-se se organizando, empoderando-se e agindo politicamente em prol de suas ideias.

No primeiro subcapítulo, intitulado de “A face da atual militância do Hip Hop na grande Aracaju” é possível conhecer o perfil, atributos e objetivos dos integrantes e militantes na grande Aracaju, sendo possível ainda perceber as mudanças que ocorreram ao longo do tempo e como foi se constituindo o aprendizado cultural e político dos envolvidos com o hip-

14Vale ressaltar que uma Mc, Travesti, Negra, periférica, militante de causas LGBT (formas pela qual a mesma se apresentava nos eventos) também encontrava-se nos meus desejos de pesquisa, visto que possuía um importante destaque nos eventos que presenciei ao abordar sobre as barreiras enfrentadas pela mesma, como também as conquistas que alcançou mesmo passando por situações de machismo e preconceito. A Mc Pérola faz parte de um grupo de Rap chamado Trava Nagô, sendo composto por três travestis que possuem vivências relevantes para as causas sociais, de gênero, classe e raça. Contudo, não foi possível concretizar uma entrevista com a MC, pela dificuldade de contato com a mesma fora dos eventos ou até mesmo por outro motivo desconhecido por mim.

hop. Assim, apresentarei quem são os atores em destaque na cena; quais os territórios de ascensão; quais seus principais objetivos e por fim, quais as conquistas e desafios que tal cultura lhes proporcionou.

O segundo subcapítulo intitulado de “Empoderamento, Resistências e Política Pública”, trata-se das formas de atuação política dos militantes do Hip Hop na grande Aracaju e formas de busca pelo reconhecimento de sua cultura. Essa pauta se torna importante ao notarem que o Hip Hop pode ser utilizado como uma ferramenta educativa, de resgate e de transformação social, como visualizam todos seus integrantes. Assim, os mesmos lutam pela sua inserção em políticas públicas ofertadas pelo poder público como uma das maneiras de proporcionar garantia de direitos a toda sociedade e em especial aos jovens residentes das periferias.

O terceiro subcapítulo ganha o nome de “Os bastidores dos eventos de Hip Hop na grande Aracaju”, no qual apresento alguns eventos realizados durante o ano de 2019, demonstrando suas facetas culturais e políticas, sendo que através destes, as sociabilidades, os ativismos e as articulações em torno da cena se mantêm e fortalecem suas práticas de intervenção social. Essas ações foram observadas ao longo da pesquisa, em diferentes locais da grande Aracaju, em que pude analisar os comportamentos, as atitudes e as pautas mais discutidas pelos integrantes do movimento. Para esses jovens, os eventos são momentos e espaços de lazer, de encontro e de agência, e, embora sejam realizados de forma autônoma e colaborativa por eles próprios, são, também, objetos da sua reivindicação por política pública.

3.1 A face da atual militância do Hip Hop na grande Aracaju

“O Hip Hop é uma árvore de muitos galhos. Nós estamos construindo. Temos os arquitetos, mas temos uma série de operários e a nossa mão de obra é constante. O Hip Hop é agora. Nesse exato momento há pessoas sendo recrutadas para continuar pavimentando esse caminho, continuar colocando reboco nessa parede. A casa é muito grande, cabe muita gente, tem muita gente pra ser acomodado por ela.”. (ENTREVISTA COM MC HOT BLACK).

No capítulo anterior demonstrei um pouco do que passaram as juventudes militantes do Hip Hop na grande Aracaju na busca por seus direitos enquanto cidadãos, os quais utilizam-se de sua cultura para disseminar a importância de melhores intervenções políticas e sociais dentro de suas comunidades. É nesse contexto que trago nesse subcapítulo o perfil dos

militantes do Hip Hop na atual cena que envolve a grande Aracaju, ou seja, proponho entender quem são os atores sociais que encontram destaque nesse contexto. Como os sujeitos se interessaram e adentraram em tal cultura? Quais eventos estão sendo elaborados e desenvolvidos? Quais as regiões/zonas mais exploradas pela cultura e quem contribui para a ascensão política, social e cultural do Hip Hop?

O estudo foi iniciado no mês de Maio de 2019, quando pude participar de eventos e ambientes frequentados pelos militantes do Hip Hop, que me proporcionaram a familiaridade e compreensão do mundo em que vivem as pessoas que se aliam ao movimento, suas atitudes e comportamentos. Nos eventos que presenciei, notei um grande número de jovens, na maioria homens (mas com um número significativo de mulheres) e predominantemente negros. Embora alguns integrantes do Hip Hop tenham mais de 30 anos, estes se consideram parte do mesmo contexto juvenil, visto que agregam, fortalecem, contribuem e vivenciam uma cultura predominantemente jovem, levando a compreensão de que juventude vai além da idade, ela é considerada a essência da vida para os mesmos.

Notei ainda que os espaços nos quais são desenvolvidas ações do Hip Hop são locais ocupados também por famílias que se aproximavam por curiosidade ou acompanhando integrantes do Hip Hop, tornando as atividades um espaço comum a todos, de livre acesso e frequentado por todos aqueles que tenham interesse, levando interatividade, entretenimento e acesso a tal cultura para toda uma coletividade.

Os militantes do Hip Hop com os quais estive, atuam e desejam abranger todas as áreas da grande Aracaju. Foram perceptíveis as atuações culturais, sociais e políticas voltadas ao Hip Hop em locais diversificados, entre eles, em maior destaque, no Município de Aracaju: Bairro Industrial e Porto Dantas; no Município de Nossa Senhora do Socorro: Marcos Freire I, II e João Alves; no Município de São Cristóvão: Eduardo Gomes¹⁵; no Município de Barra dos Coqueiros: Ocupação da Praça do conjunto Prisco Viana. Vale ressaltar que a Semana Municipal do Hip Hop e Dia Municipal do Reggae realizado em Aracaju, evento de grande relevância para o Hip Hop, sendo ele criado a partir da Lei 4.064/11, teve o objetivo de

15 Ressalto que o evento que envolvia o Hip Hop no Conjunto Eduardo Gomes, município de São Cristóvão, não possuía um discurso político, sendo este parte do meu objeto de pesquisa. O evento que presenciei chamado “Oeste pelo Rap”, ocorreu no dia 20 de julho de 2019 no final do período vespertino, na Associação de moradores do local, apresentando-se no palco 14 grupos de Rap. Apesar de não ser cobrada taxa para a entrada no local, tal evento mostrava-se ligado a indústria da música como forma de expandir o Rap a fim de arrecadar fins lucrativos posteriores ou ainda pelo envolvimento e amor pela arte. Isso foi percebido devido da não manifestação política, de luta ou reivindicatória presenciada em eventos que participei em outros municípios. Além disso, existia a comercialização de Cd’s de alguns grupos durante o evento.

alcançar todas as zonas da cidade de Aracaju, com atividades desenvolvidas no Bairro Santa Maria, Veneza, Porto Dantas, Bairro industrial e, além disso, os terminais de transportes coletivos que faziam conexão com todas as zonas da capital levavam a propagação das ações que estavam sendo desenvolvidas durante a semana.

Segundo os integrantes e militantes do Hip Hop, eles e elas pretendem disseminar suas aptidões principalmente em zonas ainda não atingidas. Esta cultura nasce e cresce na periferia, contudo vem desempenhando atividades na zona sul, em ambientes frequentados pela classe média e alta, dentro das escolas, nas praças, em grandes eventos, na igreja, entre outros campos. Para tanto, essa difusão em outros ambientes não significa que seus integrantes possuem o desejo de sair do ambiente de origem, mas sim, possuem o desejo de mudar a realidade do seu local, trazendo para ali, os benefícios sociais e urbanísticos ofertados às outras zonas.

Tal comentário pode ser afirmado na fala do Mano Sinho, quando relata:

O Hip Hop mudou a realidade do nosso país, no final dos anos 90 para o começo de 2000, nós passamos a afirmar a nossa origem: Sou periferia, sou gueto e com isso as pessoas das periferias passaram a valorizar mais os seus territórios e passamos a perceber que existe uma distância econômica muito grande da periferia de Aracaju para um bairro nobre de Aracaju. Por muito tempo nós vivemos uma contradição estrutural muito grande que tinha benefícios lá (na zona sul) e aqui (periferia) não tinha né? E isso chocou muita coisa. Mas atualmente eu vejo as pessoas com pensamentos diferentes. As pessoas querem criar seus filhos aqui, nós não queremos ir pra lá (zona sul), nós só queremos que tenha cidadania e dignidade aqui. (ENTREVISTA COM MANO SINHO, SETEMBRO DE 2019).

Inicialmente, o principal atrativo promovido pela cultura Hip Hop em Aracaju, conforme os entrevistados, é a música Rap. D’Rap, Kátia Couto e Hot Black citaram por diversas vezes durante as entrevistas o grupo de Rap Racionais MC, relatando ser o maior influenciador da entrada deles na cultura. Tal fato, segundo meus entrevistados, ocorreu pela identificação com as problemáticas tratadas nas letras, que se assemelhavam a suas vivências. Para Hot Black, o grupo Racionais Mc’s foi a principal influência de sua identificação e permanência dentro do Hip Hop. “O Racionais foi a chave. *Sobrevivendo no inferno*, em 1997, foi a grande virada pra me ver dentro dessa cultura e perceber que aqui era o meu lugar e daqui eu não saio mais.”. (Hot Black, 2019).

Além da influência de grandes grupos de Rap, atraindo jovens a esta cultura, eles dizem que obtiveram no Hip Hop um aparato emocional, de aconselhamento e

direcionamento fundamental para suas vidas. Segundo alguns de meus entrevistados, suas trajetórias de vida poderia ter lhes conduzido para um caminho que envolvesse riscos para si e para toda a sociedade, contudo encontram no Hip Hop acolhimento e condução necessária para reagir bem aos conflitos existentes em suas vidas. A MC Negratcha é um bom exemplo, ela relata que sempre gostou de escrever e após passar por momentos difíceis em sua vida, como a morte de sua mãe, e foi quando começou a expor suas emoções e angustias na forma de escrita, formando assim suas primeiras letras de Rap, que foram visualizadas e valorizadas por um amigo já inserido no Hip Hop.

Mas além da identificação com a música Rap, a forma que prendeu vários dos entrevistados à cultura Hip Hop foi a influência de pessoas que já viviam naquele meio, sendo seus parceiros, amigos e parentes. A Mc Manu diz que a admiração pela música, pela poesia e pela arte vem de berço. Foi construída a partir do vínculo familiar, visto que sua mãe, Gigi Poetisa, a influenciou na inserção da poesia em sua vida. Já a Mc Yala relatou que além de ouvir a música Rap e de iniciar cantoria com seu companheiro, ela descobriu de fato o Hip Hop quando passou a frequentar eventos ligados a cultura em sua região de moradia.

Eu comecei a colar nos eventos de Rap e andando nesses lugares eu conheci muitas pessoas e também meu companheiro, ele canta e eu comecei a cantar com ele e comecei a conhecer todos os roles, comecei a conhecer as meninas. Mas o primeiro contato que eu tive foi com os caras e depois foi com as meninas. Daí, comecei a ter uma melhor consciência de gênero, de opressão, etc. Mas o primeiro contato mesmo foi como ouvinte, como fã. Eu admirava a galera que cantava. A primeira pessoa que eu vi cantando foi Ariane e isso me encantou. Eu pensei ‘Será que eu consigo fazer isso também?’. Há muitos anos sou ouvinte de Rap e foi atrás desse ritmo que comecei a me reconhecer enquanto mulher, negra, periférica. O Rap me iluminou a entender que eu era mais uma vítima da sociedade e entender também as opressões que eu sofria de raça, de classe, de gênero e etc. Mas só foi em 2013 que eu descobri a cena do Hip Hop aqui em Sergipe, foi quando eu comecei a acompanhar os eventos, as batalhas de Rap e de Break que acontecia na ponte Aracaju-Barra. Porque pelo fato do Hip Hop ser bastante Undergroud, a gente só conhece mesmo quando vamos nos locais. Naquela época não tinha tanta a influência da mídia como hoje, hoje temos facebook, instagram que facilitam, mas naquela época não tinha. (ENTREVISTA COM A MC YALA).

Com a fala da Mc Yala e de outras pessoas ligadas ao rap, ao break e ao grafite, ficou perceptível que a ponte Construtor João Alves é referência no desenvolvimento de ações ligadas ao Hip Hop. Lá são realizados diversos encontros e atividades culturais ligadas à cultura de rua. Tanto o Mc Bidu, quanto a Mc Yala, descobriram o Hip Hop nesse espaço que inicialmente era ocupado pela “velha escola”, como são chamados os integrantes que

iniciaram o movimento Hip Hop em Sergipe e que, segundo o Mc , trouxe para aquele local uma imagem associada à juventude e à cultura de rua, com pinturas, esporte e música, se tornando um importante local de referência.

Uma das propostas dos militantes e integrantes do Hip Hop é a inserção de suas práticas em espaços educativos, como as escolas, órgãos da Política de Assistência Social, a exemplo do CRAS¹⁶ e CREAS¹⁷, Centros Culturais, com intuito de levar lazer, informação e arte para jovens daqueles espaços.

Para os militantes e integrantes do Hip Hop, tal cultura pode se tornar uma valiosa ferramenta de enriquecimento de políticas públicas, levando melhorias sociais e de vida aos jovens por meio da música, da arte e da dança. Contudo, a cultura Hip Hop ainda não é disseminada na forma desejada por seus integrantes no que diz respeito a sua aceitação na esfera pública. Neste sentido, eles fazem críticas e apelam por uma melhor inserção de suas práticas como políticas públicas ofertadas e garantidas pelo Estado.

Os órgãos já estão encharcados de outras oficinas que muita das vezes não são atrativas para as crianças e adolescentes. Os meninos falam “Eu não quero ficar cortando emborrachado”. Eu tenho exemplo disso. Meus meninos foram desenvolver atividades em um abrigo e foi um ótimo trabalho, os meninos se desenvolveram bem. Mas foi em um curto período. Queríamos continuar com eles, pois sabíamos que dali iria sair um resultado bem maior, mas é complicada essa continuidade. (ENTREVISTA COM KÁTIA COUTO, 2019).

O posicionamento político de algumas gestões governamentais vem gerando desconforto e críticas, por não incentivarem ou valorizarem as atividades de lazer, de arte e cultura na sociedade. Tal comentário é observado nas falas dos entrevistados, os quais afirmam que a ideologia política voltada aos discursos de esquerda é seu principal aliado no desenvolvimento do Hip Hop dentro da sociedade, visto que pelo menos estas se posicionam no enfrentamento das desigualdades sociais, de gênero, econômicas, entre as demais situações que violam os direitos da sociedade e em especial a dos grupos sociais que mais necessitam de acolhimento pelo poder público. O entrevistado, militante e Mc Hot Black, acentua o posicionamento político da cultura hip hop no comentário abaixo:

16 CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

17 CREAS - Centro Referência Especializado de Assistência Social

“Hip Hop é uma ferramenta política sim, e percebendo isso precisamos alinhar os nossos discursos. O Hip Hop é um discurso racial, social, de gênero. É um movimento muito ligado aos discursos de esquerda por causa de sua essência. Lá no Bronx os caras protestavam contra um estado capitalista né? Então isso é uma reação política. Não vejo o Hip Hop neutro. Eu vejo que a neutralidade tende a ir para o fascismo, pro lado do opressor. Então na condição do oprimido, temos que agir.”. (ENTREVISTA COM MC HOT BLACK).

Legendas partidárias representadas por alguns gestores públicos são lembradas pelos militantes do Hip Hop como responsáveis pela ascensão da cultura no Estado de Sergipe, mas que como tratam-se de gestões temporárias, posteriormente e de forma cíclica há retrocessos e perdas. O MC Bidu relatou que a fase de maior crescimento do Hip Hop em Sergipe ocorreu em toda gestão de Marcelo Déda, enquanto prefeito de Aracaju e governador de Sergipe.¹⁸ O MC informou ainda que: “O conceito do PT envolvia e priorizava muito as questões sociais e o Hip Hop teve esse apoio. Após a queda do partido PT, o Hip Hop também foi se enfraquecendo por não ter mais apoio.”.

Atualmente a gestão da capital sergipana, Aracaju, é gerida pelo prefeito Edvaldo Nogueira Filho, filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Em sua gestão anterior, que se encerrou no ano de 2012, foi criada a lei 4.064/11, que inseriu o Hip Hop no horizonte das ações de políticas públicas da capital. Contudo, além de seu substituto na prefeitura, João Alves Filho (2013 a 2017), o próprio prefeito Edvaldo Nogueira Filho (que retornou à prefeitura em 2018), anos após, também foi alvo de críticas pelos integrantes do Hip Hop, devido ao não cumprimento da lei nos anos posteriores a sua criação.

Um dos exemplos das críticas foi a matéria escrita no blogger da Nação Hip Hop Brasil¹⁹, no dia 19 de maio de 2015, com o tema: Se é Lei, CUMPRA!. O objetivo da matéria foi de chamar a atenção para a inexistência de atividades após o ano da criação da lei 4.064/12, mostrando a sua importância para a sociedade e principalmente para as juventudes do local, visto que é por meio desta cultura que jovens são resgatados, educados e transformados, segundo entendimento da matéria. O objetivo foi de alertar ainda sobre as consequências do não cumprimento da lei, fazendo críticas do tipo: “E aqui, senhores

18 Marcelo Déda foi prefeito de Aracaju/SE entre os anos de 2001 a 2006, quando renunciou seu mandato para disputar as eleições para governador de Sergipe, vencendo as eleições e gerindo o estado até 2013. (informações disponíveis em <https://a8se.com/sergipe/noticia/2013/12/32412-conheca-a-trajetoria-de-marcelo-deda.html> acesso em: 12/05/2020).

19Disponível em: <http://www.nacaohiphopbrasil.com.br/2015/05/se-e-lei-cumpra-bom-dia-todos-e-todas.html>. Acesso em 05/10/2019.

vereadores, venho denunciar o descumprimento da lei pela atual administração do governo municipal, pelo terceiro ano consecutivo, isso mesmo, três anos sem se quer iniciar um diálogo com os representantes dessa cultura ou movimento, como queiram chamar!”. Mesmo diante de tais dificuldades em alcançar visibilidade, reconhecimento e apoio público do Estado e dos governos os militantes do Hip Hop deram continuidade as muitas de suas ações.

Ao longo das entrevistas ficou perceptível que várias histórias se repetem ao conhecer o significado e importância do Hip Hop na vida de seus integrantes. Tanto o Mc Bidu, quanto o Mc Hot Black relatam que passaram por inúmeras dificuldades em suas vidas e que encontraram no Hip Hop apoio, acolhimento e orientação. O Mc Bidu relata que: “Na época que descobri o Hip Hop, a minha vida estava passando por uma tragédia e o Hip Hop foi mostrando uma saída diferente daquela procurada por algumas pessoas, como o envolvimento com coisas ruins.”. Já o Mc Hot Black afirmou ver muitos amigos fazendo uso de substâncias psicoativas levando a caminhos destrutivos e até à morte.

Então o Hip Hop é muito mais do que a arte pela arte. É um instrumento de transformação de vida. Eu mudei, eu tinha todo os caminhos de seguir os passos de meus amigos, porque corremos o risco de nos aproximar muito rápido da violência. As vezes um conselho de uma mãe, não ouvimos, mas de um vizinho será bem mais aceito e é pior. (ENTREVISTA COM MC HOT BLACK).

Para além do resgate feito pelo Hip Hop, os entrevistados abordam sobre a importância que a cultura possui na condução de suas atitudes, comportamentos, trajetórias e posicionamentos. Para além de um olhar crítico sobre os impasses adquiridos no decorrer de suas vivências no âmbito familiar, comunitário ou universitário, o Hip Hop é instrumento de encorajamento, fortalecimento e autoestima em que seus atores geralmente se posicionam contra um sistema capitalista que tenta inibir e calar as ações de uma juventude sofrida pelos reflexos da opressão, mas que encontra por meio das práticas culturais a força de embate.

O Hip Hop surge na luta contra as injustiças e a opressão e assim segue dentro de nossas vidas. Nós encontramos formas de se expressar por meio do Hip Hop, por meio da poesia, da pixação, do grafite, da dança, das batidas. Tudo tem significado. Até o que está por trás: a produção, a galera do skate também, a gente acaba fazendo uma união que nos permite sobreviver nessa selva ai de pedra. (ENTREVISTA COM A MC MANU, 2019).

Autoestima, liberdade de expressão e posicionamento político: esses são elementos adquiridos por meio do conhecimento, da prática e da execução das ações voltadas ao Hip

Hop que escoam, por meio da cultura, formas de mostrar a riqueza e o poder que possuem. Assim, afirmam duas entrevistadas, sendo elas Mc Manu e Mc Yala, que foi através do posicionamento adquirido pelo Hip Hop que passaram a ter um olhar mais crítico e cuidadoso às causas sociais (e suas formas de combate), escolhendo seus cursos universitários. Mc Manu é estudante do curso de artes visuais, que dá um direcionamento de maior precisão na execução e desdobramento de sua prática cultural. Já a Mc Yala afirma que: “Hip Hop foi o responsável por eu ser quem eu sou hoje. Eu estudo ciências sociais para tentar entender a sociedade e isso só aconteceu por conta do Hip Hop.”.

Por meio da vivência das expressões do Hip Hop no cotidiano destes jovens da grande Aracaju, ficou perceptível que o envolvimento com tal estilo de vida não é tratado apenas como uma atividade de lazer ou entretenimento, mas sim tratado como algo mais amplo, como uma cultura de transformação de vidas, visto que seus militantes e integrantes vivenciam cotidianamente o contexto simbólico das narrativas e práticas que envolvem a produção, o consumo e o ativismo do hip hop, e muitos/as deles/as possuem um sentimento de gratidão por esta oportunidade de envolvimento, que consideram transformadoras em suas vidas.

Para os militantes e integrantes do Hip Hop, essa transformação de vida se dá por meio da liberdade sentida pelos mesmos ao praticarem a dança, a música e a arte. É através do Hip Hop que seus praticantes possuem voz e vez dentro da sociedade, utilizando o mesmo como uma ferramenta política e da prática da cidadania na busca por direitos igualitários.

Eu encontrei dentro do movimento uma forma de ser ouvida e também de estar falando para outras pessoas o que elas precisam ouvir e entender a sociedade que elas vivenciam, porque muitas pessoas não tem acesso ao capital cultural para entender a realidade social que elas vivem e assim, eu acredito que o Hip Hop é um instrumento político pra tá mandando essa ideia para a galera. (ENTREVISTA COM A MC YALA).

Para além da utilização do Hip Hop como ferramenta política, o mesmo oferece aos militantes e integrantes do Hip Hop o conhecimento de outras vertentes dentro e fora de seu território, visto que a partir dos encontros interestaduais ocorridos frequentemente, são debatidas vivências, desafios e avanços dentro da cultura, agregando valor às experiências adquiridas pelo público. Tal fato serve como reafirmação de suas bases ideológicas, políticas e culturais, como também a reafirmação de suas identidades, pois se há a oportunidade de

interação com indivíduos de outras regiões, que possuem costumes e regras diferentes, entretanto passam por desafios semelhantes. Este comentário pode ser afirmado pela Mc Negratcha quando fala: “Através do Hip Hop pude viajar o país inteiro. Conheci lugares e pessoas que eu jamais pensei em conhecer. Percebi ainda que mesmo mudando de territórios, as vivências e problemáticas continuam sendo as mesmas.”.

Concluo esse subcapítulo demonstrando que a partir das entrevistas e ambientes que frequentei durante a pesquisa, ficou perceptível a força e resistência desses atores sociais que se destacam pelo encantamento de sua cultura e, além disso, o poder que essa cultura possui quando se trata de luta por ideais, luta por melhorias, luta por direitos. Na grande Aracaju os jovens se utilizam do Hip Hop como ferramenta de protesto buscando demonstrar o quanto sua dança, sua música e sua arte tem a contribuir para o empoderamento de outros jovens que encontram-se em situação de vulnerabilidade e risco social. Mostram-se ainda, donos de uma melhor consciência política, social e de gênero mais acentuada, disseminando suas formas de pensar e agir pela grande Aracaju, especialmente nos bairros da periferia, mais próximos de onde vivem. Estes jovens saem do seu berço periférico para espalhar seus encantos em diversos locais, não apenas como forma artística e de embelezamento, mas sim, como forma de expor suas dificuldades, desafios e além do mais, como forma de protestar por melhoria.

3.2 Empoderamento, Resistências e Política Pública

Os integrantes e militantes do Hip Hop, em seus relatos falam sobre o desejo de proporcionar melhorias para toda a população, em especial às juventudes periféricas, que são aquelas que mais são excluídas socialmente, culturalmente, economicamente e politicamente. Citam a importância do Hip Hop na ocupação de importantes espaços da sociedade, como escolas, centros culturais, centros de assistência social, ou seja, em espaços de atuação do poder público que poderiam agregar riquezas e conhecimento em diferentes formas de educação. Outros espaços identificados por mim durante a pesquisa e até então não visualizados anteriormente, são os centros religiosos, sendo o Hip Hop inserido na forma de libertação de expressões e da busca pela autoestima de jovens que ali frequentam.

Quando esses espaços e objetivos são alcançados, é perceptível que o Hip Hop torna-se uma cultura de relevância para a sociedade e em especial para a periferia, visto que, por meio dos elementos que a compõem, são enaltecidas e reivindicadas melhorias para aquele

território. Para tanto, lamenta a Mc Yala sobre as barreiras que ainda existem no desenvolvimento de ações para a periferia, relatando que o Hip Hop ainda sofre repressão de suas expressões. “Ao mesmo tempo em que existem leis que incentivam a gente, leis culturais, existem leis que vetam a nossa liberdade e nos proíbem de fazer uma poesia dentro do ônibus, um evento de rua com várias temáticas, etc.” Esta privação atinge negativamente a população que necessita de intervenções culturais, artísticas e de lazer, violando dessa forma, um direito.

Para o enfrentamento das barreiras encontradas pelo Hip Hop, percebi durante os eventos que presenciei, como também durante as entrevistas que realizei com o meu público-alvo, que a construção do empoderamento dos indivíduos que vivem o Hip Hop é a primeira fase de toda uma luta. Os militantes do Hip Hop empoderam-se pela informação e através de discursos engajadores, confiantes e da busca por conhecimento de seus direitos, algumas vezes esbarrando na falta de apoio do poder público.

Os militantes buscam conhecimento através de leituras, debates e inclusão acadêmica, com o intuito de reproduzir as informações colhidas para os demais militantes que não possuem as mesmas oportunidades. É importante frisar que os militantes do Hip Hop encontram-se cada vez mais atuantes na busca por direitos, buscando desenvolver tal consciência por meio de suas formações e/ou profissões. Durante a pesquisa, encontrei, dentre seus membros e ativistas, jovens que atuam ou são formados como Assistentes Sociais, Cientistas Sociais, Advogados, Designers Gráficos, Professores, Educadores Sociais e estudantes em geral.

A descoberta do Hip Hop proporcionou a eles e elas, segundo os próprios, uma melhor consciência política. “O Rap me iluminou a entender que eu era mais uma vítima da sociedade e entender também as opressões que eu sofria de raça, de classe, de gênero, etc.” (Entrevista com a MC Yala, Aracaju, Agosto de 2019).

O H2 surge na luta contra as injustiças e a opressão e assim segue dentro de nossas vidas. Nós encontramos formas de se expressar por meio do H2, por da poesia, da pixação, do grafite, da dança, das batidas. Tudo tem significado. Até o que está por trás: a produção, a galera do skate também, a gente acaba fazendo uma união que nos permite sobreviver nessa selva ai de pedra. (Entrevista com a MC Manu, Aracaju, Julho de 2019).

Contudo, anteriormente à descoberta do Hip Hop como uma ferramenta política, seus integrantes e militantes utilizavam a música, a dança e a pintura na forma de entretenimento ou na busca pela fama. Assim, no decorrer do tempo, os mesmos encontraram dentro do Hip Hop, formas de diálogo e aproximação com toda a sociedade e com o poder público, iniciando de fato, uma conduta mais ativista e contestadora por meio das práticas de sua cultura.

(...) percebi que não era só gravar, eu tinha que está nos eventos das cidades. Eu cantava nas festas nossas, pequenas, que também era importante, mas ela só falava entre nós. Então quando entendi isso, percebi que era preciso discutir isso não somente entre nós, mas também com o poder público. Não dava pra ficar só fechado entre a gente. Precisávamos romper essa ignorância do silenciamento. (ENTREVISTA COM HOT BLACK).

Entendimentos como estes levam os militantes do Hip Hop à percepção da importância das atividades que desenvolviam, também sob a perspectiva da sua sistematização e legitimidade na forma de Políticas Públicas. A Mc Yala aborda sobre a relevância do desenvolvimento do Hip Hop dentro das escolas, proporcionando às crianças e adolescentes uma consciência crítica, cultural e de lazer, ou seja, levar por meio da cultura informações importantes para uma melhor percepção de cidadania. Inclusive um dos integrantes que foi entrevistado, conhecido como D’Rap, conheceu e se interessou pelas dinâmicas do Hip Hop por meio de ações desenvolvidas pela professora de Teatro da escola que frequentou no ensino fundamental.

Além dos militantes e integrantes do Hip Hop descobrirem a riqueza que o Hip Hop possui para a sociedade, os mesmos descobrem ainda o poder da junção de suas atitudes individuais para com a cultura, junto aos demais indivíduos que partilham do mesmo objetivo. É a partir daí que surgem os coletivos e as posses de Hip Hop²⁰. Os militantes, antes traçando sua trajetória de vida de maneira individual, resolvem unir forças em favor de um bem em comum. Durante a minha pesquisa de campo, os coletivos mais consolidados que identifiquei foram: Aliados pelo Verso – ALPV, a Nação Hip Hop Brasil, BC Movimento²¹ e Bueiro.

20Segundo uma pesquisa realizada por Marcon e Filho (2013) com jovens da Família Ativista que também fazem parte da Nação Hip Hop Brasil (Vale lembrar que tais coletivos também fazem parte da presente pesquisa), posse é definida como uma formação de indivíduos ou grupos que possuem objetivos em comum dentro de sua localidade ou região; e coletivos é definido pela formação de sujeitos ou grupos que possuem interação em rede atuando em âmbito nacional ou global.

21A sigla obtida no “BC Movimento” significa Barra dos Coqueiros Movimento. Coletivo que maior destaque no município de Barra dos Coqueiros/Sergipe.

O coletivo Aliados pelo Verso - ALPV tem como líder Mano Sinho, que entende o Hip Hop como um instrumento que vai além da esfera cultural e artística. Afirmar que após a iniciação das atividades da ALPV, seus integrantes consideraram o Hip Hop um movimento envolvido com a cultura política, compreendendo que a partir daí os mesmos podiam se favorecer.

(...) não adianta os Mc's escreverem apenas uma música, o sistema vai apagar com outros bombardeios culturais. Então o Hip Hop precisa ser compreendido como uma ferramenta política e passar a dialogar com outros setores. Senão, assim vamos ficar falando e falando e nada muda. Precisamos compreender que somos porta-vozes da periferia. Nós falamos um pouco do desenvolvimento dos territórios urbanos e como as pessoas sobrevivem com o passar do tempo, essa é a narrativa da periferia. (ENTREVISTA COM MANO SINHO).

Além disso, Mano Sinho aborda que seu objetivo central dentro da ALPV é transformar o Hip Hop em um instrumento político, como também reafirmar para o poder público a importância que essa cultura possui dentro das políticas públicas, pois comenta que se o Hip Hop estivesse dentro das escolas ou se estivesse sendo fomentado cotidianamente dentro das periferias, a trajetória de vida de muitos cidadãos seria outra.

O segundo coletivo a ser tratado, é a Nação Hip Hop Brasil, que segundo a explanação do presidente estadual, o MC Hot Black, é uma entidade nacional articulada em rede, criada na intenção de relacionar-se com espaços políticos. Este foi o coletivo que levou a proposta de lei da criação da semana do Hip hop para a Câmara de Vereadores, através da Vereadora Karla Trindade. Segundo Hot Black “o intuito da lei foi que deixássemos de falar apenas para os nossos, mas também para toda a cidade e, além disso, deixar que toda a cidade promova as ações e não apenas a gente do Hip Hop”. Ou seja, a proposta de envolver o poder público e a sociedade em geral, buscando reconhecimento e dinamizando suas ações voltadas para a cultura do rap, do grafitti e do break, entre outras.

Nos eventos que presenciei, como também durante as entrevistas que realizei com integrantes do Hip Hop da grande Aracaju, a Nação Hip Hop Brasil é bem reconhecida e ressaltada como um dos mais importantes coletivos do Estado de Sergipe. Tal fato pode ser afirmado pela presidente Kátia Couto do coletivo BC movimento, que relata: “Eu acho que a Nação Hip Hop tem um trabalho muito sério. Um trabalho direcionado realmente para o Hip Hop.”. Este reconhecimento tem relação com a larga história deste coletivo em Sergipe, que

começou suas atividades em 2005 possuindo raízes em todo o território brasileiro. Hot Black explica que as ações do coletivo são articuladas em redes e que foi criado com o objetivo de ocupar os espaços políticos em prol de melhorias para a periferia e para as juventudes.

O BC movimento, originado no município de Barra dos Coqueiros é mais recente em relação a sua estrutura enquanto coletivo, pois seus integrantes atuam artisticamente há bastante tempo. O coletivo é representado por Kátia Couto, conhecida como a mãe do Hip Hop em Sergipe, assim explicado pela mesma, a qual relatou que inicialmente as atividades eram desenvolvidas apenas por seus filhos e familiares próximos, contudo logo se expandiu no município, atingindo crianças, adolescentes e jovens que os procuravam não apenas por causa do Hip Hop, mas sim como uma base de apoio e orientação.

Kátia Couto aborda que o BC movimento atua principalmente dentro das escolas do município de Barra dos Coqueiros no intuito de orientar os alunos sobre os desafios da vida. Além disso, seu principal objetivo é de:

Tirar os adolescentes da rua. Dar uma atividade para eles. Fazer com que eles se descubram. Fazer que eles sejam livres. Mostrar que ele pode cantar, que ele pode dançar, que ele pode pintar. Fazer com ele descubra dentro dele as qualidades que ele tem sem precisar entrar nesse mundo das drogas que está acabando com a nossa juventude. Eu tenho exemplo disso. Os meninos que se afastaram do Hip Hop daqui, hoje estão todos no mundo das drogas. Os que permaneceram por perto estão bem. Ainda preciso fazer o resgate de alguns. Contudo o meu trabalho é mais fazer a prevenção. Esse é um trabalho que traz um resultado fantástico. Você ver na rua meninos que fazem trabalho maravilhoso. (ENTREVISTA COM KÁTIA COUTO).

Outro coletivo identificado é o “Bueiro”, trazido pela MC Manu como um coletivo que tem o objetivo de unir as pessoas que “são rejeitadas pelo sistema capitalista,” que os denominam de “rataria”, justificando que “tal sistema os acham sujos”. Deste modo, a proposta do coletivo Bueiro é de levar autoestima e diversão através de oficinas que envolvam o Hip Hop para toda a região oeste da cidade, em especial o bairro Rosa Elze, já no município de São Cristóvão, local de origem do coletivo. Ressalta ainda que o público do Bueiro é predominantemente feminino e que costumam realizar, dentre outras atividades, o que chamam no rap de batalhas de sangue e batalha de conhecimento. A MC Manu explica que as batalhas de sangue são rimas aleatórias criadas no momento da disputa, com o objetivo de desqualificar o outro MC “tirando o sangue do outro participante”, como esclarece a jovem. Já a batalha de conhecimento é conhecida também como “Freestily”, o que significa em português “Estilo livre” e explicado pela jovem como rimas elaboradas através de temáticas

solicitadas pela plateia ou por meio de sorteio e que na maioria das vezes são temas pertinentes à situação atual em que os Mc's vivenciam, como: Violência, preconceito, exclusão, entre outros.

É nesse contexto que visualizo que os coletivos são formados com um só propósito: De fortalecer indivíduos que se unem em um só objetivo, ou seja, são grupos que buscam forças para enfrentar os desafios vivenciados cotidianamente, resistindo às negações, frustrações e impedimento do desenvolvimento de sua cultura.

A relação entre grupos e posses de Hip Hop, atualmente, de acordo com as informações obtidas pelos integrantes do Hip Hop, é solícita e harmoniosa, embora também ocorram desavenças comuns sobre formas de entendimento e de ações, na maioria das vezes minimizadas pelos integrantes.

O Mc Bidu afirma não obter nenhum conflito com outros indivíduos, mas que visualiza esta situação entre grupos espalhados pela região, contudo afirma que as desavenças ocorrem por questões pessoais, o que acaba atrapalhando o desempenho da cultura, visto que algumas atividades coletivas não são concretizadas devido a tais desentendimentos. A Mc Manu concorda com a abordagem acima e acrescenta que a principal causa destes conflitos é que há indivíduos que buscam por ascensão individual, deixando de crer e apostar no coletivo.

De acordo com Mano Sinho, para se obter uma boa convivência coletiva é preciso não haver exclusão de determinados indivíduos ou grupos, e sim agregar todos a uma só circunstância de interesses.

(...) haviam grupos que não incluíam a gente, mas estão passando a inserir agora. Haviam pessoas dos nossos grupos que falavam que se alguém subisse no palco da ALPV não iria construir mais, devido ao fato desses outros grupos não nos dar espaço. E para esses outros grupos, por eu ser uma liderança, que era eu que fomentava a discórdia, mas não, era eu que apaziguava essa desconstrução, porque estávamos na mesma cultura, no mesmo barco e agora vamos nos dividir? Eu sempre tive esse entendimento. (ENTREVISTA COM MANO SINHO).

Para o Mc Hot Black, os conflitos ocorrem devido aos diferentes objetivos de vida. Embora os militantes do Hip Hop possuam o mesmo objetivo dentro da cultura, sendo destacado como um objetivo político, alguns indivíduos acabam desviando por interesses pessoais, como afirma o MC, acrescentando que:

São disputas políticas mesmo. O ruim disso tudo é que esses caras que colocam a gente pra treta, amanhã se abraçam e se beijam e somos nós quem ficamos com rixas nas ruas e com essas rixas, pra morrer é rápido, ninguém tem garantia. Ninguém vai ligar pra nós, eles pensam ‘dane-se. São dois pretos, dois cantores de Rap’. (ENTREVISTA COM O MC HOT BLACK).

Assim, um agravante observado dentro do Hip Hop é a atual conjuntura política em que o Brasil se encontra. Isso gera diversos tipos de discordância, discussões e afastamentos. Durante as entrevistas, observei que a diferença de opiniões sobre questões aleatórias, posturas mais individualistas, o machismo e algumas posições políticas são os principais fatores que acionam divergências entre eles.

Somos bem diferentes, até porque são muitas pessoas dentro desse movimento e com isso são vários pensamentos. Há muito briga, mas a maioria, principalmente com as meninas a relação é boa, somos unidas e isso é importante até para estar construindo as atividades. Às vezes rola desentendimento, mas é mais sobre questões políticas, onde às vezes um cara tá preocupado com opressão de classe, racial, e tá pouco se lixando para opressão de gênero, e inclusive eles são escrotos, eles são machistas. Ai com essas pessoas eu não tenho uma boa relação. Isso influencia muito negativamente no desenvolvimento do Hip Hop. Já fomos até ameaçadas onde um determinado coletivo de homens falaram que se nós realizássemos um evento, iria acontecer algo ruim. (ENTREVISTA COM A MC YALA).

Para tanto, apesar de divergência de opiniões, preferências partidárias ou quaisquer outros fatores que possivelmente atrapalhem a execução de ações voltadas ao Hip Hop, algumas linhas mestras do discurso dos integrantes e militantes do Hip Hop permanecem as mesmas, seguindo a linha de empoderar a periferia através das suas formas de expressão cultural.

Para isso, frisa-se sempre o respeito nas falas dos integrantes e militantes do Hip Hop. Tal fato pode ser observado na fala da Mc Negratcha, quando traz: “Somos homens e mulheres, ninguém é obrigado a ser melhores amigos, mas somos obrigados a nos respeitar porque nós levantamos a mesma bandeira e estamos na mesma luta.”.

Neste sentido, como demonstrei adiante, pude perceber que a maioria dos eventos realizados no período da pesquisa, somente obtiveram êxito quando existia a colaboração de uma equipe extensa, em que se descartavam os conflitos e as disputas pelo poder entre os grupos e militantes, em prol de um objetivo em comum.

Trago a política partidária como uma rede de incentivo para o desenvolvimento do Hip Hop, sendo citada reiteradamente pelos integrantes e militantes na grande Aracaju. Observei que os partidos mais destacados são: PCdoB e PT. A Mc Negratcha e o Mc Hot Black declararam ser afiliados ao PCdoB e o Mano Sinho filiado ao PT. Ressalta-se que os demais entrevistados não declararam suas preferências partidárias, contudo todos alegaram seguir as pautas trabalhadas pelos partidos considerados de esquerda.

Não obstante a declaração de sua preferência partidária, o Mc Bidu ressaltou que na gestão do PT, gerida por Marcelo Déda, foi o período em que o Hip Hop ganhou mais destaque em Sergipe. Abordou ainda que “Após a queda do partido PT, o Hip Hop também foi se enfraquecendo por não ter mais apoio, percebi isso mesmo não estando envolvido com a política partidária.”. Concordando com a abordagem acima, o Mano Sinho também revela a ascensão do Hip Hop nas gestões do PT no Estado, relatando que: “Antigamente a contribuição era maior, até mesmo da sociedade civil, pois as pessoas discutiam dentro do orçamento participativo melhorias para a comunidade. E nós, com o Hip Hop, também estávamos dentro desses espaços. Na época de Deda tive muito apoio.”.

Portanto, compreende-se que, a partir dos discursos acima, “os partidos políticos são espaços políticos importantes em que a periferia deve estar. Todos os partidos políticos são uma grande escola, principalmente os que versam com a esquerda, que possuem orientações socialistas.”. (ENTREVISTA COM O MC HOT BLACK). É desse modo que militantes do Hip Hop além de se filiarem, disputam eleições ou apoiam candidatos em prol de um bem em comum, entre outras coisas da valorização do Hip Hop em seus territórios.

Tanto a Mc Negratcha, quanto Mano Sinho falaram do desejo de disputarem as eleições para vereadores no ano de 2020, ambos com um discurso semelhante, afirmando lutarem por justiça social, igualdade e resgate de vidas por meio da arte, do esporte e do lazer. Mc Negratcha foca suas metas e pautas em políticas públicas voltadas às mulheres e às juventudes, afirmando serem públicos mais vulneráveis às violações de direitos. Mano Sinho diz que a partir do incentivo de suas bases políticas como também dos militantes do Hip Hop, ele se vê impulsionado a disputar as eleições e que acredita que o Hip Hop precisa ocupar tal espaço de discussão na cena política.

Contudo, nenhum destes militantes do Hip Hop ocupa cargo eletivo no poder público, seja ele legislativo ou executivo, assim, notam que há dificuldades de apoio efetivo na execução de ações voltadas à cultura, visto que muitos dos atuais representantes políticos não

apoiam tais pautas. Durante as entrevistas, em última circunstância, alguns gestores públicos são citados pelos entrevistados como apoiadores das suas ações. Por outro lado, relatam que raros são os momentos em que representantes do Poder Público os procuram para exercer funções em eventos do calendário festivo dos municípios, mas que são as pessoas ligadas à cultura Hip Hop que se encontram cotidianamente em diálogo, solicitando, propondo e reivindicação pela garantia da execução da cultura dentro das políticas públicas ofertadas pelo poder público.

A lei 4.064/11, sobre a qual já venho fazendo alguns apontamentos é um exemplo de persistência dos militantes do Hip Hop para seu cumprimento. A lei estabeleceu que durante o mês de maio sejam realizadas atividades de ascensão a cultura Hip Hop, dando autonomia e valorização aos integrantes daquele meio, como também a inclusão de indivíduos que simpatizam com as atividades que ali deveriam ser desenvolvidas. No entanto, a lei foi efetivamente aplicada apenas em dois anos: 2012 e 2019, o que demonstra um vácuo de seis anos de irresponsabilidades, sem o cumprimento da lei por parte do governo municipal.

E o intuito da lei foi que deixássemos de falar apenas para os nossos, mas sim para toda a cidade, como também não a cidade toda promovendo e não apenas a gente do Hip Hop. Leia-se isso como se fosse a corrida de Aracaju. Existem os atletas, mas é a prefeitura que convoca e faz desse ato um ato esportivo e de cidadania. Ela prepara toda uma estrutura e a cidade sabe que naquele dia tá ocorrendo a corrida de Aracaju. As intervenções promovidas pelo poder público como: aniversário da cidade, período junino, as festas carnavalescas, estão todas elas no calendário. Então precisamos de uma semana para tratar do Hip Hop e aí nesse momento a gente pode ver que o Hip Hop pode estar no palco, mas também em outros locais interessantes que a gente ache legal que esteja ligado a educação, a cidadania na perspectiva das pastas sociais e da cultura. (ENTREVISTA COM O MC HOT BLACK).

É desse modo que o Hip Hop além de uma ferramenta educativa, de resgate e de transformação social, se estabelece diante das circunstâncias citadas acima, como um instrumento de protesto, na forma de difundir suas angústias para toda a sociedade em forma de arte. Este comentário deu-se através de minha percepção através das falas dos militantes e integrantes do Hip Hop durante as entrevistas e nos eventos, os quais incluem sempre discursos de afronte e resistência destinados àqueles que deveriam propor melhorias de vida à sociedade, sendo estas melhorias um direito e não um favor.

Dentre os oito entrevistados, apenas três mostraram possuir uma maior facilidade de diálogo com o poder público, sendo eles: Mc Negratcha, Mc Hot Black e o Mano Sinho,

militantes integrados à “velha escola” do Hip Hop em Sergipe e a mais tempo envolvidos com a cena do hip-hop e em diálogo com o mundo da política. Estes, além de estarem sempre em discussão sobre o apoio de propostas, projetos e ações, também são reconhecidos como figuras de renome no meio, sendo convidados também a desenvolverem atividades dentro de diferentes ações do poder público. Um destes militantes, Mc Hot Black, já integrou a gestão no município de Aracaju (2003–2005), sendo diretor da Fundação Cultural Cidade de Aracaju – FUNCAJU, que segundo o mesmo, facilitou o desenvolvimento da presença do Hip Hop nas atividades festivas do município.

Embora os convites sejam escassos, o Hip Hop ainda é lembrado pelo poder público, ao desenvolverem ações voltadas às juventudes, pois além de obterem a mesma linguagem, trata-se de uma cultura atrativa e de grande persuasão ao público exposto. Os assuntos mais abordados nestes tipos de ações, segundo os entrevistados, são: violência, gênero, raça, combate às drogas, mercado de trabalho e direito humanos.

Uma das militantes e integrantes do Hip Hop da velha escola, Kátia Couto relata que quando as atividades são desenvolvidas dentro das políticas públicas de seu município, é a própria gestão quem toma a iniciativa, mesmo sendo poucas as atividades voltadas à cultura Hip Hop.

Kátia Couto ressalta que não espera convite do poder público para intervenções sociais, sempre desenvolveu suas atividades de maneira individual (apenas com o seu coletivo e/ou outros coletivos de Hip Hop) e que inclusive está fazendo o papel do poder público, resgatando jovens das situações de vulnerabilidade e risco social por meio da arte, da música e da dança. Relatou que essa seria uma boa forma de educar as juventudes da atualidade, sendo uma maneira atrativa e sedutora para o mundo juvenil, contrário de muitas atividades que são desenvolvidas dentro de políticas públicas, onde já presenciou atividades fora da realidade e aproveitamento futuro dos jovens.

Para tanto, apesar de integrantes e militantes do Hip Hop estarem desenvolvendo atividades de maneira individual, pelo prazer em levar uma melhor perspectiva de vida por meio do Hip Hop aos jovens que tem seus direitos violados, compreendo que além de possuímos deveres enquanto cidadãos é responsabilidade do poder público a execução de políticas públicas de qualidade destinadas a toda à sociedade.

Deste modo, concluo este subcapítulo explanando sobre a minha percepção captada em todos os relatos dos militantes e integrantes do Hip Hop que entrevistei, os quais

fomentam a importância da inserção desta cultura em diferentes políticas públicas que visam melhorias para a sociedade, em especial para os jovens. Almejam dessa forma, que suas práticas sejam compreendidas e aceitas pelo poder público para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva. Para tanto, muitas são as barreiras, disputas e dificuldades enfrentadas para concretização desta inserção. O que é interpretado pelos militantes e integrantes do Hip Hop como a não valorização de sua cultura e de seu modo de vida.

3.3 Os bastidores dos eventos de Hip Hop na grande Aracaju

Além da análise das entrevistas realizadas com os jovens militantes do Hip Hop, é de grande relevância analisar como eles atuam socialmente, especialmente no que diz respeito ao modo através do qual coletivamente causam maior repercussão social e envolvem outros jovens: os eventos.

É por meio dos eventos que os jovens produzem, organizam e tornam a cena do Hip Hop ativa e visível, possibilitando a identificação de outros jovens com essa cultura, mas também legitimando publicamente suas reivindicações por espaços de lazer e por reconhecimento social e político de suas formas de existência e de expressão cultural.

Foi possível observar nos espaços onde eram realizados os eventos a naturalidade e espontaneidade demonstradas pelos produtores e participantes do Hip Hop, como também do público que ali dividia a cena. Para, além disso, eu como ouvinte e receptora das ações ali ofertadas, pude perceber sentimentos de glória, de acertos e de desafios enfrentados pelos integrantes do Hip Hop.

Tratarei de eventos realizados pelos próprios militantes e integrantes do Hip Hop, enfrentando dificuldades para a sua concretização, especialmente pela falta de incentivo do Poder Público. Contudo, de acordo com a minha percepção enquanto pesquisadora, por mais que os eventos não tenham sido realizados exatamente da forma desejada pelos idealizadores, os mesmos não deixam de executá-los como forma de resistência e, além disso, de mostrar o poder de agência que possuem quando, de maneira escassa, levam entretenimento, cultura e informação para a sociedade.

Portanto, serão apresentados abaixo alguns eventos realizados no ano de 2019 na grande Aracaju, organizados conforme suas datas de execução, exceto o último evento

“Semana Municipal de Hip Hop e Dia Mundial do Reggae” por se tratar ações extensas, a qual exige uma melhor organização na estrutura deste subcapítulo.

Ressalto que a descoberta dos eventos se deu a partir da pesquisa pré-campo que realizei nas redes sociais, entre as quais a mais utilizada pelo público estudado é o Instagram, e ainda por meio da informação obtida através dos próprios militantes e integrantes do Hip Hop, com os quais eu já vinha conversando.

QUADRO DEMONSTRATIVO DE EVENTOS REALIZADOS PELOS MILITANTES DO HIP HOP NA GRANDE ARACAJU

| NOME DO EVENTO | ORGANIZAÇÃO | BAIRRO | PERÍODO |
|---|---|--|--|
| Som de Quebrada | Nação Hip Hop | Porto Dantas | Mensal (Datas não definidas) |
| Movimento Hip Hop Preto | Abaô (Grupo de capoeira angola). | Industrial | Evento único, realizado no dia 17 de Maio de 2019. |
| BC Movimento – Cultura de Rua | BC Movimento | Bairro Prisco Viana no Município de Barra dos Coqueiros | Evento único, realizado no dia 25 de Agosto de 2019. |
| Fórum Estadual de Mulheres do Hip Hop | Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop/SE | Marcos Freire I/Município de Nossa Senhora do Socorro. | 31 de Agosto de 2019 (Evento anual) |
| Fórum Nacional de Mulheres do Hip Hop | Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop/SE | Cirurgia, Centro | 27 a 29 de Setembro (Trata-se de um evento anual que ocorre em cidades diferentes.). |
| Semana Municipal do Hip Hop e Dia Municipal do Reggae | Nação Hip Hop, COART (Coordenadoria de Arte-educação) e Casa das Áfricas. (Parceria com a Prefeitura Municipal de Aracaju). | Centro, Olaria, Veneza, 18 de Março, Barro Industrial, Porto Dantas, Terminais de transporte coletivos (Zona Norte, Sul e D.I.A.). | Evento anual (No ano de 2019, ocorreu entre os dias 29 de Julho a 03 de Agosto). |

SOM DE QUEBRADA



Imagem 01: Apresentação do evento “Som de Quebrada” realizada pelo Presidente Estadual da Nação Hip Hop Brasil, Mc Hot Black.

Fotografia: Registro pessoal

Ocorrendo mensalmente, o Som de Quebrada tem o objetivo de propagar a cultura Hip Hop, como demais atividades ligadas a ela (Dança, arte, poesia, teatro) a toda a comunidade residente na região norte da capital Aracaju. Suas atividades são desenvolvidas no calçadão do Bairro Porto Dantas, revitalizado recentemente e ocupado por várias pessoas que utilizam quadras de esportes, pista de caminhada, pistas de skate, ciclovias e quiosques.

“Se não ocuparmos esse espaço, iremos perder”. Tal frase foi citada pelo presidente da Nação Hip Hop/SE e idealizador de tal evento, Hot Black, como forma de agregar mais integrantes do Hip Hop como também simpatizantes da cultura, mostrando a importância da presença da população no espaço que é construído para a sociedade, mas nem sempre é local atrativo de permanência. Assim, o objetivo dessas ações não é apenas de desenvolver suas práticas culturais, mas também de usufruir e de lutar pelo que consideram seu direito. Além disso, as atividades são realizadas como forma de oferecer lazer, entretenimento, cultura e ações políticas àquela comunidade, com o intuito de oferecer melhores condições de vida através da oportunidade do encontro e da sociabilização.

O MOVIMENTO HIP HOP PRETO DE SERGIPE



Imagem 02: Roda de conversa com militantes do Hip Hop sobre o “Movimento Hip Hop Preto de Sergipe”.

Fotografia: Registro pessoal.

Para além de uma cultura periférica, desenvolvida pelas juventudes e contendo uma ascensão política, muitos coletivos de Hip Hop são militantes de outras causas que agregam a sua cultura, como por exemplo as causas denominadas como “do povo negro”. Assim, no dia 17 de Maio de 2019, três importantes representantes da “velha escola”²² do Hip Hop em Sergipe participaram de uma roda de conversa, com o tema: O Movimento Hip Hop Preto de Sergipe, desenvolvida pelo Grupo de Capoeira Angola – ABAÔ, sendo eles: Mc Negratcha, Mano Sinho e Hot Black. Tratam-se de três militantes do Hip Hop de cor negra, residentes em periferias e, segundo eles próprios, batalhadores em prol de uma vida justa e igualitária. Durante a conversa foram contadas suas trajetórias de vida, dificuldades, desafios e pretensões futuras com a cultura. Para além disso, os três militantes do Hip Hop abordaram sobre a aproximação do Hip Hop com o movimento negro, visto que suas origens possuem semelhanças no que diz respeito à exclusão, desigualdade, discriminação, privações e violação de direitos vivenciados por muito tempo. A ideia deste evento teve relação direta com objetivos de promover o debate político e que eles denominam de consciência.

22 Referência dada aos primeiros indivíduos que praticavam elementos do Hip Hop naquele território.

BC MOVIMENTO – CULTURA DE RUA

Imagem 03: Batalha de Rima durante o evento realizado pelo BC movimento.

Fotografia: Registro pessoal

Com o objetivo de propagar a cultura Hip Hop no município de Barra dos Coqueiros, o coletivo BC Movimento realizou no dia 25 de Agosto uma ação envolvendo Dança, Música, batalha de rima e campeonato de Skate com toda a comunidade, que se uniu em prol de uma única causa: o fortalecimento da cultura de rua na cidade. Tal ação teve o apoio da Prefeitura Municipal, que por meio da Secretaria de Turismo, agregou outro tipo de cultura em grande desenvolvimento no município: a feirinha de artesanato, contendo ali não apenas arte, mas também toda a história da população barracoqueirense.

Além de ser um coletivo que possui sua estrutura e composição na base da reprodução familiar, ou seja, por meio da fundadora, Kátia Couto, seus filhos, familiares e amigos foram influenciados e assim propagaram a cultura em toda a cidade e região. Assim, pude observar que além das origens com base no laço familiar, as pessoas que encontravam-se no dia do evento, tratavam-se de pais e mães acompanhados por seus filhos, idosos, casais e muitos jovens simpatizantes com a cultura.

“Eu sou a mãe do Hip Hop, eles me consideram como tia. Todo mundo que é envolvido com o Hip Hop me conhece.”. Analisando a fala da presidente do BC Movimento, Kátia Couto, é vista como figura de grande contribuição para o desenvolvimento do Hip Hop em sua cidade, acolhendo e incentivando todos os jovens que necessitavam de atenção e

proteção e que por meio dessa cultura, acharam a saída de vários problemas. Tais problemas podem ser analisados ainda na fala de Kátia Couto, a qual aborda que:

Meu objetivo é tirar os adolescentes da rua. Dar uma atividade para eles. Fazer com que eles se descubram. Fazer que eles sejam livres. Mostrar que ele pode cantar, que ele pode dançar, que ele pode pintar. Fazer com que ele descubra dentro dele as qualidades que ele tem sem precisar entrar nesse mundo das drogas que está acabando com a nossa juventude. Eu tenho exemplo disso. Os meninos que se afastaram do Hip Hop daqui, hoje estão todos no mundo das drogas. Os que permaneceram por perto estão bem. Ainda preciso fazer o resgate de alguns. Contudo o meu trabalho é mais fazer a prevenção. Esse é um trabalho que traz um resultado fantástico. Você ver na rua meninos que fazem trabalho maravilhoso. (ENTREVISTA REALIZADA COM KÁTIA COUTO, 2019).

Assim, seria por meio de tais intervenções artísticas que Kátia Couto acredita resgatar e educar crianças e adolescentes que encontram-se em situação de vulnerabilidade e risco social, sendo um dos seus maiores desejos criar uma entidade física que agregasse toda a cultura Hip Hop, oferecendo oficinas de dança, arte, música e esporte. Contudo, não há suporte necessário para o desenvolvimento de tais atividades e esse desejo ainda não foi alcançado, por falta de incentivo do poder público, único capaz de intervir no atual momento. Entretanto, espaços públicos continuam sendo ocupados na forma de levar aos jovens e demais pessoas melhores condições de vida através do Hip Hop, seja por meio de uma mensagem proferida através do Rap, da atividade física realizada por meio do Break e do Skate, como também da mensagem visual exposta nos grafites.

FÓRUM ESTADUAL DE MULHERES DO HIP HOP



Imagem 04: Roda de Conversa com mulheres do Hip Hop de Sergipe

Fotografia: Registro pessoal

Início tal abordagem com a letra de um Rap recitada por uma das protagonistas da cena do Hip Hop feminino na grande Aracaju, MC Manu, a qual retrata: “Um por ser pobre, dois por ser mulher, três por ser negra e do candomblé, por ser diferente me querem sem fé, mas como a natureza sigo firme em pé.”.

É nesse contexto e demais situações visualizadas, não apenas na cena do Hip Hop, que nota-se a opressão ocorrida quando o assunto é atuação feminina. Embora muitos tenham sido os avanços conquistados através de muita luta, estas ainda são vítimas de repressões, exclusão e violência. Na cena do Hip Hop, quando as mulheres estão presentes, a violência de gênero é um dos assuntos mais abordados, de acordo com a minha observação no campo. e Isto fez com que as mulheres buscassem também a construção de um espaço específico, em alguns momentos voltado apenas para a categoria, em que pudessem ser colocadas todas as angústias e situações degradantes vividas, com o intuito de compartilhar formas de luta e de fortalecimento capaz de superar os desafios colocados a elas e implicados pela questão do gênero. O Fórum Estadual de Mulheres do Hip Hop que aconteceu no dia 31 de Agosto de 2019, no CEU – Centro de Esportes Unificados localizado no Marcos Freire I, Nossa Senhora do Socorro, teve como objetivo de integrar a cultura e as vivências que fortalecem o movimento e a participação feminina, seja no âmbito social, cultural ou político.

O machismo, as limitações encontradas por serem mulheres, negras e periféricas, as negações pelo poder público, foram os principais assuntos relatados e debatidos pelo público ali presente. Dando ênfase a uma violação citada acima, algumas vezes as mulheres são desvalorizadas dentro do próprio movimento, não sendo respeitadas e muito menos incentivadas a desenvolverem suas ações relevantes para o empoderamento da cultura. Tal fato pode ser exemplificado pela fala de uma das militantes ali presentes, quando relatou que naquele mesmo momento (no dia 31 de Agosto, no período vespertino) estava ocorrendo outro evento de Hip Hop organizado por homens, podendo os mesmos, por respeito, mudarem o horário ou até mesmo unificar as discussões, contudo isso não ocorreu. Apesar destas situações percebi que há coletivos e/ou grupos que além de respeitar, incentivam a cena feminina no Estado e que inclusive, naquele mesmo momento iria ocorrer um segundo evento nas proximidades do local, sendo desmarcado e agregado valor junto ao Fórum Estadual de Mulheres do Hip Hop.

É válido ressaltar que o evento teve o apoio da Prefeitura de Nossa Senhora do Socorro, que ofereceu o espaço, acomodações, suporte técnico e aparelhagem, além de se fazer presente a secretária adjunta de juventudes do município, que se disponibilizou a

contribuir na promoção de demais ações que desenvolvessem os jovens daquele município, falando ainda sobre a importância do trabalho desenvolvido pelo Hip Hop para com as juventudes daquele local.

FÓRUM NACIONAL DE MULHERES DO HIP HOP



Imagem 05: Mulheres do Hip Hop que fizeram parte de grupos de discussão no Fórum Nacional de Mulheres do Hip Hop.

Fotografia: Registro retirado de redes sociais (Instagram da Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop/SE) com pedido de divulgação aceita.

Pelo segundo ano consecutivo, o Fórum Nacional de Mulheres do Hip Hop ocorreu no Nordeste, em Aracaju, estando em sua sétima edição, sendo considerado pelas mulheres militantes do Hip Hop, uma grande conquista por acolher um evento que anteriormente era desenvolvido apenas no sudeste do Brasil. As pautas do Nordeste são as mesmas debatidas em demais regiões. Observou-se ainda que os desafios relatados pelas militantes do Hip Hop encontrados na cena do Hip Hop são os mesmos em qualquer região, contudo analisei que se agrava na região nordeste pelo desconhecimento da pluralidade cultural aqui estabelecida. Muitos ainda relacionam o Nordeste apenas com a região da cultura do forró, da seca e da pobreza, sem notar variedade das manifestações culturais da região.

Assim, além de trazer o Hip Hop para o menor Estado do Brasil, pode-se apresentar as tradições locais e sua inserção no mundo do Hip Hop, sendo desenvolvidas atividades em locais estratégicos que colaboram com o desenvolvimento cultural do Estado. O Fórum

organizado pelos próprios coletivos de mulheres e foi dividido em três dias, 27, 28 e 29 de Setembro, com atrações artísticas, culturais e políticas através da música, da arte e da dança, além dos debates, discursos e reprodução de conhecimento levado a locais estratégicos que serão apresentados posteriormente.

Anteriormente à execução do Fórum Nacional de Mulheres do Hip Hop, ocorreram reuniões de planejamento em que pude participar e observar as estratégias, necessidades e dificuldades encontradas no desenvolvimento das ações. As funções foram divididas entre as elas para uma melhor organização das atividades, fazendo com que todas se sentissem protagonistas da cena que ali seria desenvolvida. Contudo muitas foram as negações e desafios encontrados pelas mesmas, pois poucas entidades governamentais contribuíram para a realização do evento.

O poder legislativo e executivo foram procurados para colaboração com alimentação, estrutura física e equipamentos tecnológicos, contudo pouca contribuição foi ofertada. Segundo relatos da Presidente Estadual da Frente Nacional de Mulheres de Hip Hop/SE, Iza Jackeline, conhecida como Mc Negratcha, a alimentação que já havia sido confirmada por uma das secretarias do município de Aracaju foi negada e assim a equipe que organizou o evento arcou com parte de tal despesa, sendo a outra parte conquistada através de doações arrecadadas em feiras localizadas na capital.

Contudo, em meio a tantas dificuldades pude observar interação, cooperação e um ótimo diálogo entre todas aquelas mulheres que organizavam e participavam do Fórum Nacional de Mulheres do Hip Hop, visto que foram três dias de atividades com muita energia. Nas discussões que permeavam todas as atividades do Fórum, foram apresentadas situações que desafiavam a estrutura que estava sendo construída pelo poder feminino.

A resistência, o machismo e a violência de gênero foram os assuntos mais tratados nesses espaços, em que pude perceber uma grande semelhança nas falas daquelas mulheres. São mulheres que, além de encontrar desafios dentro de um mundo machista, são violadas no direito de possuir uma renda adequada, saúde e educação de qualidade, além do direito de garantir melhorias para seus filhos. Tais fatos são colocados por essas mulheres como sendo parte do que reivindicam e denunciam em suas ações artísticas desempenhadas ao longo dos anos dentro do Hip Hop, expondo suas vivências nas músicas, nos pixos, nos grafites ou até através da dança.

SEMANA MUNICIPAL DO HIP HOP E DIA MUNICIPAL DO REGGAE



Imagem 06: Cartaz de divulgação do evento

Início este item relatando que o evento intitulado de “Semana Municipal do Hip Hop e Dia Municipal do Reggae” é fruto de uma das relevantes conquistas obtidas pelos integrantes e militantes de tal cultura, quando no ano de 2011 foi aprovada a lei municipal 4.064, já citada anteriormente. Ressalto ainda sobre a minha participação enquanto pesquisadora naquele ano, podendo assim fazer uma análise das mudanças e formas de aplicação e continuidade da lei. Assim, posso comentar que apesar de ter sido uma grande conquista para os militantes e integrantes do Hip Hop em Aracaju, os mesmos, posteriormente àquele ano, passaram por momentos de frustrações e perdas, pois diferente daquilo que defendia a lei, determinando anualmente o desenvolvimento de ações voltadas ao Hip Hop na capital, ela foi cumprida apenas no ano de 2012.

Ressalto que argumentação acima, é uma das inquietações da minha pesquisa atual, na tentativa de conhecer e analisar de que forma os jovens militantes do Hip Hop encaram momentos de enfraquecimento de sua cultura, devido à não execução da Lei nº 4.064/11 nos anos seguintes, como também analisar as formas de inquietações e reivindicações pelo retorno das atividades postas na lei.

No dia 18 de julho de 2019, para a minha satisfação enquanto pesquisadora, pude visualizar por meio de redes sociais (Instagram) que foi realizada uma reunião direcionada à construção coletiva da Semana Municipal do Hip Hop com alguns militantes do Hip Hop da

capital. Assim, para a minha felicidade pude visualizar que encontrava-se nos planos da atual gestão do município de Aracaju o cumprimento da lei 4.064/11.

Na reunião seguinte, no dia 23 de julho daquele ano, pude acompanhar a pauta posta pelo presidente da Nação Hip Hop, Hot Black. A reunião foi realizada na Sede da Nação Hip Hop/SE com a presença de Mc's, B-boys e B-girls, Grafiteiros e pixadores, Dj's, como também músicos ligados ao Reggae sergipano, os quais dominam cada região de Aracaju (Zona Sul, Norte, Leste e Oeste). Este outro gênero musical foi agregado às atividades contidas na Lei 4.064/11 apenas neste ano, passando a ser chamado de "Semana Municipal do Hip Hop e Dia Municipal do Reggae".

Sob o comando da fala e explanação do desenvolvimento da "Semana Municipal do Hip Hop e Dia Municipal do Reggae" destacou-se Hot Black, o qual estimulava a participação e união de todos os indivíduos ali reunidos. Pude observar a partir de suas falas que muitos deles já desenvolveram atividades juntos, alguns ainda desenvolvem e outros nunca agregaram-se àquele meio. O fato chamou atenção após a fala de um dos participantes, o qual comentou "eu tive que passar por cima do meu orgulho para poder estar aqui hoje".

A reunião aconteceu com objetivo, no que pude observar de acordo com as falas dos indivíduos ali envolvidos, de fortalecimento dos integrantes do Hip Hop para um melhor desempenho das atividades que iriam ser propostas durante o evento. Anteriormente a esta reunião houve contato com dirigentes de políticas públicas de Aracaju, sendo eles: Assistência Social, Educação e demais órgãos como Funcaju e COART, os quais agregaram e enriqueceram o desenvolvimento das atividades. Assim, foi possível fazer uma divisão de tarefas com aqueles integrantes presentes, de acordo com o que cada órgão propôs. As atividades foram realizadas em Escolas, Centros de Referências de Assistência Social – CRAS, Centro de Esportes Unificado – CEU, Terminais de ônibus, no Centro Cultural de Aracaju e na Praça General Valadão.

Hot Black frisou sobre a dedicação e a paixão que todos dali possuem pelo Hip Hop, visto que para a concretização deste evento, foi necessário buscar e lutar pelo direito de executar o que está na lei, sendo que deveria ser o Poder Público o verdadeiro interessado. Houve críticas por parte de alguns participantes da reunião em relação à falta de apoio financeiro e explicado por Hot Black que a gestão escolhe desenvolver ou não o evento, mesmo que contido em lei. Assim, os participantes da reunião abordaram ainda que necessitam lutar para que anualmente, na criação do plano anual desenvolvido pela prefeitura,

os mesmos se atentem e contestem para a inclusão da cultura no calendário anual de atividades desenvolvidas pelo Poder Público. Além disso, os participantes abordaram ainda que é preciso estar em alerta para que a gestão pública não utilize-se destas ações, que são previstas em lei, para atraí-los ao seu meio político partidário por meio do voto.

O fato é que todos os indivíduos ali presentes demonstraram interesse no fortalecimento do Hip Hop na capital e a necessidade de mais união. Assim, a carência de união e o desejo pelo fortalecimento do Hip Hop foi um dos pontos mais tocados naquele momento, propondo-se reuniões constantes para a discussão da atual cena do Hip Hop, com objetivo de buscar por melhorias para a cultura.

Partindo para o momento que as atividades da “Semana Municipal do Hip Hop e Dia Municipal do Reggae” ganharam vida, a abertura deu-se no Centro de Cultura de Aracaju, no dia 29 de Julho de 2019, tendo a participação de muitos integrantes do Hip Hop, simpatizantes e figuras do Poder executivo e legislativo. Estiveram presentes o Presidente da Funcaju Cássio Murilo e o Vereador Camilo Feitosa. A falas da noite foram baseadas em mostrar a importância que o Hip Hop possui para os jovens da periferia e entre as falas mais ressaltadas por Anderson Passos, orador da abertura, afirmavam que o Hip Hop é um instrumento de Política Pública que dialoga com o poder público em busca de garantir melhorias e resgate de muitos jovens da periferia.

No encerramento do primeiro dia da Semana Municipal do Hip Hop e Dia Municipal do Reggae foram realizadas homenagens e exaltadas a importância do evento como contribuição para o desenvolvimento e resistência da cultura urbana da periferia em Sergipe. Entre os homenageados estavam: Mano Sinho, Negratcha, Yala RV, Ariane Passos, Dj Preto JB, Manu Caian, DextDalvan, Dany MC, Cátia Couto, Verônica Paiva, e Thiago Sintineta.

Nos dias 30 e 31 de Julho e 01 e 02 de Agosto de 2019, no período matutino e vespertino, ocorreram pela cidade de Aracaju ações ligadas ao Hip Hop, sendo divididas entre divulgação do evento e desenvolvimento de atividades por todas as zonas de Aracaju. Terminais de ônibus serviram como pontos estratégicos para divulgação da semana, assim como foram ocupados os terminais do D.I.A. e o da Zona Oeste. Além disso, o CRAS – Centro de Referência da Assistência Social, CEU – Centro de Esporte e Cultura Unificado (Bairro Veneza, Coqueiral e 17 de Março); e Escolas (EMEF²³ Costa Melo, EMEF Sérgio

23 EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental

Francisco, EMEF Olga Benário) foram utilizados como espaços de multiplicação de saberes por meio do Hip Hop, visto que se tratam de espaços ocupados por jovens que são propensos a terem os seus direitos violados, segundo a fala dos organizadores do evento.

Além das ações comentadas acima, 31 de julho de 2019, quarta-feira, pude presenciar o “Ocupe Mulher” realizado no período noturno no Centro Cultural de Aracaju. Esta última ação foi voltada ao empoderamento feminino dentro e fora do Hip Hop, tendo como protagonistas desse diálogo a Mc Iza Jaqueline, B-girl Jully Souza, Mc Manu e Mc Pérola. Tal ação teve como tema: O Hip Hop Feminino como principal expoente na luta feminista e anti-fascista, tendo como objetivo debater sobre as opressões da atual conjuntura política refletidas na população desprovida de direitos, principalmente a população negra, periférica, LGBT, entre demais povos que se encontram resistentes às violações sofridas. Assim, durante o debate toda a plateia pode conhecer a trajetória de luta e de diversas dificuldades sofridas por quem milita a favor de tais causas. Tratam-se de mulheres que vivenciaram diversas formas de opressão, dentro e fora do Hip Hop, e que possuem o objetivo de proliferar suas ações dentro do Hip Hop pelo fim das violências machistas e em prol de uma sociedade mais justa e igualitária por meio da arte, da música e da dança.

“Se para as meninas estarem dentro do Hip Hop já é difícil, imagine para uma travesti, preta e periférica fazer rodas de Rap com os meninos.”. (RELATOS DA MC PÉROLA DURANTE O EVENTO “OCUPE MULHER”). Assim, para além das barreiras enfrentadas por essas mulheres dentro do Hip Hop, é importante ressaltar um importante destaque apresentado pelo evento, sendo o mesmo de grande ganho e ensinamento para a cultura. A Mc Pérola surge em Sergipe como símbolo de ousadia, persistência e resistência, palavras citadas pela mesma durante o evento “Ocupe Mulheres”. Como visualizado anteriormente, a discriminação enfrentada pelo público feminino é constante e durante a fala da Mc Pérola, ela mostra que para o público LGBT é ainda maior, visto que por muitas vezes sente-se constrangida e até mesmo excluída pelo público masculino, que em sua grande maioria são machistas e preconceituosos. A Mc Pérola ressalta ainda sobre a importância do fortalecimento de ideias, citando as mulheres do Hip Hop de Sergipe como pessoas em quem Pérola encontrou o apoio necessário para continuar na luta dentro daquilo que vive, seja por igualdade de gênero, racial, econômica e cultural.



Imagem 07: Debate entre Mulheres no evento “Ocupe Mulher”, sendo uma das programações da Semana Municipal do Hip Hop e dia municipal do Reggae. Fotografia: Registro retirado de redes sociais (Instagram) com pedido de autorização aceita.

Outra ação de suma importância para os militantes do Hip Hop, como também para a comunidade daquela região, foi a atividade desenvolvida no CRAS do Bairro Coqueiral, região periférica de Aracaju, no dia 02 de Agosto de 2019, onde foram debatidos temas pertinentes ao desenvolvimento do Hip Hop, como também as opressões vivenciadas por todos os cidadãos negros e periféricos. Tratava-se de um público jovem, acompanhado pelo serviço daquele setor, como também de alunos convidados da Escola Santa Rita de Cássia, de um bairro vizinho.

Para além do debate, ocorreram ainda oficinas de break e discotecagem com o público que ali se encontrava, como também alunos expuseram cartazes com situações e vivências que perpassam por um contexto social, de classe, de raça, de gênero, entre outras situações decorrente de suas origens. Assim, para além das atividades que ocorreram, o público ali exposto pode fazer uma conexão das semelhanças que permeiam suas vidas com as vivências do Hip Hop, podendo agregar-se futuramente como um ente enriquecedor de tal cultura.

Finalizo, portanto este subcapítulo com a reflexão de que os eventos de Hip Hop observados por mim são marcados pela resistência de jovens que não desistem de mostrar os reflexos positivos que sua cultura possui. Estes, mesmo sem grandes incentivos do poder público, não desistem de aplicar ações culturais destinadas à população, gerando assim uma melhor consciência política, cultural e social. Além disso, por meio de suas práticas, tais integrantes e militantes do Hip Hop possuem a capacidade de suprir, muita das vezes, a ausência do Estado, quando levam à sociedade informação, educação, lazer e cultura. É nesse

sentido que seus integrantes continuam almejando e lutando pela inserção do Hip Hop no âmbito das políticas públicas, pela potencialidade que possuem de manter ativa a socialização, a informação e as redes de sociabilidade e solidariedades que transformam vidas através da música, do grafite, da dança e da consciência.

CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como base a análise sobre a atuação política de jovens militantes do Hip Hop que buscam transformar as suas práticas em políticas públicas perenes nos municípios de Aracaju, Barra dos Coqueiros e Nossa Senhora do Socorro, região identificada como grande Aracaju. Neste sentido, o estudo se insere em temáticas voltadas às juventudes, estilo de vida, protagonismo, políticas públicas de juventudes e cultura, assuntos estes essenciais para se compreender como o Hip Hop é disseminando por um público predominantemente jovem, de periferia e ativo politicamente, que busca igualdade e justiça social.

A proposta deste estudo foi voltada aos indivíduos engajados politicamente na cena do Hip Hop, por isto muitas vezes os denominei como integrantes e/ou militantes. A partir disto, este trabalho é resultado de uma investigação que envolveu a utilização de ferramentas metodológicas como o mapeamento de indivíduos e coletivos de Hip Hop atuantes politicamente e que permitiram a realização de entrevistas semiestruturadas. Além disto, realizei observação direta em eventos e ações desempenhadas pelos militantes e integrantes do Hip Hop, mais especificamente as que interessavam para o estudo, ou seja, quando se tratavam de indivíduos atuantes em uma cena politicamente implicada na inserção de tal cultura em prol da legitimação de políticas públicas voltadas para a inclusão de jovens da periferia.

A categoria juventudes, que aparece como uma das principais discussões do presente estudo, passou por fases de apropriação e aceitação, sendo compreendida durante muito tempo de forma estigmatizada, tanto pela sociedade quanto pelo poder público, como rebelde, delinquente, sem expectativa de vida e parte de uma anomia social. Abramo (1997) analisa como ocorreu esse processo de estigmatização, que nos parece presente até hoje quando se trata de jovens pobres, negros e da periferia e quando visto por parte dos representantes do

poder público, que em suas falas abordam o desinteresse dos jovens da atualidade nos seus próprios desenvolvimentos sociais, profissionais, educacionais e econômicos.

Durante todo o estudo, resistência, persistência e desafios foram as palavras mais ouvidas. Novos atores, novas dinâmicas e novos territórios também foram observados durante esses meses de estudo e observação. Entretanto, a esperança, o sonho e a luta permanecem os mesmos.

Os indivíduos que atuam no Hip Hop já não são os mesmos de alguns anos atrás, embora a velha escola, representada nesta pesquisa por Mano Sinho, Negratcha e Mc Hot Black, permaneça ativa, sendo respeitada pelos mais novos devido à experiência que adquiriu na realização de eventos, na organização de coletivos e militância política.

Ressalta-se que embora todos façam parte da mesma cultura, nem todos possuem as mesmas pautas, desta forma, classifico o público como integrantes do Hip Hop e militantes do Hip Hop, visto que nem todos os indivíduos aqui pesquisados possuem uma consciência política essencial para a luta por direitos. Dois deles, os quais posso chamar de integrantes do Hip Hop, sendo o Mc Bidu e o D’Rap, são ligados somente à música, gravação de clipes e até mesmo venda de roupas relacionadas ao Hip Hop. Enquanto Mc Hot Black, Mano Sinho, Negratcha, Mc Yala, Mc Manu, Mc Kátia Couto chamo de militantes do Hip Hop, pois encontram-se em constante debate, luta, ocupação de espaços e busca pela ascensão de sua cultura. Além disto, os militantes do Hip Hop possuem em seus discursos a busca constante por direitos, possuindo dentro de suas práticas culturais a ferramenta capaz de transformar, resgatar e educar a sociedade.

Alguns militantes, outros integrantes, o fato é que os indivíduos que seguem, admiram e se divertem no movimento Hip Hop são, em sua grande maioria, jovens negros (pretos e pardos), com baixo poder aquisitivo, residentes em áreas periféricas e recebem pouca atenção do poder público. Além disto, recentemente surgiram também outras vertentes, como as que trazem o enfoque de gênero. Além dos grupos de mulheres no Hip Hop, também existem os grupos de Hip Hop LGBTQ+. Sim, porque não basta ser discriminado, ser excluído, ser maltratado por um sistema classista, racista e machista, eles e elas também vivenciam outras formas de exclusão por serem mulheres, homossexuais e travestis dentro do Hip Hop.

Mudança. Outra palavra em destaque no presente estudo, visto que os militantes do Hip Hop na grande Aracaju procuram dentro de si forças, união e desejo de modificar a cena atual. Muitos desses indivíduos enfrentaram e ainda enfrentam conflitos com outros grupos,

contudo procuram resolver suas diferenças em prol de uma mudança coletiva. Prova disso obtive a partir das entrevistas, eventos e discussões que presenciei, em que uma das frases mais citadas, direta ou indiretamente, foi: “precisamos nos unir mais e deixar nossas diferenças de lado”. Entretanto, tais diferenças podem partir de situações que excluem e que não oportunizam determinadas pautas. Deste modo, há quem ganhe certo destaque enquanto outros não conseguem o mesmo. Porém, todos os indivíduos e grupos, dos quais mantive contato, possuem uma grande bagagem de atributos importantes na construção da cena do Hip Hop não apenas na grande Aracaju, mas, sim, em todo o estado de Sergipe ou País, visto que é notória a expansão da voz ativa destes atores sociais em discussões que se proliferam no Brasil, através de eventos e discussões midiáticas (principalmente pela internet), por exemplo.

Compreendi, durante os meses de pesquisa de campo, nas cidades de Aracaju, Nossa Senhora do Socorro e Barra dos Coqueiros, que o Hip Hop pode ser representado pela palavra acolhimento, visto que abraça aqueles que necessitam de apoio artístico, social e político, não possuindo interesses financeiros, quando mobilizado como movimento social, embora artistas da cultura Hip Hop busquem viver do que fazem e se inserir em um mercado de bens culturais. Neste sentido, é necessário compreender que o retorno financeiro também é uma das pautas reivindicadas pelos integrantes e militantes do Hip Hop que deve ser desenvolvida pelo poder público, visto que também é de interesse e dever do Estado. Entretanto, foi visto que o recebimento de cachês, salários ou qualquer outro tipo de retribuição financeira quando são convidados para desenvolver ações ainda é um desafio a ser enfrentado pelos integrantes e militantes do Hip Hop, pois nem sempre são contratados para prestarem serviços.

Por meio das ações desenvolvidas pelos integrantes ou militantes do Hip Hop, assuntos antes tratados apenas dentro das universidades ganharam vez e voz dentro desta cultura, sendo reproduzido tal conhecimento dentro das comunidades periféricas. Se um dos objetivos do Hip Hop é resgatar jovens das situações de vulnerabilidade e risco social através da educação, atualmente tal objetivo se engrandece e se concretiza mais e mais, pois mudam-se as formas de discussão e inclusão deste público em espaços políticos, como no caso da ascensão e fortalecimento do debate sobre gênero no correr da última década.

É buscando a liberdade de expressão dentro de suas práticas culturais que tratam do dia a dia das populações jovens, negras e empobrecidas, que os militantes do Hip Hop debatem constantemente sobre assuntos relevantes e de resistência social, política e econômica. Desta maneira, podemos considerar que o Hip Hop é um movimento juvenil de origem periférica contra as opressões ocasionadas por diferentes sistemas de opressão.

Por mais que escutemos um discurso de valorização ao Hip Hop pelos representantes de políticas públicas da grande Aracaju, na prática, a cultura em questão só se mantém ativa pela ação dos seus próprios adeptos. Visualizei que a execução de atividades não é uma tarefa fácil, pois exige persistência e resistência daqueles que se encontram na linha de frente na busca pela aplicação destas atividades com os representantes do poder público, que dificultam as ações por inúmeras situações, como: falta de recurso para este tipo de dinâmica, desinteresse e até mesmo preconceito por se tratar de uma cultura de rua. Portanto, percebi que muitas são as negações e privações voltadas ao público do Hip Hop, que acabam desenvolvendo suas atividades de forma individual, sem retorno financeiro e muito menos incentivo.

Durante as entrevistas realizadas com os representantes do poder público, as pautas voltadas ao emprego e esportes eram mais presentes ao tratar do desenvolvimento das juventudes. Confesso que essas pautas são de extrema relevância, contudo ficou perceptível que o Hip Hop, sendo uma cultura educativa e de resgate, fora abordado como possibilidade sempre em última instância, apenas quando era citado ou indagado por mim. Tais representantes reconhecem o poder de transformação do Hip Hop, sendo a cultura incluída periodicamente nas atividades de seus setores, contudo não articulam políticas consistentes de continuidade e envolvimento participativo, como deveria acontecer e de acordo com a forma de abordagem dos militantes que desenvolvem tal cultura.

Leis de cunho cultural e artístico são criadas a fim de concretizar direitos e fomentar a importância de seus reflexos na sociedade, porém, muitas vezes estes compromissos não são desempenhados. Posso citar como exemplo a Lei municipal de Aracaju de nº 4.064/11 que estabelece a inserção de práticas culturais e artísticas voltadas ao Hip Hop dentro de políticas públicas da capital, contudo, após seu primeiro ano de execução foi esquecida por 06 (seis) anos e restabelecida posteriormente após muita luta.

Segundo a percepção dos integrantes e militantes do Hip Hop, a realização da II Semana Municipal do Hip Hop aconteceu somente 06 (seis) anos após sua criação por questões políticas partidárias, visto que no presente ano (2020) ocorrerão eleições e, com isto, certos atores da política procuram acionar alianças com diferentes setores da sociedade. É provável que os integrantes e militantes do Hip Hop resistirão aos próximos anos, como sempre têm feito, lutando pela inserção de sua cultura dentro das políticas públicas ofertadas pelo Estado, sejam as voltadas para as juventudes, sejam para outras categorias.

Com o não incentivo de políticas públicas inovadoras, efetivas e eficientes, surgem situações de vulnerabilidades e riscos sociais, fazendo com que o direito da população seja violado. É a partir dessa ineficiência que se exige a criação de outros serviços com o propósito de superar tais situações, contudo noto que não passa de um paliativo, que pode retroceder ao ponto inicial.

Outro desafio posto à sociedade é a grande rotatividade de secretários e/ou representantes de políticas públicas para as juventudes, os quais possuem pensamentos, ideologias e atitudes diferentes, podendo valorizar e incentivar ações culturais ou simplesmente ignorá-las. Além disto, a inserção de várias pastas dentro de uma só secretaria, como foi observado nos municípios estudados, pode deixar falhas em algumas demandas, pelo fato de serem trabalhadas determinadas ações e negligenciadas outras.

Desse modo, uma das grandes barreiras enfrentadas pelos militantes e integrantes do Hip Hop é a aceitação por parte do poder público que de fato as atividades que envolvem tal cultura podem se tornar parte da política pública, com propostas capazes de incluir, transformar e educar, se tornando uma ferramenta potencializada pelas periferias das cidades voltada ao empoderamento de muitos jovens na busca por sua autonomia.

É a partir disso que muitos militantes e integrantes do Hip Hop se interessam pela política partidária, a fim de conquistar de forma efetiva melhorias para o seu povo. Moreno e Almeida (2017) complementam essa ideia abordando que os jovens do Hip Hop são atraídos para essas disputas partidárias por meio de indivíduos já envolvidos com a política e que possuem o mesmo tipo de objetivos e discursos.

Assim, foi destacada uma grande parceira com partidos políticos, em especial o PCdoB e o PT, que constroem junto à militância do Hip Hop melhorias para o público jovem e artista. E, para além disto, os partidos políticos se apresentam como fortes aliados na criação de políticas públicas da grande Aracaju destinadas à cultura Hip Hop.

Concluo, portanto, que mesmo me sentindo impotente por não conseguir alcançar todos os integrantes e militantes do Hip Hop em destaque na grande Aracaju, somente uma parte deles em grande destaque, no decorrer das entrevistas e eventos em que participei me senti acolhida e valorizada por eles. Ao me apresentar como pesquisadora daquela cultura, os integrantes e militantes do Hip Hop demonstravam interesse e satisfação em contribuir com o estudo, afirmando que além de eu ser pesquisadora, também estaria me inserido no 5º elemento do Hip Hop denominado de “conhecimento”, me dando a oportunidade de

demonstrar a riqueza e grandeza de uma cultura que fomenta as potencialidades da periferia das cidades em espaços importantes como é a universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Mai/Jun/Jul/Ago 1997, N° 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 N° 6.

ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. NASCIMENTO, Natália Ilka Morais. **Políticas Públicas de Juventude: Dilemas entre avanços e descontinuidades**. Perspectivas em Políticas Públicas | Belo Horizonte | Vol. IV | N° 7 | P. 99-126 | jan/jun 2011.

ARACAJU. **Plano de Gestão 2017**. Prefeitura de Aracaju. Secretaria Municipal do Planejamento, Orçamento e Gestão. 2017. Disponível em <http://fazenda.aracaju.se.gov.br/transparencia/archives/relatorios_gestao/pma_seplog_relato_gestao_2017_01.pdf>.

BARBOSA, Greice Kelly. **Hip Hop e Arte: Dando Voz e Levando o Protagonismo aos Jovens e Adolescentes**. II Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: Desafios contemporâneos. Londrina PR, de 04 a 07 de Julho de 2017. Disponível em: <https://www.congressoservicosocialuel.com.br/anais/2017/assets/131562.pdf>. Acesso em 02/08/2019.

BOGHOSSIAN, Cynthia Ozon. MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos**. Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.3, p.411-423, 2009.

BRASIL. Lei nº 4.371 de 02 de Maio de 2013. **Dispõe sobre a organização básica da Secretaria Municipal de Juventude e Lazer**. Governo de Sergipe. 2013. Disponível em: http://200.151.187.98:8080/sapl/sapl_documentos/norma_juridica/19295_texto_integral. Acesso em 29/01/2019.

C, Toni. **O Hip Hop Está Morto! A História do Hip Hop no Brasil** / Toni C. – São Paulo: edição do autor, 2012.

CAETANO, Edson. AZEVEDO, Eva Emilia Freire do Nascimento. **Políticas Públicas e Juventudes: Algumas particularidades do caso brasileiro**. Polis, Revista Latino americana, N° 48, 2017, p. 37-59. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/polis/v16n48/0718-6568-polis-16-48-00037.pdf>>. Acesso em: 05/01/2019.

CAVALCANTE, Itanamara Guedes. **Juventude em pauta: O processo de construção da Política Pública de Juventude em Sergipe**. Dissertação de mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

DOUTOR, Catarina. **Um Olhar Sociológico sobre os conceitos de Juventude e de práticas Culturais: Perspectivas e Reflexões**. Última Década N°45, Proyecto Juventudes, Diciembre

2016, Pp. 159-174. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/udecada/v24n45/art09.pdf>>. Acesso em 19/02/2020.

DURANS, Claudemar Alves. **As Anastácias do quilombo: uma análise da participação e representação da mulher no hip-hop maranhense**. 2014. Disponível em: <<https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/1290/2/Claudimar%20Alves%20Durans.pdf>>. Acesso em: 04/08/2018.

DUPAS, Gilberto. **Hegemonia, estado e governabilidade: Perplexidades e alternativas o centro e na periferia**. Editora SENAC São Paulo 2001.

FEIXA, Carles. **De Jóvenes, bandas y tribos: Antropología de la juventude**. Editorial Ariel, S. A. 1999.

FILHO, João Freire. **Mídia, Consumo Cultural e Estilo de Vida na Pós-Modernidade**. ECO-PÓS- V.6, n.1, janeiro-julho de 2003, PP. 72-97.

FILHO, João Freire. **Repensando a resistência juvenil: subculturas, mídia e sociedade de consumo**. In: XIV Compós, 2005, Niterói, 2005.

FREITAS, Mara Raissa Santos Silva e. **Jovens mulheres, Hip-Hop, estilo de vida e feminismo**. Dissertação de mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe. 2018.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil: Movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. - São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção questão da nossa época; v. 123).

GROPPO, Luis Antonio. **Sentidos de Juventude da Sociologia e nas Políticas Públicas do Brasil contemporâneo**. R. Pol. Públ., São Luís, v. 20, n 1, p. 383-402, jan./jun. 2016.

HALL, Stuart y JEFFERSON, Tony (eds.): **Rituales de resistencia. Subculturas juveniles en la Gran Bretaña de Posguerra**, Madrid, Traficantes de Sueños, 2014.

HINKEL, Jaison. PRIM, Lorena de Fátima. **Um estudo psicossocial dos significados e sentidos expressos nas músicas de MV Bill**. Estudos de Psicologia, 14(2), Maio Agosto/2009, 151-15. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2009000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 14/05/2018.

MARCON, Frank. FILHO, Florival de Souza. **Estilo de vida e atuação política de jovens do hip-hop em Sergipe**. Revista de antropologia, são paulo, USP, 2013, v. 56 n° 2.

MARTINS, Rosana. **CONSTRUÇÕES DE ALTERIDADE: POLÍTICAS DE PERTENÇA E CULTURA HIP-HOP**. Periferia: Educação, cultura e comunicação. Universidade Nova de Lisboa. V. 4 n. 1 jan-jul 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552156373004>. Acesso em 10/02/2019.

MELUCCI, Alberto (1997). **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Revista Brasileira de Educação Nº5/6. São Paulo: ANPED.

MESSINA, Vanessa Barbosa. **Políticas Públicas De Juventude: Um Olhar A Partir Das Vertentes Teóricas Do Processo De Construção Das Políticas Públicas**. Anais do encontro de pesquisadores e pesquisadoras de políticas de juventudes. Secretaria Nacional de Juventude, Brasília, DF, 2014. Disponível em:

http://bibjuventude.ibict.br/jspui/bitstream/192/53/1/SNJ_EPPPJ_2014.pdf. Acesso em 27/03/2019.

MOASSAB, Andréia. **Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop**. – São Paulo: EDUC, 2011.

MORENO, Rosângela Carrilo. ALMEIDA, Ana Maria Fonseca de. **Quando jovens ativistas do hip hop encontram a política partidária**. Rev. Sociol. Polit., v. 25, n. 61, p. 5-29, mar. 2017.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. **A arte de resistir às palavras: inserção social, engajamento política e militância múltipla. As ciências sociais e os espaços da política no Brasil**. FGV Editora. 2013.

ORTNER, Sherry B. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. IN: **Reunião Brasileira de Antropologia (2ª: Goiânia: 2006) Conferências e práticas antropológicas** / textos de Bárbara Glowczewski, ... (et.al.); organizadores Miriam Pillar Grossi, Cornelia Eckert, Peter Henry Fry. – Blumenau: Nova Letra, 2007.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude—“alguns contributos”**. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165.

PEREIRA, Renata de Mello Cerqueira. **O que acontece embaixo da ponte? Juventudes e ocupação de espaço público**. Dissertação de mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Sergipe, 2016.

ROCHA, Heber Silveira. **Formação De Agenda De Políticas Públicas De Juventude No Governo Lula** - Anais Do Encontro De Pesquisadores E Pesquisadoras De Políticas Juventude– Brasília : Presidência Da República, 2014. Disponível em: http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0011/0685/Anais_Encontro_de_Pesquisadores_FINAL_24.07.pdf. Acesso em: 19/01/2019.

ROCHA, Janaína. DOMENICH, Mirella. CASSEANO, Patrícia. **Hip Hop: A periferia Grita**. Editora Fundação Perseu Abramo. 2001.

SANTOS, Regina Bega dos. **Movimentos sociais urbanos**. São Paulo: Editora UNESP, 2008. (Paradidáticos. Série Poder).

SERGIPE. **Relatório De Gestão 2017**. Secretaria de Estado do Esporte, Lazer e da Juventude – SEEL. 2018.

SILVA, Angélica Ferreira da. FONSECA, Marcos Vinícius Barbosa. PEREIRA, Jesana Batista. **O Movimento Hip Hop em Aracaju: Práticas culturais e inclusão social**. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais | Aracaju | v. 1 | n.17 | p. 219-228 | out. 2013. Disponível em: <file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/916-3601-1-PB.pdf>. Acesso em 19/01/2019.

SILVA, Angélica Ferreira da. COSTA, Larissa Ferro Duarte. FONSECA, Marcos Vinícius Barbosa. **Um Estudo do Movimento Hip Hop em Aracaju: Práticas Culturais e Inclusão Social.** Monografia apresentada ao curso de Serviço Social pela Universidade Federal de Sergipe, 2012.

SILVA, Alessandra Maria Sousa Silva. XIMENES, Verônica Moraes Ximenes. **Políticas públicas e juventude: análises sobre o protagonismo juvenil na perspectiva dos jovens pobres.** Pesquisas e Práticas Psicossociais 14(1), São João del-Rei, janeiro-março de 2019.

SIMÕES, José Alberto de Vasconcelos. NUNES, Pedro Belchior. CAMPOS, Ricardo Marnoto d Oliveira. **Entre Subculturas e Neotribos: Propostas de análise dos circuitos culturais juvenis. O caso da música Rap e do Hip Hop m Portugal.** Fórum sociológico, n. 13/14 (2 série), 2005, pp. 171-189

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: Culturas e identidades no Movimento Hip Hop.** Tese de doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, 2009a.

SOUZA, Regina Magalhães de. **Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz.** Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade, 1(1): 1-28, 2009b. Disponível em: <<http://www.observatorioadoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/02/Protagonismo-juvenil-o-discurso-da-juventude-sem-voz.pdf>>. Acesso em 15/02/2020.

SPOSATI, Aldaíza. **Exclusão social abaixo da linha do Equador.** Seminário Exclusão Social, realizado na PUC/SP, em 23/04/1998. Disponível em: <<http://www.twiki.ufba.br/twiki/pub/GEC/RefID/exclusao.pdf>>. Acesso em: 18/08/2018.

SPOSITO, Marília Pontes. CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude e políticas públicas no Brasil.** Set /Out /Nov /Dez 2003 N° 24.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Aceito participar da pesquisa sobre “**Juventudes, Hip Hop e Políticas Públicas na grande Aracaju**” da aluna **Angélica Ferreira da Silva**, referente ao curso de Mestrado em Sociologia.

Declaro que fui informado (a) que a pesquisa pretende compreender as formas de empoderamento dos jovens militantes do Hip Hop que buscam incentivo do poder público para o fortalecimento de sua cultura.

Como participante da pesquisa, declaro que concordo em ser entrevistado (a) pela pesquisadora em local e duração previamente ajustado permitindo a gravação das entrevistas. Fui informado (a) pela pesquisadora que tenho a liberdade de deixar de responder a qualquer questão ou pergunta, assim como recusar a qualquer tempo, participar da pesquisa, interrompendo minha participação temporária ou definitivamente.

() Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa, comprometendo-se a pesquisadora, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa.

_____, ____/____/____.

Assinatura do participante

Responsável pela pesquisa

**ROTEIRO DE ENTREVISTA DESTINADO AOS JOVENS MILITANTES E INTEGRANTES
DO HIP HOP NA GRANDE ARACAJU**

Nome/Apelido: _____

Idade: _____ Raça/Cor: _____ Gênero: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Bairro/Zona Em Que Mora: _____

Qual O Elemento Que Você Desenvolve No Hip Hop? _____

1. Em que momento você descobriu e decidiu participar do Hip Hop?
2. Qual o significado que o Hip Hop tem para a sua vida?
3. Qual o seu objetivo dentro do Hip Hop? Houve mudanças no início de sua trajetória em relação aos tempos atuais?
4. Qual a relevância social do Hip Hop na sua concepção?
5. Quais são os assuntos que você retrata com maior frequência dentro de sua prática cultural?
6. Você possui e procura retorno financeiro ao desenvolver suas práticas culturais?
7. Qual a fase de maior crescimento do Hip Hop em Aracaju? O que houve nessa fase? Em que nível o Hip Hop encontra-se atualmente?
8. Você conhece a Lei 4.064/11 (Lei municipal do Hip Hop)? O que mudou depois desta lei?
9. Você já participou de editais ofertados pela prefeitura? Obteve êxito/aprovação? Quais as maiores dificuldades?
10. Quais redes de relações colaboram e incentivam com o desenvolvimento de ações ligadas ao Hip Hop em Aracaju? De que forma isso acontece? Como começou essa relação?
11. Você possui ou já tentou possuir contato com gestores políticos de Aracaju? Caso sim, como se deu essa relação?
12. Você já foi convidado pela prefeitura para desenvolver atividades voltadas ao Hip Hop? Quais? Em que local? Por qual período? Qual o objetivo da atividade?

13. Você possui contatos dentro das políticas públicas que facilitou sua entrada dentro de ações ofertadas pela prefeitura?
14. Você possui trajetória em alguma associação, coletivo, movimentos sociais ou partidos políticos? Quais? Conseguiu benefícios para o Hip Hop com essa aliança?
15. Durante o mês de Maio (mês de comemoração do Hip Hop) como são desenvolvidas as atividades voltadas ao Hip Hop? A prefeitura desenvolve algo? Você desenvolve atividades de forma individual ou em parceria com outros indivíduos ou grupos?
16. Como vocês considera sua relação com demais grupos de Hip Hop? Todos possuem o mesmo objetivo?
17. Quem é ou quem são seus principais aliados na busca pelo fortalecimento do Hip Hop em Aracaju?
18. Na sua concepção o Hip Hop é valorizado e bem aceito pela sociedade e pelo poder público?
19. Quais suas maiores dificuldades e os desafios enfrentados dentro do Hip Hop?
20. Quais suas maiores conquistas e alegrias vividas por fazer parte do Hip Hop?

**ROTEIRO DE ENTREVISTA DESTINADO AOS REPRESENTANTES DE POLÍTICAS
PÚBLICAS DE JUVENTUDES NA GRANDE ARACAJU**

1. Qual o objetivo da política pública de juventude de sua cidade? Você acha que esse objetivo é alcançado?
2. Quais são as propostas da gestão atual para as juventudes? Quais os programas e projetos de maior destaque?
3. Qual o perfil dos jovens que vocês trabalham? (idade, classe, raça, gênero, escolaridade?).
4. Como você visualiza as juventudes de antes e de hoje? Quais as principais problemáticas e potencialidades?
5. Você conhece o Hip Hop? Comente o que você acha deste fenômeno social?
6. Há propostas dentro da política de juventudes que envolva o Hip Hop?
7. O que você acha que o Hip Hop pode oferecer às juventudes da sua cidade?
8. É dever do Estado promover ações de prevenção e proteção das juventudes. Você acha que o Hip hop possui essa capacidade?
9. Você já tentou desenvolver ações voltadas ao Hip Hop e não obteve êxito? Caso sim, qual foi o motivo?
10. Para finalizar, me conte sobre conquistas e desafios encontrados por você ao desenvolver